

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 9 | JULHO 2025

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir





Ler e escrever é resistir

N.º 9 | JULHO 2025

EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Paula Campos

QUESTIONÁRIO
DE PROUST A...

6 MAFALDA SANTOS

PER FICTA, RESISTERE

8 A ÚLTIMA DEMÃO DE TINTA

Alexandra Ferreira

10 A ÚLTIMA DENTADA

Ana Paula Miranda

14 O SILÊNCIO DE DEUS TEM
VOZ DE MULHER

Analita Alves dos Santos

18 A ESCULTURA DE LUZ

Carla Carmona

22 O ARTISTA DO INACABADO

Cláudia Passarinho

24 A MANTA DA AVÓ ALICE

Filipa Vicente

28 BAILE DE MÁSCARAS

Isa Silva

32 A MELODIA DAS RUÍNAS

Lara Fernandes

36 A CICATRIZ

Maria da Paz Camacho

40 TALVEZ

Nuno Amaral Jorge

44 BOLEIA FINAL

Sónia Pedroso

48 PRIMEIRA PORTA À DIREITA

Susana Forte

DA PALAVRA À FORÇA

96 QUANDO (AINDA) FALTA O
TEMPO QUE NOS SOBRA

Júlia Domingues

GAVETA CRIATIVA

98 FICÇÃO COMO REAL?

David Roque

CRÓNICA DO VIAJANTE

104 A REGIÃO MAIS TENEBROSA

João Ventura

BESTIÁRIO ARDILOSO

112 O JORNALISTA NU

David Roque

A LITERATURA
PELOS TEMPOS

4 O ROMANTISMO OU O ESTADO
SUPREMO DAS EMOÇÕES?

Gisela Silva

IN METU, VERITAS

52 VÉU

Ana Rita Garcia

53 ACREDITA EM MIM

Inês Garcia Morais

54 TUDO POR TI

JP Félix da Costa

55 COLHEITA DA PRIMAVERA

Susana Lares

PÉS DE PETIZ

56 E AGORA?

Ana Costa

60 NA CONTOLÂNDIA

Maria Gaio

62 PANTUFAS, O INCOMPLETO

Teresa Dangerfield

SALTANDO DO
PARÊNTESES

86 A CARTA QUE NUNCA (TE)
ESCREVI

Ana Faisca Pinheiro

88 CRÔNICA DE UMA FINITUDE

Felipe Cattapan

90 A CRIAÇÃO É UMA SERPENTE

Hugo Filipe Lopes

92 A BELEZA DO VIR A SER

Luciana J. Morais

94 O ACHIEVEMENT ESTÁ
OVERRATED

Paula Eduarda Figueiredo

LÍNGUA MÁTRIA

100 A REVISÃO DE TEXTOS E A
UTILIDADE DOS DICIONÁRIOS

Ana Salgado

102 COMO ESCREVER FRASES
INESQUECÍVEIS?

Marco Neves

LUSOFONIAS

108 DOMESTICAÇÃO

Oswaldo Martins

SENTENTIA

114 A VELHA DESORDEM MUNDIAL

Paulo Pereira

RESISTENTIA POETICA

64 PARA DESENHAR UMA MULHER

Rita Tabora Duarte

66 A OPACIDADE DO OLHAR

Agostinha Pópulo

67 ÀS CANCELAS DO REQUINTE
INACABADO

Ana Ribeiro

68 CHÃO

Ana Sofia de Brito

69 AQUILO QUE FICA

Anabela Moreira

70 AS PAPOILAS RUBRAS DA PAZ

Cidália Patrícia Santos

71 O REQUINTE DO INACABADO

Filomena Fonseca

72 TRAÇOS INCOMPLETOS

Leonilda Pereira

73 CADELA FEMININA

Liliane Beijoca

74 GAZA 2025

Luís Aguiar

76 É POR AMOR QUE O MAR
REGRESSA À NÁSCENTE

Mafalda Carmona

77 VENS?

Márcia Vieira Ávila

78 SE ME LESSES

Margarida Correia

79 REQUINTE COM VISTA PARA
O NADA

Maria José Esteves

80 UM DESLUMBRE QUASE
PERFEITO

Maria Luísa Francisco

81 EVIDÊNCIAS

Maria Silvéria dos Mártires

82 METÁFORAS DA IMPERMANÊNCIA

Maria Toscano

83 SEM TÍTULO

Marta Donato

84 SEMPRE À ESPERA DE SER

Matilde Lopes

85 SERIA TÃO FÁCIL SE NÃO
FOSSE COMPLEXO

Paulo T. de Morais

PALAVRA DE LEITOR

110 TRILOGIA DA CIDADE DE K.

Paula Campos

A BIBLIOTERAPEUTA
SUGERE

116 O REQUINTE DO INACABADO

Sandra Barão Nobre

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Paula Campos | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, Cláudia Passarinho, David Roque, Inês Pinto, Maria Galvão e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da Redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com | Estatuto editorial ©2025 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados. Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

O REQUINTE DO INACABADO

Analita Alves dos Santos

Haverá uma beleza oculta nas obras por concluir? Um encanto que se insinua precisamente onde falta a última pincelada, a frase final, o desfecho anunciado? Este número da *PALAVRAR* rende-se ao fascínio do inacabado.

Vivemos ofuscados por metas, conclusões, versões finais. Mas e se o que permanece em suspensão disser mais do que a perfeição formal de um texto encerrado? E se a força da literatura estiver, precisamente, na recusa de um fecho imposto, abrindo espaço para o leitor habitar o que não se diz?

Neste número, celebramos o rascunho que impele. Damos lugar à hesitação criativa, ao esboço que recusa desaparecer, às narrativas que se interrompem como quem deixa uma porta encostada. Aqui, o inacabado não é desistência ou recuo: é outra forma de continuar. É insistência.

Entre contos, ensaios, crônicas e poemas, percorremos os caminhos em que a linguagem se permite não concluir. Encontrará textos que não se fecham — não por incapacidade, mas por lucidez.

Porque talvez o requinte maior esteja em saber parar antes do fim, ou em aceitar que o fim, na escrita — como na vida —, raramente chega quando se espera.

Boas leituras.

Paula Campos

Caro leitor.

Cumpré, antes de mais, reconhecer e celebrar o trabalho de Diana Almeida, que concebeu esta revista e a moldou como espaço vibrante de criação e partilha da arte da palavra. Assumir este cargo é um privilégio e um compromisso: dar continuidade ao caminho percorrido, promovendo o diálogo entre vozes emergentes e outras consagradas, num constante exercício de renovação e descoberta.

Temos sonhos e objetivos. Os primeiros serão sempre bússola; os segundos concretizam-se com o profissionalismo que nos move.

Tal como o mote, esta será sempre uma revista inacabada. Não se trata de ausência, mas de possibilidades em aberto, de fragmentos que preencherão as nossas páginas em cada edição e que — gostamos de acreditar — ecoam para lá da última palavra impressa. Uma revista em constante descoberta. O inacabado é um mundo pleno de vazios.

Que esta edição nos inspire a preenchê-lo e a reinventar os contornos da literatura.



O ROMANTISMO OU O ESTADO SUPREMO DAS EMOÇÕES?

GISELA
SILVA

No final do século XVIII e início do século XIX, o Arcadismo, representado pela Nova Arcádia, ainda dominava o cenário literário português, querendo continuar a promover uma poesia pautada pela simplicidade, racionalidade e ideal bucólico. No entanto, as disputas internas e a crescente insatisfação perante as limitações estéticas, às quais tinham de se submeter os poetas, foram preparando o seu declínio. Paralelamente, a Europa passava por profundas transformações culturais e políticas, o que, como se sabe, também influenciou a literatura portuguesa, preparando o terreno para o Romantismo, que vigorou até meados do século XIX.

Saindo dos escombros de uma escola subjugada ao rigor estético, os ideais românticos assumem-se dando ênfase à liberdade criadora, permitindo-se os sentimentos e a emotividade exacerbados de quem pretende fazer valer a sua subjetividade estética.

De que falamos? De forma simples, pois é este o propósito desta rubrica, de cinco pontos fundamentais. O primeiro, prendendo-se com as enormes alterações sociais e culturais, prevaleceu na alteração do *modus operandi* da sensibilidade estética. Isto é, destacou a perceção da importância da demanda do Eu, que, mais do nunca, procura na literatura o inverso da rigidez formal arcádica. O escritor e o leitor desejam a voluptuosidade da emoção plena, a identificação com o texto, logo uma expressão literária marcadamente pessoal e expressiva.

O segundo, que se pauta pelo júbilo do sentimentalismo, aponta como expoente máximo do *fazer-se literatura* a subjetividade do indivíduo e a sua introspeção emocional. Esta deificação da emo-

tividade levará o Eu à submissão e ao sofrimento, muitas vezes, pela intensificação da dor causada por um amor impossível ou não correspondido, de acordo com a noção de tragicidade preconizada no Romantismo. A idealização da Mulher e do Amor irá também imiscuir-se nas noções de impossibilidade *versus* amparo associados à imagem da mulher-anjo, dotada de qualidades que a aproximam do celestial, como em *Amor de Perdição*, por exemplo.

O terceiro, intimamente associado, como não poderia deixar de ser, à influência do «Nobre Movimento da Liberdade Romântica» na Europa – anunciado por vários autores como Byron, Chateaubriand, Goethe, Stendhal, Victor Hugo, entre outros – que *entrará em ombros* no nosso país, pois era premente que todos comungassem dos ideais do Romantismo. Caso contrário, como se poderiam compreender as malogradas vivências amorosas do herói romântico, as vicissitudes da sua existência, enfim, a sua capacidade de total entrega ao sofrimento?

O quarto, o enaltecer do culto da natureza agreste, numa glorificação do passado, onde a experiência com a natureza deve ser assimilada de forma intensa, comungando o indivíduo da paisagem sombria, isolada, lúgubre mesmo (*o locus horrendus*), que despertará a espontaneidade criadora, capaz de lhe provocar e/ou atenuar sentimentos como a solidão, a paixão e a nostalgia. Atente-se que a necessidade de aproximação a tudo o que é místico e sobrenatural, nomeadamente ao nível da comunhão com a natureza, levou muitos escritores a recorrer ao imagético-simbólico da força do mito e da lenda. A descrição da serra e o enlevamento da personagem Jacinto ao observá-la, em *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz, são uma reminiscência dessa harmonia entre o Eu, que sente em demasia, e o espaço, que o absorve e acalenta, revigorando, mais do que a sua individualidade, a sua individualização.

O quinto, intimamente associado ao impacto da Revolução Francesa, às invasões napoleónicas, nomeadamente em Portugal, à Revolução Liberal, às

guerras civis entre os Absolutistas e os Miguelistas, à independência do Brasil, logo, ao nacionalismo e revivalismo, numa permanente exaltação do passado histórico português. O espírito nacionalista que se espalhou em muitos dos textos, como o poema *Camões* ou a peça *Frei Luís de Sousa*, ambos de Almeida Garrett, é um exemplo indubitável. Citaríamos ainda *O sargento-mor de Vilar*, de Arnaldo Gama, onde a resistência heroica do povo portuense, consubstanciada no episódio do desabamento da Ponte das Barcas, é a exaltação do patriotismo; *O Monge de Cister*, de Alexandre Herculano, que resgata os valores da Idade Média portuguesa, ou *Viagens na Minha Terra*, cujo hibridismo articula a narrativa, o ensaio e a crítica literária, querendo-se sublevar pela sua inovação literária.

Arrojado na sua forma de ser e de se exprimir, amado por uns, apontado por outros, o Romantismo terá tomado proporções tais que muitos foram os escritores que, como a personagem Tomás de Alencar, de *Os Maias*, incendiaram discussões mais emotivas do que literárias, defendendo um idealismo capaz de destruir motivações contrárias, em duelo de espada, se necessário fosse.



Consultas bibliográficas:

Aguar e Silva, V. (1992). *Teoria da Literatura*. Lisboa: Almedina.
Araújo, Ana Cristina (1994). *História de Portugal*. Vol. 5, «As invasões francesas e a afirmação das ideias Liberais». Lisboa: Círculo de Leitores.
Catroga, Fernão (1994). *História de Portugal*. Vol. 5, «Romantismo, literatura e história». Lisboa: Círculo de Leitores.
Castro, A. P. (1973). *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Arcadismo ao Romantismo*. Coimbra: C. Estudos Românicos.
Coelho, J. do P. (1977). *A Originalidade da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa,
França, José-Augusto (1999). *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
Gautier, Théophile (1993). *Histoire du Romantisme*. Haute-Saône: Héricourt - L'harmattan.
Lopes, O; Saraiva, A. J. *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora. 1999.
Marnoto, R. (2010). *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. 4, «Neoclassicismo e Pré-Romantismo». Lisboa: Verbo.
Monteiro, Ofélia; Santana, M. Helena (org.) (2003). *Almeida Garrett: um romântico, um moderno*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
Nunes, Paul. (2003). *O Romantismo: a dor do sentir*. Ed. de Autor.
Pina, Álvaro (Coord. e dir.) (1984). *Posições românticas na literatura inglesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
Pires, M. L. G. e J. A. Carvalho (2001). *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. 4, «Maneirismo e Barroco». Lisboa: Verbo-Editora

Reis, Carlos; Pires, Maria da Natividade (1993). *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. 5, «O Romantismo». Lisboa: Verbo-Editora.
Vargues, Isabel (1994). *História de Portugal*. Vol. 5, «O processo de formação do primeiro movimento liberal: a Revolução de 1820». Lisboa: Círculo de Leitores.

Bibliografia de autor:

Gama, Arnaldo (2011). *O sargento-mor de Vilar*. Guimarães: Opera Omnia.
Garrett, Almeida (1994). *Viagens na Minha Terra*. Porto: Porto Editora.
Garrett, Almeida (1997). *Frei Luís de Sousa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
Garrett, Almeida (1999). *Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
Herculano, Alexandre (1989). *O Monge de Cister*. Coimbra: Edições Almedina
Queiroz, Eça (1991). *A cidade e as serras*. Lisboa: Círculo de Leitores.
Queiroz, Eça (1991). *Os Maias*. Lisboa: Círculo de Leitores.

MAFALDA SANTOS



Fotografia de António Machado

Mafalda Santos nasceu em Lisboa em 1982.

Licenciada em Teatro/Encenação pela Escola Superior de Teatro e Cinema, desde 2005, concluiu também outros cursos e formações relacionados com o teatro, tais como o curso de interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais.

Estreia-se em 2000, como atriz, no Teatro Nacional D. Maria II, e desde então tem trabalhado em inúmeros projetos, tanto como atriz como encenadora.

Em televisão participou em "Morangos com Açúcar", "Laços de Sangue", "Conta-me Como Foi", "Floribella", "Maternidade", "1986", etc.

Em 2009 começa a escrever para teatro destacando-se os espetáculos "À Espera de Gorete" no Teatro da Trindade "Simão e o Livro Mágico" no Teatro Villaret, "Alice no País das Maravilhas, no Gelo" "Feiticeiro de Oz no Gelo", "Aladino no Gelo", "Quebra-Nozes e o Reino do Gelo (AMLive) "A Companhia I, Os Lusíadas um Musical Pimba", no TeatroEsfera, "Num Abril e Fechar de Olhos", no Teatro Extremo, "A Companhia II, Os Maias, um musical outra vez", "Bridezilla" (com estreia em outubro de 2025 no Teatro Villaret), entre outros.

Guionista de televisão inicia o seu percurso no programa "5 para a Meia Noite" com apresentação de Nuno Markl.

Como encenadora destaca-se "*Lusitânia Comedy Club*", "*Marx na Baixa*", "*Homem Morto Não Chora*" e muitos dos textos da sua autoria.

É autora dos livros *Conta-me*, *Escuridão*, *Do Outro Lado*, *Enquanto o Fim Não Vem* (vencedor do Prémio Ataegina 2024, Livro do Ano) e *Aquilo que o Sono Esconde*, editados pela Penguin Random House-Suma de Letras e do livro infantil *A História do Coco que Aprendeu a Ser Ovo*, editado pela Almedina – Minotauro.

A par disto, dá aulas de teatro há 14 anos no TeatroEsfera, e faz dobragem de voz para filmes e séries de animação, bem como locução de filmes e publicidade.

1 | Qual o principal aspeto da sua personalidade?

A determinação. Quando meto uma coisa na cabeça não há quem me demova.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

A honestidade intelectual.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

A honestidade intelectual.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

Que estejam presentes.

5 | Qual é o seu principal defeito?

A desorganização.

6 | Qual o seu passatempo favorito?

Viajar.

7 | Qual a sua noção de felicidade?

Chegar ao fim do dia e pensar que estou exatamente onde queria e ao lado de quem desejava.

8 | Qual a sua noção de infelicidade?

Perder alguém que amo.

9 | Se não fosse você mesmo, quem seria?

Não consigo fazer esse exercício. Este alguém que sou já me dá tanto trabalho...

10 | Onde gostaria de morar?

Junto ao mar.

11 | Qual a sua cor favorita?

Verde.

12 | Qual o seu escritor favorito?

José Saramago.

13 | Qual o seu poeta favorito?

Herberto Helder.

14 | Qual o seu herói favorito na ficção?

Prometeu.

15 | Qual a sua heroína favorita na ficção?

A Mafalda, de Quino.

16 | Quais os seus pintores e compositores favoritos?

Na Pintura: Guillermo Lorca Garcia, Gottfried Helnwein, Caravaggio...

Na música: Wim Mertens, Philip Glass, Ryuichi Sakamoto, Carlos Paredes, Alt-J...

17 | Quais os seus heróis na vida real?

Álvaro Cunhal, José Afonso, Sérgio Godinho, José Mário Branco.

18 | Qual a sua figura feminina favorita na história?

Rosa Parks.

19 | Quais os seus nomes favoritos?

Vasco.

20 | O que mais odeia?

A mentira.

21 | Quais as figuras históricas que mais odeia?

Hitler.

22 | Qual o evento militar que mais admira?

A Revolução do 25 de Abril.

23 | Qual o talento natural que gostaria de ter?

Desenhar.

24 | Como gostaria de morrer?

Muito velha, lúcida e durante o sono.

25 | Qual é o seu estado mental atual?

Estou muito revoltada e ansiosa pela injustiça e desumanização que se passa no mundo.

26 | Por qual defeito tem menos tolerância?

O racismo (Que não é defeito, é crime.)

27 | Qual o seu lema favorito?

Quem luta às vezes perde. Quem não luta, perde sempre.

A ÚLTIMA DEMÃO DE TINTA

ALEXANDRA
FERREIRA

Maria parou diante da casa. A chave pesava na mão como uma sentença antiga. O portão de ferro, coberto de heras, deixava entrever uma fachada cansada, mas de pé. Não era o frio que lhe tremia os dedos, era a herança silenciosa que agora se erguia à sua frente. Respirou fundo. Entrou.

No átrio, o ar tinha o cheiro estagnado de coisa adormecida. As cortinas de renda amarelecida ainda pendiam das janelas. Lençóis sobre os móveis sugeriam fantasmas à espera de libertação. Uma cadeira oscilava levemente, como se alguém tivesse acabado de se levantar.

A chave, de cabeça em flor-de-lis, abria não só a porta, mas um tempo soterrado. Percorreu a sala e os corredores com passos contidos. Nas paredes, desenhos a carvão — vultos de mulheres, flores, luas — contavam segredos sem língua.

Na cozinha, encontrou o bilhete: «*A casa é tua agora. Não tenhas pressa. Há paredes que não se pintam.*» Era a caligrafia firme da tia Leonor, aquela mulher de saias longas e pulseiras tilintantes, de mãos que curavam e olhos que viam fundo. A mulher a quem chamavam santa, bruxa, exilada. Para Maria, fora porto e reflexo.

Subiu as escadas. O soalho rangia como quem protesta contra o esquecimento. No quarto principal, junto ao espelho oval, havia outro bilhete, colado no verso com fita seca:

«*Se vires quem és, pinta.*»

Hesitou. Estava ali para preservar ou para transformar? A casa era santuário ou semente?

Desceu. Sentou-se no chão da sala. Retirou do bolso a pedra que a tia lhe dera em criança: «Para te lembrares de quem és, mesmo quando todos esquecerem.» Durante anos carregara-a sem entender. Agora compreendia, Leonor não a preparara para guardar memórias, mas para reescrever linhagens. Decidiu.

**«No dia seguinte,
comprou tinta. Vermelha.
Escolheu a parede do
fundo da sala, a mais
gasta, a mais ferida.
Limpou-a com panos
húmidos, raspou camadas
de pó, soltou os pregos
antigos. Depois, ergueu
o rolo e encostou-o ao
reboco cru.»**

No dia seguinte, comprou tinta. Vermelha. Escolheu a parede do fundo da sala, a mais gasta, a mais ferida. Limpou-a com panos húmidos, raspou camadas de pó, soltou os pregos antigos. Depois, ergueu o rolo e encostou-o ao reboco cru.

A cor escorria densa, sangue desperto. Cada passada era um gesto. Cada camada, uma promessa. Quando terminou, recuou um passo. Sorriu. Naquela parede, far-se-iam encontros. Ali, mulheres fariam alto. Ali, ninguém mais se esconderia.

No vidro embaciado, escreveu com o dedo: «Ciclo Leonor – Oficinas para Mulheres.»

Abriu as janelas. O ar entrou com força, varrendo os lençóis. Na madeira da porta, pousou a pedra. Era a nova guardiã.

O vermelho na parede ardia como aurora.



A ÚLTIMA DENTADA

ANA PAULA
MIRANDA

O relógio avança sem olhar para trás. A cada movimento dos ponteiros dá algumas respostas explícitas e outras menos evidentes. O tempo é isso mesmo. A galope, de manto ao vento, percorre o infinito. Fecha ciclos. Abre novas eras, ora luminosas, ora encobertas pelas trevas.

Essa criatura estranha, que não se deixa ver, intimida os mortais. Todos. Nem os mais racionais escapam. Pertence ao grupo dos que não se deixam governar. Muitos tentaram impor-lhe regras através do autoritarismo, sem sucesso. Ninguém o detém. Elias, o engenheiro de almas, inquietava-se a cada momento que passava, antevendo avanços demasiado apressados para o seu gosto.

— Não o conheço. Nunca lhe vi o rosto, nem sequer o consegui cheirar. Ele existe, sem dúvida alguma. Se não, qual a explicação para esta cortina de cabelos brancos que cobre a minha cabeça? Como justificar as rugas que me sulcam o rosto neste leito de rios gretados pela seca? E a curvatura na coluna que veio quebrar-me a compostura?

— Pai, por que te preocupas tanto?

— Ele vem sem avisar. Quando menos se espera, já tomou conta da nossa vida. Devíamos estar preparados. Não nos iludamos. Nunca conseguimos chegar a um acordo. Ele é quem manda. Ditador sem coração!

Alexandre não entendia bem o que o pai queria dizer. Aliás, ultimamente, andava estranho, com conversas difíceis de acompanhar. Com quinze anos, Alexandre percebia a existência do ontem, do hoje e do amanhã. Não se importava com mais nada. Tudo parecia sempre igual. Continuava a ser o Alexandre, filho de Elias e Helena.

O pai tinha-lhe explicado que a vida e a morte se entrelaçam. Mas, também, que a Humanidade não quer partir inacabada. Não admite ser esquecida, muito menos ignorada pelas gerações seguintes.

«Essa criatura estranha, que não se deixa ver, intimida os mortais. Todos. Nem os mais racionais escapam. Pertence ao grupo dos que não se deixam governar. Muitos tentaram impor-lhe regras através do autoritarismo, sem sucesso. Ninguém o detém. Elias, o engenheiro de almas, inquietava-se a cada momento que passava, antevendo avanços demasiado apressados para o seu gosto.»

Deixar marcas e obra feita é uma pegada indestrutível. A tal linha que separa o "eu" dos "outros" numa fusão do "nós".

— Já estás a complicar tudo. Há algum tempo que andas a tropeçar nas palavras ou nos pensamentos, sei lá. Explicaste-me que ter um filho, escrever um livro e plantar uma árvore são três feitos que nos

tornam imortais. Falta dizeres o que acontece se morrermos antes de realizar as três coisas.

— Morremos na mesma. Imperfeitos.

— Bem, então há muita gente imperfeita por aí! Dessas três coisas, acho que só vou conseguir fazer uma.

— Estou a ver... Ser pai?

— Errado. Não quero ter filhos e não tenho jeito para escrever. Plantar uma árvore é a mais fácil.

Elias sorriu, conivente com a leveza imatura da adolescência. Ele próprio ainda não tinha concretizado todas as tarefas. Aliás, a que mais lhe interessava nem sequer constava da trilogia da imortalidade. A ponte: essa seria a obra que o incluiria para sempre na eternidade. Elias, o construtor da ponte mais longa do planeta Terra. Isso, sim, soava bem. Evocava monumentalidade, solidez e durabilidade.

Há anos que a projetava. Primeiro na mente, depois no papel. Esboços, estudos, ensaios multiplicavam-se. A semente, lançada muito antes do nascimento de Alexandre, ainda não germinara. Elias chegou a pensar que era uma espécie de maldição por ser tão ambicioso.

O tempo não esperava. Aos cinquenta anos decidiu ser pai. Casou-se com Helena, vinte anos mais nova. Não queria correr o risco de não conseguir procriar. Uma mulher jovem oferecia garantias de sucesso. Não qualquer uma. Precisava de ser tão formosa que o encantasse sem hesitação e tão delicada que o seduzisse como uma substância aditiva. O vício da perfeição. A seiva do compromisso. Para sempre.

Helena via nele um homem de intenções estampadas no rosto. Apreciava a determinação e a profundidade do olhar aveludado. Sentia firmeza nos sentimentos que não hesitava em demonstrar. Adorava quando Elias lhe dizia que a amava. Que era a mais bela flor de lótus do seu paraíso. Um tesouro só seu. Lia nele a sutileza das palavras, a profundidade do belo e do incompleto. A barba escura, agora malhada de neve, emoldurava o rosto de pele morena, de onde emergia um nariz adunco. Alexandre, o filho, não herdara essa característica física. A boca de Elias dava voz à fábrica de ideias e concebia o beijo arrebatado. E que beijo. E que abraço.

Elias, em ânsias, era assaltado pelas dores lancinantes da incerteza: alcançaria o sublime querer? Desejar exigia fazer. O projeto da ponte avançava noite após noite, em insónias continuadas. A ideia era dar a volta ao mundo numa engenharia que

**«Adorava quando Elias
lhe dizia que a amava.
Que era a mais bela
flor de lótus do seu
paraíso. Um tesouro
só seu. Lia nele a
sutileza das palavras,
a profundidade do
belo e do incompleto.
A barba escura, agora
malhada de neve,
emoldurava o rosto
de pele morena, de
onde emergia um nariz
adunco. Alexandre, o
filho, não herdara essa
característica física.
A boca de Elias dava
voz à fábrica de ideias
e concebia o beijo
arrebatado. E que
beijo. E que abraço.»**

transcendesse a técnica e a funcionalidade. Cada pilar seria acompanhado de arcadas construídas com materiais diferenciados: madeira, ferro, pedra, marfim, bambu... representando características de várias civilizações. Os arcos respeitavam ordens arquitetónicas variadas: de volta perfeita, ogivais, em ferradura, do tipo Tudor, em anel, rampantes, elípticos ou rebaixados. >

Alexandre preocupava-se com o afã do pai. Reconhecia nele traços de loucura. Como poderia imaginar que uma ponte daquelas fosse possível? Não lhe podia dizer que parecia doido, nem que a falta de sono lhe provocava confusões.

— Andas a trabalhar muito. Não achas melhor descansar? Eu e a mãe estamos preocupados contigo.

— Não há motivo. Estou a criar o que ninguém algum dia imaginou. A ponte mais longa do planeta Terra. Vai dar a volta ao globo num círculo perfeito.

— Sim, sabemos da tua ideia. Mas já viste bem? Madeira, marfim... Isso não vai durar muito.

«A preocupação não a abandonava. Temia pela sua saúde física e mental. Receava perdê-lo. Havia cumplicidade entre ambos. O mesmo não se podia dizer da intimidade. O tal do tempo só deixava espaço para a obra. Ainda assim, não cogitou partir. Naquela casa, que preferia chamar lar, residia a riqueza que nunca conhecera antes: a família, o amor sem cobranças, a liberdade de ser e de agir conforme as suas opções.»

— Tudo é impossível até ser conseguido. Estes materiais não ficam suspensos no ar. Para os ligar coloco no sítio certo, cristais, xisto, mica e feldspato. Os meus cálculos estão bem fundamentados na engenharia mais avançada.

"Pobre pai", pensava o rapaz. "Não consigo contrariá-lo. Está tão entusiasmado com a obra que parece ter atravessado para o outro lado."

Helena acompanhava os passos do marido. Tentava não o deixar sozinho. Mostrava-se interessada no projeto. A preocupação não a abandonava. Temia pela sua saúde física e mental. Receava perdê-lo. Havia cumplicidade entre ambos. O mesmo não se podia dizer da intimidade. O tal do tempo só deixava espaço para a obra. Ainda assim, não cogitou partir. Naquela casa, que preferia chamar lar, residia a riqueza que nunca conhecera antes: a família, o amor sem cobranças, a liberdade de ser e de agir conforme as suas opções.

A corrente de três elos mantinha-se fortalecida: Elias, Helena, Alexandre. A perfeição humana, cheia de diferenças e de complacências. A ponte que os unia não precisava de mais tecnologias. Maior perfeição era impensável.

Elias continuava o seu intento. Era só ligar os arcos e os pilares no sítio certo, e o quebra-cabeça estaria completo, seguro e colorido. Estava a ficar bonito.

Helena permaneceu vigilante:

— Tens de te alimentar. Barriga vazia não puxa a carroça.

— Barriga cheia provoca sono que é inimigo da exatidão.

As palavras não o convenceram. Helena decidiu agir. Foi à cozinha, preparou um tabuleiro com torradas bem amanteigadas, ao gosto de Elias, e uma bebida de cevada. Alinhou três túlipas cor-de-rosa. Intimou-o a fazer uma pausa. Haveria tempo para terminar o trabalho.

Ele lançou-lhe o sorriso mais radioso que vira. Acenou para que Helena se sentasse no seu colo. Envolveu-a num abraço profundo.

Alexandre chamou a mãe, que foi ver o que o filho queria. Ao voltar, Elias descansava no sono eterno. Ao seu lado, a torrada com a marca da dentada sorria. Eternamente.



O SILÊNCIO DE DEUS TEM VOZ DE MULHER

ANALITA
ALVES DOS SANTOS

E Ele disse: *Eis que Eu venho em breve.*

Depois, calou-Se.

Ninguém sabe ao certo quando foi a última vez que Deus falou. Os teólogos dizem que foi no Apocalipse. Os outros, a maioria, desistiram de procurar respostas.

Eva Mira, investigadora de linguística e tradição bíblica, cresceu entre as palavras que a mãe nunca disse e os versículos que o pai recitava de cor. Foi o pai quem lhe ensinou a distinguir o som da palavra e o peso da ausência. Com a mãe, aprendeu a escutar o que nunca chegava a ser dito. Foi num domingo chuvoso que os perdeu. Um carro desgovernado, uma estrada molhada, Eva ao volante. Não teve culpa, mas a culpa não costuma ouvir razões ou aceitar desculpas.

Muitos anos passados, naquela manhã também chuvosa, acordou antes do despertador. Os gatos dormiam enroscados no tapete da cozinha. Preparou o café, ligou a rádio, ouviu por alto as notícias: mais um ataque informático, protestos contra a nova lei da linguagem neutra, frio fora de época. Nada lhe parecia urgente.

Lá fora, Lisboa respirava cedo: trânsito, buzinas espaçadas, crianças a protestar contra as mochilas. Engoliu o resto do café, bichanou com ternura aos gatos, atirou a chávena para o lava-loiça e pegou no casaco. Ao sair, não pensou no trabalho que a esperava. O elevador cheirava a cansaço.

Quando chegou ao gabinete, ligou o computador com a lentidão habitual. A primeira notificação surgiu antes de qualquer programa abrir por completo: **«Nova entrada – Base de Fragmentos Não Canónicos. Proveniência: Capadócia, via Biblioteca de Marselha. Estado: incompleto | danificado | urgência: moderada.»**

Eva abriu o ficheiro, a imagem era imperfeita: um pergaminho antigo, fragmentado. apenas uma linha

**«Eva Mira,
investigadora
de linguística e
tradição bíblica,
cresceu entre as
palavras que a
mãe nunca disse
e os versículos
que o pai recitava
de cor. Foi o pai
quem lhe ensinou
a distinguir o som
da palavra e o peso
da ausência. Com
a mãe, aprendeu a
escutar o que nunca
chegava a ser dito.
Foi num domingo
chuvoso que os
perdeu. Um carro
desgovernado, uma
estrada molhada,
Eva ao volante.»**

legível em siríaco, com traços gastos. A tradução automática surgiu hesitante:

«Eis que vim.»

Voltou a ler. Depois procurou o verbo nos dicionários, confirmou a conjugação. Vim. Passado. Uma conjugação que, naquele contexto, mudava tudo. Se estivesse certo, o fragmento contrariava séculos de exegese: Deus não viria, já teria vindo.

Ampliou a imagem, comparou com outras variantes conhecidas do Apocalipse. Nenhuma trazia essa forma. Nas traduções mais antigas, o habitual era «venho» ou «chegarei em breve». Mas aquele verbo «vim» estava ali, impossível de ignorar.

Pensou em escrever ao colega de Marselha, o responsável por aquele acervo. Hesitou. Talvez fosse apenas erro de transcrição, uma falha no reconhecimento automático.

Recordou a mãe, mulher de poucas palavras. Eva passara a infância a tentar decifrar-lhe os silêncios, a antecipar frases não ditas. Desconhecia se era escutada, mas sabia que havia ali presença.

— Estás aqui desde que horas?

A voz de João, colega de gabinete, fê-la levantar os olhos. Trazia café e o cansaço dos dias iguais. Espreitou o monitor.

— Fragmento novo?

Eva fechou a janela com um clique automático.

— Siríaco. Variação de texto.

João assentiu, ficou de pé, a bebericar.

— Às vezes penso se ainda há algo por descobrir. Já tudo foi encontrado, não?

Ela encolheu os ombros, o olhar pousado num ponto que não era ali.

— Talvez já tenha aparecido. E ninguém percebeu.

João sorriu, meio caminho entre a troça e a curiosidade.

— Isso dava um belo título: «A Revelação em que Ninguém Reparou.»

E saiu, com passos a rasgar o chão.

Eva abriu o fragmento. «Eis que vim» ainda estava lá: três palavras, três sílabas que não desapareciam. Nos dias seguintes, tentou ignorar o assunto. Classificou o fragmento como *inconclusivo*, evitou comentá-lo com os colegas, manteve a rotina: trabalho, compras, e-mails. Notava uma espécie de descompasso; tudo parecia igual e, no entanto, nada estava como antes.

As palavras dos outros ganhavam outra dimensão, reparava nas frases suspensas: «Logo vejo, depois

falamos, é só uma fase, isso passa.» Começou a escrever no caderno de notas e aquela frase repetia-se como uma pulsação:

«Eis que vim.»

Uma noite, voltou à Bíblia do pai. Era agnóstica, mas os sublinhados e as anotações nas margens revelavam uma intimidade antiga com as Escrituras. Abriu no Apocalipse, capítulo vinte e dois, versículo doze: «Eis que venho em breve.» Fechou o livro. No caderno, escreveu: «E se Ele veio? E se o silêncio for a resposta?»

«Ampliou a imagem, comparou com outras variantes conhecidas do Apocalipse. Nenhuma trazia essa forma. Nas traduções mais antigas, o habitual era «venho» ou «chegarei em breve». Mas aquele verbo «vim» estava ali, impossível de ignorar. Pensou em escrever ao colega de Marselha, o responsável por aquele acervo. Hesitou. Talvez fosse apenas erro de transcrição, uma falha no reconhecimento automático.»

Na manhã seguinte, tinha o café na mão quando o locutor da rádio anunciou a descoberta, no sul da Turquia, de um mural cristão antigo, escondido atrás de uma parede desmoronada. A inscrição por baixo da imagem dizia apenas: «Já estive aqui.»

«Começou a caminhar até ao trabalho, deixou de ouvir podcasts, evitava as redes sociais, os recados apressados que caíam na noite, pedras num poço, os sons à sua volta: passos, pássaros, respirações, as conversas ditas e as que não passavam da intenção. Na rua, continuavam os protestos, as verdades de megafone, as frases moldadas para ninguém se escutar e Eva ouvia, E naquele gesto de escuta, encontrou uma nova forma de fé: talvez Deus tivesse vindo, talvez nunca tivesse partido.»

Quase deixou cair a chávena no chão. A frase era outra, mas o sentido colidia com o que lera dias antes: três palavras, tempo verbal no passado. Fotografou o caderno, a anotação, num gesto infantil, como se precisasse de prova para si própria. Ao fim da tarde, João passou junto à sua secretária. — Tens um minuto?

Sentou-se à frente dela de telemóvel na mão.

— Também recebi o fragmento, vi a notícia do mural. Há alguma coisa aqui que...

Não concluiu. Eva abriu o caderno, procurou a página. Três frases:

«Já estive aqui.»

«Eis que vim.»

«Eis que venho.»

Escreveu por baixo para que o colega lesse: «E se sempre foi assim? Ele fala. Depois, cala-se e o resto é conosco?»

Uma memória antiga emergiu: tinha oito anos, o pai lia um salmo em voz alta, a mãe lavava a loiça. Ao chegar à última linha, o pai calou-se, a filha esperou a explicação, mas ele saiu da sala e a mãe não disse nada.

Agora, percebia: nem tudo precisava de resposta, o silêncio não era ausência: era também linguagem. Viu então o acidente com uma nitidez que julgava esquecida: o som do impacto, o vidro a partir-se, o cheiro a queimado e, entre o caos, a imagem da mãe com a cabeça tombada, os olhos abertos e os lábios mexiam-se: «Salva-a, meu Deus. Sempre te escutei.»

Não sabia como se esquecera, talvez nunca tivesse esquecido, apenas não estava pronta para se lembrar. Desde então, Eva falou menos, não por tristeza, nem por descrença. Pela primeira vez, sentiu que não precisava de acrescentar ruído.

Começou a caminhar até ao trabalho, deixou de ouvir podcasts, evitava as redes sociais, os recados apressados que caíam na noite, pedras num poço, os sons à sua volta: passos, pássaros, respirações, as conversas ditas e as que não passavam da intenção. Na rua, continuavam os protestos, as verdades de megafone, as frases moldadas para ninguém se escutar e Eva ouvia, E naquele gesto de escuta, encontrou uma nova forma de fé: talvez Deus tivesse vindo, talvez nunca tivesse partido. Talvez, só falasse com quem sabia estar em silêncio.



...en het is allen
...k het is dat
... en sommige
...orden. Wees
...e wijs. Waarom zou

... is opgewassen
... hem gelu
... die gestraft. De v
...orden gestraft. De v

A ESCULTURA DE LUZ

CARLA
CARMONA

Exausto, entro em casa. Perco a roupa no caminho, arrasto-me até ao chuveiro, abro a torneira e deixo a água quente surrar os músculos doloridos. Dez horas depois, poderei descansar.

As ligações estão quase todas prontas, e amanhã não terei nem de me empoleirar, nem contorcer, para passar cabos e fios, para a maldita escultura — perdão, a obra-prima da megera, de aço e lâmpadas — ficar iluminada e finalmente parecer-se com algo bonito.

Deito-me e nem tenho tempo de pensar seja no que for; o cansaço transporta-me para o vale dos devaneios.

Na manhã seguinte, chego mais tarde, porque também é preciso repousar para se poder terminar o trabalho, e mal ponho o pé dentro do espaço, vem a diva a esbracejar na minha direcção.

— Onde é que estava, há imenso trabalho para terminar. Você é um irresponsável.

— Seria irresponsável se ontem não tivesse ficado até às tantas da madrugada para colocar todas as junções operacionais e seguras. Hoje é só para fazermos testes e validarmos que tudo está estável.

— A minha obra precisa que a sua luz não falhe.

— Garanto-lhe que não vai faltar nada.

Marta sai da galeria para o jardim. A Fundação, para além do edifício principal e da galeria, tem entre ambos um espaço verde, com vários géneros de flores, alguns limoeiros e uma estufa de vidro, com vinte espécies de orquídeas. Distraída nos seus pensamentos, caminha até ser rodeada por elas. Observa-as; se algumas são muito comuns, existem géneros de cores e feitios bem diferentes. Uma de tom violeta e em forma de estrela capta-lhe a atenção. A singularidade torna-a mais bela. Regista a forma das pétalas, o tom, assemelhando-se a uma capa de veludo roxo. Olha à socapa e, não vendo

«Marta sai da galeria para o jardim. A Fundação, para além do edifício principal e da galeria, tem entre ambos um espaço verde, com vários géneros de flores, alguns limoeiros e uma estufa de vidro, com vinte espécies de orquídeas.»

ninguém, passa o dedo indicador na pétala, que se enrola sobre si mesma, para sua surpresa. Fascinada, pega no pequeno bloco que anda consigo e rabisca a flor. Feliz, sai da estufa e dirige-se ao carro. Tem de regressar à oficina; aí conseguirá produzir o elemento que falta para a peça se tornar *la sculpture*.

Júlio está a terminar as verificações em falta e pede ao colega para se posicionar junto ao painel, pois é preciso começar a ligar as 3876 lâmpadas de diferentes tamanhos e tons que compõem a peça. Tratava-se de uma bota de mulher, de cano curto, com detalhes na lateral a imitar atilhos; as luzes eram

de diferentes tamanhos e uma cor mais escura. No dia seguinte, seria a abertura da exposição e não poderia haver falhas. Estava a bom ritmo, hoje iria conseguir jantar... a horas.

— Sr. Júlio, há uma alteração a fazer. Vamos ter de montar e acoplar, mais um elemento que acabei de fazer. Trouxe-o na minha carrinha, por isso, é preciso que o senhor e o seu colega o tragam para aqui. Depois temos de o juntar. Já lhe explico como vai fazer.

— Desculpe, mas o nosso trabalho está pronto. O que quer dizer com juntar?

— É uma outra peça para se unir aqui, na base da bota. Depois, é só ligar as lâmpadas.

— Só ligar. Se fosse fácil, qualquer um faria, mas é preciso ter atenção às voltagens, aos cabos que se ligam...

— E é para isso que está aqui.

Júlio respira pelo nariz, expira pela boca e responde com um leve sorriso:

— Como referi, estamos encarregados das ligações eléctricas, mas não fazemos transportes.

— Ora essa, não é um transporte; é apenas trazer o novo elemento aqui para dentro.

— Imagine que, ao passar na porta, bate e se danifica; o meu seguro não cobre algo que não faz parte do meu trabalho. Lamento, mas não a posso ajudar. Marta foi ficando cada vez mais ruborizada, a raiva mal contida. Girou e saiu da sala.

— Xiii, chefe, a mulher estava capaz de o fuzilar.

— Se ela não fosse assim, até ajudava, mas, se tivéssemos o azar de estragar alguma coisa, estaríamos tramados. Vamos começar os testes.

Quarenta minutos depois, apercebem-se de uma comoção à porta. Cinco homens trazem mais uma amálgama de luzes. Junto à forma da bota, perto dos atilhos, é colocado o novo pedaço. Ela vai dando ordens, sobe para um escadote e lá o conseguem prender.

Júlio fica a olhar e tenta perceber por onde passarão os cabos de alimentação.

— Agora nós, Sr. Júlio. Esta nova peça é uma flor, que deve ter uma cor uniforme quando alguém se aproxima e passa a mão na frente. Estas fileiras têm de mudar para outra cor, as restantes devem manter a cor original. Dará o efeito de a flor se estar a fechar ao toque.

— Portanto, quer este novo pedaço todo ligado, todas devem ter a mesma cor, excepto quando al-

«Quarenta minutos depois, apercebem-se de uma comoção à porta. Cinco homens trazem mais uma amálgama de luzes. Junto à forma da bota, perto dos atilhos, é colocado o novo pedaço. Ela vai dando ordens, sobe para um escadote e lá o conseguem prender.»

guém faz mudar de cor, só a parte de cima, e ainda quer que isso seja accionado com um sensor? Não me parece ser possível.

O sorriso da artista desaparece ao ouvir as últimas palavras.

— Claro que é possível. Basta acrescentar mais ligações.

— Não. Para além de acrescentar mais ligações, uma parte precisa de receber uma informação para mudar de cor. Devemos ter a certeza de que não há sobrecargas, pois isso pode vir a causar um curto-circuito. Para que as pessoas possam acenar, o que desencadeará a mudança de cor. Mesmo trabalhando com afinco, não sei se conseguimos fazê-lo.

— Trabalhe a noite toda, se for necessário, mas amanhã tem de estar pronto. >>

Sem esperar por resposta, Marta sai da galeria, com o técnico a tentar acalmar-se.

— Para uma mulher bonita, é insuportável. E agora?

— Agora, vou-te dar uma lista de componentes para ires comprar e veremos o que conseguimos construir. Enquanto aguardava os componentes, foi desenhando o quadro eléctrico que usaria para ligar mais todas aquelas luzes. Depois, era preciso fazer

«O incêndio estava na fase de rescaldo, poderia ter sido mais grave se os extintores na galeria não estivessem operacionais e alguns dos empregados do catering não os tivessem usado. Os feridos eram ligeiros, inalação de fumo, pânico, pequenas quedas durante a fuga. A única vítima a lamentar era a artista, que, segundo testemunhas, tentou salvar a peça, sendo electrocutada.»

uma parte mudar de cor, mediante um sensor. Isso seria complexo, e a falta de tempo significava não ser possível a inclusão de forma segura. No entanto, estava disposto a deixar tudo ligado. A luz e a mudança de cor estariam operacionais.

Assim que o colaborador chega, decide fazer os testes programados. Confirmam que tudo acende e as medições estão dentro dos parâmetros admissíveis. Depois, é preparar a inclusão das novas luminárias.

— Então, está pronto?

— Conseguimos interligar tudo, excepto o sensor.

— Não, precisa de estar operacional.

— Oiça-me. Está instalado, mas as medições revelam picos, o que pode originar um curto-circuito.

— Faça as ligações; a minha obra não vai ficar inacabada — exigiu Marta.

— Não. Recuso-me a deixar algo que possa rebenotar, causar um incêndio ou ferir alguém. O nosso trabalho está terminado. Desejo-lhe sucesso.

Júlio encaminha-se para a porta, deixando-a só. Relutante, a artista vai-se embora.

No dia seguinte, chega pela manhã e dirige-se à sua peça, usa os controlos que Júlio deixou e liga a sua escultura. Está resplandecente, emana luz, brilho e ardência. Só faltava o sensor para alterar a cor e imitar uma flor a fechar-se. Decide ir até ao quadro eléctrico e perceber como ligar o sensor.

As pessoas circulavam pela exposição e, quando chegavam à escultura central, Marta ia-lhes dizendo para passarem a mão e observarem a flor a fechar. O efeito deslumbrava.

Era noite quando os jardins da Fundação ficaram iluminados por luzes azuis.

O incêndio estava na fase de rescaldo, poderia ter sido mais grave se os extintores na galeria não estivessem operacionais e alguns dos empregados do *catering* não os tivessem usado. Os feridos eram ligeiros, inalação de fumo, pânico, pequenas quedas durante a fuga. A única vítima a lamentar era a artista, que, segundo testemunhas, tentou salvar a peça, sendo electrocutada.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



O ARTISTA DO INACABADO

CLÁUDIA
PASSARINHO

Qualquer família pobre pode ser rica à sua maneira. Há beleza na partilha de uma lata de sardinha e de um pedaço de pão. Pode existir alegria nos copos de barro cheios de chuva.

Os infantes, capazes de perceber uma brincadeira alumiada pela lamparina de petróleo, corriam e cada um deles intitulava-se um animal. *Olha mãe, e veio a gaivota e picou-lhe as orelhas e*, com os dedinhos em forma de pinça, pinicava as orelhas do pai debaixo de falsos protestos. Seguiam-se os outros. *Sou uma mosca e pouso na bochecha do pai. E eu uma pulga, salto-lhe do pescoço para as costas.* E continuavam derretidos na paródia, enquanto a humidade lhes roía os tornozelos nus.

Maria não era Cleópatra, mas a pobreza não ofusca o carácter, nem se é plebeu numa família onde se é rainha, por mais desprovida que possa parecer. Joaquín era pastor durante o dia e Maria a guardiã dos filhos. À noite eram artistas, ou assim gostariam de ter sido. Talhavam animais em pequenos pedaços de madeira, pendentos para pulseiras com formato de flores para as mulheres e de ursos para os homens. Sempre que possível, Maria ia até ao mercado da cidade, com um avental fechado em triângulo, e dispunha as peças como relíquias em exibição.

Luiz era o filho mais velho de Maria e de Joaquín. Cuidava dos irmãos quando os pais não estavam. Muitas noites, fingia dormir e quando a respiração dos pais e dos irmãos se limitava a pequenos silvos entre amoras, levantava-se e corria até um casebre abandonado, localizado a um quilómetro de casa. Ali, esculpia estátuas sem rosto, pintava em pedras árvores sem folhas, florestas com arbustos pela metade, flores sem caule, suspensas no ar à espera de algo a que se agarrarem.

As febres assolaram o pai. A mãe quase não saía de perto do marido, esfregava-lhe o corpo com pasta de malvas frescas e colocava-lhe sobre a testa panos

«À noite eram artistas, ou assim gostariam de ter sido. Talhavam animais em pequenos pedaços de madeira, pendentos para pulseiras com formato de flores para as mulheres e de ursos para os homens. Sempre que possível, Maria ia até ao mercado da cidade, com um avental fechado em triângulo, e dispunha as peças como relíquias em exibição.»

embebidos em água, na tentativa de lhe refrescar o corpo e aliviar a alma .

Revezavam-na os filhos, que ordeiramente substituíam as carícias da mãe no rosto do pai, o sopro para aliviar o calor. Naqueles dias o silêncio retesa-

va-lhes a pele. Tornou-se tão seco como as vagens de favas que mirravam na horta à espera de serem apanhadas e tão amarelo quanto as folhas das couves abandonadas nas traseiras da casa. Luiz esperou para fugir durante a noite. O pai ensinara-o a ler e a escrever. Num pedaço de papel, que rasgou do caderno de um dos irmãos, escreveu: «Querido pai, eu volto. Espera por mim». Partiu. Levou com ele a caixa de madeira que os pais usavam para guardar as batatas e as cebolas, dirigiu-se ao casebre e encheu-a com as obras inacabadas. Ao amanhecer, já estava na cidade. Tudo lhe parecia exato e ordenado. Foi o primeiro a chegar ao mercado; plantou-se mesmo em frente ao hospital.

Precisava de dinheiro para contratar um médico. No início espelhava esperança. Porém, as gentes zombavam dele e das peças artísticas sem conclusão. Disfarçou as lágrimas que teimavam em correr, enquanto as pessoas passavam insensíveis à arte.

— Ó jovem, está a vender obras por terminar? A arte exige conclusão! Que ridículo!

Luiz primeiro chorou, depois viu o pai aparecer-lhe no ardor que lhe atravessava a garganta. Lembrou-se das graçolas que ele criava para ver a família feliz. «Nada é permanente neste mundo cruel, nem mesmo os nossos problemas», dizia-lhes citando o seu maior ídolo, Chaplin. Esperançou-se. Voltou a murmurar entre dentes a frase. Uma, duas, três vezes.

Um homem aproximou-se da improvisada banca.

— Não devia estar a vender as obras por terminar. Acha que alguém lhe comprará alguma coisa?

— A beleza mora no que poderia ser.

O homem focou uma escultura com metade de um sorriso. Fechou os olhos, e sorriu. Observou uma tábua de madeira com um farol numa ilha e uma tempestade interrompida, voltou a entrar dentro dele e imaginou o vento forte levantar as ondas. No silêncio dos inacabados, criou aquilo que só ele poderia criar. O trabalho de Luiz deixava espaço para que cada olhar terminasse a obra guiado pelo coração.

— Genial... és um grande artista.

— Não sou artista, senhor. Sou um filho que quer salvar o pai. Preciso de contratar um médico. Vai levar alguma peça?

— Não. Tu é que me vais levar a ver o teu pai. Sabes, eu sou médico, e fizeste-me ver de que nada é mais perfeito do que aquilo que ainda pode ser.



A MANTA DA AVÓ ALICE

FILIPA
VICENTE

Eu adorava os domingos! Chegada a hora depois do jantar, nós levantávamos a mesa, a avó Alice arrumava a cozinha e repousávamos na sala, ao lado da lareira aconchegante. A minha avó num cadeirão velho, verde, a fazer lembrar o veludo, nós, eu e a mana, no grande tapete do chão, em frente a ela. Todos os domingos a mesma coisa: pelo menos assim eu esperava que fosse, porque aquele momento era o mais valioso da semana!

A minha avó tinha cabelos brancos apanhados num carrapito no cimo da cabeça. Dócil nos gestos, na voz e nas palavras, um pouco baixa e roliça, usava sempre umas pantufas da cor do tapete da sala: púrpura. Era sábia! Sabia muitas histórias. Algumas dizia serem reais, de outros tempos. Outras vinham mesmo da copiosa imaginação que tinha.

Nós já estávamos sentadas ao calor da grande lareira, ateadada pelo meu avô. Ele despedia-se. Dizia que tinha sono. Umas vezes, saía da sala e ia para o quarto dormir. Outras, sentava-se no cadeirão e acabava por dormir ali mesmo. De cabeça pendida para trás, roncava baixinho. A minha avó vinha depois. Ela era sempre a última. Primeiro a cozinha, depois a descontração. Arrastava as pantufas pelo corredor e nós arregalávamos os olhos. Era a hora. Ela estava a vir! Entrava na sala a passo de caracol, meio curvada, e, com algum esforço, sentava-se no cadeirão velho, verde e de veludo. Esticava o braço até ao chão, onde tinha uma cesta. Da cesta saía uma manta. Tricotava. E sempre que fazia a manta, era hora da história. Eu não queria que aquela manta ficasse acabada, nunca!

As agulhas a trabalhar a manta colorida e a minha avó começava. "Não me recordo se já vos contei esta, mas estou convencida de que não. Eu devia

«Mas a avó Alice não era de desistir e, além disso, era sábia. Tinha tantas histórias na cabeça quantas há numa biblioteca. Sentámo-nos no tapete púrpura da sala. A cozinha estava arrumada e a avó sentada na poltrona verde e velha. Tossiu um pouco, tirou da cesta a manta e as agulhas e começou: "Era uma vez um coelho, aliás, três, três coelhos."»

ter cinco anos, para aí, estava ao pé do tanque com a minha mãe, que lavava a roupa, lá na aldeia de Pegões, onde morávamos. Eu olhava atentamente porque queria muito aprender como se fazia. Queria ser igual à minha mãe. Nisto, a minha mãe disse que ia a campos num minuto e eu fiquei com as outras senhoras, que também lavavam no tanque. Peguei no sabão azul e branco...A propósito, sabem o que é este sabão? Já ouviram falar?" (Abanámos a cabeça em jeito negativo.) "É um sabão muito bom. É

azul e branco e servia para lavar a roupa, naquele tempo. A minha mãe também tomava banho com ele, tal como eu e os meus irmãos. Bem, mas dizia eu, peguei no sabão para ensaboar uma saia que a minha mãe deixara em cima do tanque. Mas quando lhe peguei, o raio do sabão estava tão escorregadio que me fugiu da mão e foi parar ao fundo do tanque. Fiquei preocupada porque senti que tinha feito asneira. Debrucei-me para ver se o via no fundo das águas, mas acho que me debrucei demais, porque caí no tanque. Este não era fundo..." As suas agulhas trabalhavam agora com mais rapidez. Queriam acompanhar a história que estava a ficar empolgante!

A Beatriz e eu, muito atentas. O fogo a crepitar na lareira. O roncar do meu avô. E a história continuou: "O tanque não era fundo, mas eu não sabia nadar. Fiquei muito aflita, a chafurdar e a esbracejar no meio da água. As senhoras vieram em meu auxílio e saí puxada por uma delas, encharcada dos pés à cabeça. Foi um valente susto! Quando a minha mãe voltou, viu-me naquela figura. Contei-lhe a medo o sucedido. Ela não me castigou, mas ralhou comigo severamente. A minha mãe tinha ficado tão assustada quanto eu. Nesse dia, pedi-lhe desculpa e jurei que nunca mais faria algo semelhante!"

A manta repousava agora no colo da avó. As agulhas descansavam sobre a lã felpuda. Perguntei: "Avó, ainda falta muito para acabar a manta?" Aquela manta devia ser eterna, inacabada, porque eu não queria que as histórias que a avó contava terminassem, nunca. A manta tinha um tamanho considerável, cerca de 1 metro, mas a avó respondeu, perante a minha ansiedade: "Falta muito, muito, minha querida. É uma manta grande para colocar em cima da cama da avó e do avô."

A semana de escola passou devagar. A professora chamava pelo meu nome. "Sara!". Estava na lua. Não respondia. Só pensava na manta da avó Alice. Colorida, às riscas. Agora ela usava a lã amarela. Já tinha usado a laranja, a verde e a vermelha. Aquela manta era mágica. Era a manta contadora de histórias.

Domingo amanheceu. A mãe tinha ido às compras. Nós ficámos com o pai, que se ocupou de mudar uma lâmpada e consertar a perna da mesa da cozinha. Os pais iriam passar o dia juntos, para namorar,

como faziam quase todos os domingos. Dali a meia hora, a mãe chegaria a casa e levar-nos-ia para a casa da avó Alice.

Foi um dia cheio. Brincámos muito com a prima Joana, um ano mais velha do que eu. Mas confesso, não via a hora da chegada da noite. Dessa vez, o avô não acendeu a lareira. Estávamos no início da primavera. A manta ia longa, muito longa, demasiado longa. As histórias tinham sido muitas. Do inverno à primavera, ouvimos "Os sete cabritinhos", "A branca de neve e os sete anões", "Os três porquinhos", "A gata borralheira", "A menina das tranças ruivas", "O homem das neves e o tesouro escondido", "A armadilha do gangue da Fuzeta", "As sete saias de Rosa Rosada", "O violino estragado", "O gato das botas", "A viagem de Bernabéu", "A aranha metediça", "A gaiola do pavão", e tantas mais... De cada vez que terminava uma história, lá vinha a mesma pergunta: "Ainda falta muito para acabar a manta?" Estava quase certa de que a manta da avó estaria quase completa. Ainda por cima, a sua voz ultimamente estava mais rouca e sumida.

Mas a avó Alice não era de desistir e, além disso, era sábia. Tinha tantas histórias na cabeça quantas há numa biblioteca. Sentámo-nos no tapete púrpura da sala. A cozinha estava arrumada e a avó sentada na poltrona verde e velha. Tossiu um pouco, tirou da cesta a manta e as agulhas e começou: "Era uma vez um coelho, aliás, três, três coelhos. Andavam no quintal a comer cenouras. O Pimpão, que era o mais novo, rebolou nas ervas com o seu pelo branco e felpudo. Só queria brincadeira. A mãe tinha avisado que deviam comer as cenouras antes do sol se pôr, que era quando a horta não tinha ninguém. A dona da horta, a essa hora, ia à missa. Todos os dias ao final da tarde ia à missa. Mas o Pimpão já tinha comido uma cenoura e a relva estava tão fresca e apetecível, com a rega do final de tarde, que ele só queria brincar. O Tristão, o coelho mais velho, nem lhe ligava muito. *Olha – pensava ele – se ele tiver fome durante a noite, é lá com ele. Não foi por falta de aviso!* O Zangão, o irmão do meio, refilava com o Pimpão de vez em quando, até porque o mais novo metia-se com ele, a pedir festa, e ele estava mais interessado em fazer o que a mãe mandava." De repente, a avó Alice parou para pensar. Aquela devia ser mais uma das suas histórias inventadas à

Última da hora. O que viria a seguir? A Beatriz e eu, sentadas no tapete da sala, com os olhos pregados na avó e na manta de lã, que agora se tornava azul-petróleo. O avô pigarreou. Acordou sobressaltado de um sono agitado na poltrona ao lado da avó. Virou a cabeça para o outro lado, ajeitou o corpo no assento e voltou a adormecer. A avó estava calada. Calada por muito mais tempo do que era costume, quando inventava uma história e tinha de pensar no que vinha a seguir. As agulhas nas suas mãos estavam a ficar frias. O azul da tira, que agora queria aparecer na manta, brilhava com a luz artificial do candeeiro de pé que lhe incidia diretamente. "Avó", perguntei, "ainda falta muito para acabar a manta?". A avó Alice estremeceu ligeiramente no cadeirão e pareceu acordar subitamente de algum pensamento que a levou para longe. Não me respondeu e recomeçou: "Bom, acabados de jantar na horta, os três coelhinhos foram para casa. Em casa estava a mãe a preparar as camas para eles dormirem. Sentia-se

«Passaram-se mais quatro primaveras. A avó nunca chegou a terminar a última história. Só me recordo dela deitada numa cama, do pestanejar dos olhos azuis baços, de lhe dar a mão, cada vez que entrava no quarto para a ver, e de ela me apertar a mão com força.»

um cheiro bom a alfazema. A mãe tinha andado a colhê-la para a colocar em saquinhos pequenos, a fim de afastar as traças dos panos de cozinha e dos atalhados. Cada um na sua cama, o Pimpão, o Zangão e o Tristão, foram dormir. O dia seguinte seria um dia cheio; seria a festa de aniversário dos três irmãos!" A manta crescia agora devagarinho. As agulhas trabalhavam lentamente, um ponto atrás do outro, quase sem fazerem o típico tic-tic de quando andavam mais depressa. A avó Alice fez uma pausa e bocejou. Estava com sono. "Minhas queridas, acho que começa a ficar tarde. Amanhã é dia de escola e estou cansada. Continuo a contar a história dos três coelhinhos no próximo domingo, pode ser?" Fiquei desapontada. Não era a primeira vez que a avó não acabava uma história no mesmo dia. Ultimamente, acontecia cada vez com mais frequência. Não conseguia entender...,mas vendo os olhos dela tão mortiços e o cansaço evidente no rosto, anuí. "Sim, avó, fica para o próximo domingo..."

Passaram-se mais quatro primaveras. A avó nunca chegou a terminar a última história. Só me recordo dela deitada numa cama, do pestanejar dos olhos azuis baços, de lhe dar a mão, cada vez que entrava no quarto para a ver, e de ela me apertar a mão com força. Já não falava nem se mexia, mas ainda me reconhecia pelo aperto da mão dela na minha. Hoje, estou sentada nesta cama em cima da manta de histórias da avó Alice. E que manta tão linda e acolhedora! Multicolorida, faz-me lembrar como a avó era divertida, bem-disposta, sempre pronta para nos contar uma piada ou história. Olho fixamente para o baú que está aberto num canto do meu quarto. Deixo-me levar pelas memórias. Dentro dele, vários novelos de lã gordos e fofos e umas agulhas de tricô. Viro o olhar para as minhas mãos. Seguro o bilhete que estava no baú quando o abri pela primeira vez. "A manta nunca está acabada, minha querida Sara! Deixo-te a lã e as agulhas para poderes continuar a contar as histórias da avó Alice". Solta-se-me uma lágrima dos olhos, que pousa no bilhete e o molha ligeiramente. Deixa um borrão nas últimas letras do nome da avó. E, inesperadamente, desenha-se a forma daquilo que me parece ser um coração de água salgada. Ela manda-me amor, e eu continuarei a amar as suas histórias!



BAILE DE MÁSCARAS

ISA
SILVA

Confesso que jamais tinha feito tal coisa. Nunca tivera coragem. Até hoje. Precisava de algo diferente na minha vida, algo que apimentasse o pacote dia-a-dia. Era o que afirmava a mim própria para conseguir convencer-me. Sentia que tinha tanto para dar e queria muito mais. Desejava realizar inúmeras coisas que me passavam pela cabeça. Chegara àquela idade em que me apetecia aproveitar a vida em pleno. Todavia, o lado tímido, tão dominador, e as vincadas crenças de que desejava libertar-me, levavam-me sempre para outros caminhos. Retraíra-me, eu sei. Oh, se sei. Tenho consciência disso.

Conseguira, finalmente, dar um passo para substanciar a valentia. Nem as minhas amigas do coração sabiam do que iria fazer, ali, naquele final de dia. Guardara segredo. Contar-lhes-ia depois, para ver a reacção. Sei bem qual delas era capaz de me seguir os passos e fazer o mesmo. Aposto em como vou acabar por ser uma inspiração. Que as vou surpreender, aí isso vou! Já as imagino a quererem saber todos os pormenores. Todinhos! Mais tarde, decidirei o que contar e o que manter apenas para mim. Sabe bem ter pequenos e marotos segredos. Todos temos segredos.

À medida que avançava ao encontro do destino, admirava com nervosismo os pingos de chuva que pintalgavam de cor as luzes dominantes da noite. O vidro da janela do carro era a sua magnífica tela. Sentia-me ligeiramente insegura por ir àquela festa sem conhecer ninguém. Contudo, algo me puxava para o fazer. "Uma loucura", pensei, "Preciso. Preciso de uma loucura". Era a eterna sensação de caminhar por um constante caminho inacabado que nunca me levaria para fora da minha zona de conforto. Ao mesmo tempo, nascia em mim a vontade de rebentar com essa muralha invisível.

Ajeitei o longo vestido. Adorava-o. Olhei para a mão que tremia, nervosa, e respirei fundo. "Calma. Vai tudo correr bem". Apercebi-me de que estava a poucos

metros da entrada. O coração disparou e senti vontade de regressar a casa e terminar com tudo! "Estou mesmo doida!", repetia, tentando convencer a coragem a não avançar.

De nada valeu. Estava determinada.

O carro parou e abriram-me a porta. Olhei para cima e admirei fascinada a fachada daquele palacete. Agora, não tinha hipótese. Era avançar.

Notei o dançar da saia do vestido e o bailar dos brilhos que reflectia. Sabia que tinha feito a escolha perfeita. Sentia-me poderosa e encantadora. Porém, restava um recanto amedrontado, governado pela timidez parva e limitadora. Levantei a cabeça, endireitei as costas e avancei, ignorando-me propositadamente. Aquela minha outra pessoa precisava de se calar. Durante as horas seguintes, iria assumir um outro lado, mais sedutor e oculto. Possuía uma face impenetrável que desejava ser conquistada.

À medida que caminhava para a entrada, o coração batia cada vez mais rápido.

Ajeitei a máscara veneziana de tons prateados e azuis, que disfarçava os olhos, e contemplei melhor o vestido que trajava: azul-turquesa, comprido, rodado e perfeitamente justo, num maravilhoso corpete que salientava a minha pele branca e os recantos misteriosos do peito. Reforçara o batom vermelho-escuro, para realçar os meus lábios, sempre discretos. Naquele dia, até eles estavam resplandecentes. Reconhecia isso.

A temática do baile era clássica e eu sentia-me uma donzela da corte. Na verdade, presumia-me uma rainha. Os olhares centravam-se em mim, fazendo-me acreditar. Não passava despercebida. Gostava da sensação, mas, de igual modo, notava a insegurança num papel com que nunca soubera lidar. Não imaginava que estariam presentes tantas e tantas pessoas. "Quantas não estarão a passar pelos mesmos receios, pelas mesmas inseguranças, pela mesma inquietude?", questioneei, observando tranquilamente do alto

da escadaria. Constatei que a maioria era formada por casais e eu, ali, sozinha. "Que disparate fizeste? Devias estar em casa. Não tens idade para estas iniciativas. Não tens juízo!". A ansiedade disparou, mas consegui sossegá-la ao admirar em pormenor o local. A entrada do palacete era deslumbrante. Inúmeras vezes passara à porta e nunca imaginara como seria o interior. Verdadeiramente impressionante e mágico. Não contive um sorriso e isso acalmou-me.

Respirei fundo, enchi-me de coragem, levantei um pouco a saia e iniciei a descida, devagar, em direcção ao grande salão onde o evento acontecia. Novos olhares sobre mim. O baile de máscaras estava repleto e animado. Os risos e as conversas entoavam em conjunto com a música de fundo, tocada por um quarteto, também vestido a rigor. Nenhum pormenor fora esquecido. Estava a ser transportada no tempo para um qualquer baile veneziano, cheio de intrigas políticas e seduções dissimuladas. Por dentro, o nervosismo aumentou. Encontrava-se mesmo ali. Era real. Levantei o olhar, analisei em redor e perguntei a mim mesma o que fazia naquele lugar. Não tinha o atrevimento de iniciar conversa com ninguém. O maldito lado tímido a querer comandar... Afastei os pensamentos quando me ofereceram uma taça de Champagne. Quase a bebi de uma só vez. "Calma. Tem calma."

Aproximava-me de uma mesa alta para me encostar um pouco, quando alguém veio pedir para dançar comigo. Olhei-o com surpresa. Era um homem bem cheiroso, com cabelos pelas orelhas. Parecia jovem, mas não consegui perceber a idade. A máscara é perita em ocultar esse pormenor. Também não precisava de saber. Queria desfrutar daquela experiência. Aceitei.

Não me falou. Sorria, sem falar. Limitou-se a conduzir-me energicamente naquela valsa e deixei-me ir. Também sorria, mas, no fundo, não estava presente. A minha mente, teimosa, fazia questão de me martirizar com uma sensação de profunda solidão. Estava ali sozinha. Não tinha par. Não tinha com quem partilhar aquela experiência única e imprevista. Era esse facto que vincava a minha solidão. Olhei para outros e via-os felizes e eu sozinha.

Subitamente, o meu olhar descobriu um observador encostado a uma coluna. Não fazia questão de disfarçar. Marcava bem o seu ponto de interesse. Os olhos por baixo da máscara pareciam despir-me. Incomodada, ou não, baixei a guarda e prossegui

«Os olhares centravam-se em mim, fazendo-me acreditar. Não passava despercebida. Gostava da sensação, mas, de igual modo, notava a insegurança num papel com que nunca soubera lidar.»

a dança. Centrei a atenção no meu par e trocámos um sorriso de satisfação. Estava a saber-me tão bem aquela dança.

Todavia, a minha atenção desviou-se novamente para o desconhecido. O seu olhar era hipnótico e, por mais que eu quisesse, não estava a ser tarefa fácil ignorá-lo. Desviei os olhos noutra direcção, para uma das portas abertas para o exterior. Novo rodopio da valsa e não consegui evitar: os olhares cruzaram-se outra vez. Ele, insistia em mirar-me, e eu, por mais que desejasse não conseguia parar também. Parecíamos agarrados por um fio misteriosamente sedutor.

Altivo, de cabelos castanhos e curtos, salpicados de branco, com uma irrepreensível barba grisalha que lhe cobria apenas o queixo e um bigode de pontas um pouco reviradas, ignorava outros olhares que lhe atiravam. Mostrava claramente a sua escolha.

Olhei para o meu par e compreendi que já nada nos ligava. Estava ali a dançar por dançar. "Estou a imaginar coisas". Jamais um homem daqueles se poderia interessar por mim daquela maneira. Estava, por certo, a admirar outra mulher. Não poderia ser eu. Observei-o com mais atenção. Confirmei que a devoção estava, sem sombra de dúvidas, em mim. Respirei nervosamente, sem que o meu par percebesse.

E numa passagem da dança por aquela coluna, os olhares colaram-se.

Vestido de negro, com uma camisa de gola que lhe tapava o pescoço, um lenço estrategicamente aconchegado num colete que lhe compunha o corpo bem torneado. Comecei a imaginá-lo debaixo daquele traje elegante. Permanecia resplandecente, mas discreto. Era a autoconfiança que imanava. A máscara preta e prateada que lhe escondia parte do rosto atraía-me

sem piedade. De tantos homens que por ali se encontravam, porque estaria a fixar-me naquela criatura? Dei voltas e revoltas ao som da melodia lindíssima e intemporal e tentei focar-me em com quem estava. Mas a música terminou. O meu par sorriu, beijou-me a mão e perguntou se poderíamos continuar.

E foi então que senti a minha mão a ser tocada, num arrepio que me vestiu, indefesa. Minha nossa, nunca tinha sentido tal estremecimento!

Era ele.

Sem parar de me olhar, agarrou-me e afastou, sem piedade, o homem com quem dançara. E começámos a dançar a nova melodia e, eu, completamente sem reacção, não ofereci resistência. Sentia o coração acelerado junto ao seu peito. Pedia para que ele não se apercebesse. Estava rosada de embaraço. Não conseguia olhá-lo olhos nos olhos. Desarmava-me cada vez que o fazia. O calor da sua mão nas minhas costas inebriava-me. Ele sabia, porque acariciava-me subtilmente com o polegar. Confesso, aqui, perante todos: estava rendida! Não o devia, é tão inapropriado, mas estava rendida. Não dispunha de razão para o justificar. A única coisa que sabia é que não desejava estar noutro lugar. Nunca acreditara em atracção imediata nem em arrebatamento irracional. Era ponderada e não impulsiva. E ali permanecia eu, cada vez com mais vontade de perder-me e não querer saber das consequências.

Não via ninguém. Para mim, o salão encontrava-se vazio. Somente com duas personagens. O resto, desaparecera. Estava irremediavelmente submetida ao deslumbre daquele desconhecido. Quando o

«Estava irremediavelmente submetida ao deslumbre daquele desconhecido. Quando o conseguia encarar, os seus olhos pareciam brilhar de contentamento...»

conseguia encarar, os seus olhos pareciam brilhar de contentamento e devagar, entre rodopios que faziam agitar com graciosidade a longa saia do vestido, levou-me para fora do salão do baile.

Qual plano divino estaria no meu caminho...

Parámos de dançar e, apertando-me a mão como se tivesse receio que escapasse, guiou-me para outra zona do palacete. Parecia que conhecia muito bem o seu interior. Seria, porventura, o proprietário? Não, não poderia ser. Não tinha coragem de lhe perguntar. Não queria saber. O meu pensamento vagueava noutras vontades. Delírio, mistério, luxúria, sedução levaram-me a não recusar ou questionar o seu encaminhar cativante. Não trocámos palavras. Falávamos de outros modos.

Chegámos a uma escadaria obscura apenas iluminada pelo luar de uma grande janela no patamar, em cima. Cenário que vincava ainda mais o misterioso manto de quem me seduzia e como me encantava. Nada pretendia impedir. Parecia possuída por uma tremenda sede de fazer tudo que ele quisesse. "Louca! Estás louca! Não conheces este homem! Tem juízo!". De nada valia o desespero do meu lado mais tímido. Não ouvia e não pretendia continuar a ouvi-lo.

Parámos e os seus olhos teimavam em admirar-me. A sua mão tocou-me o rosto, devagar, explorando cada pormenor. Eu, olhava-o, rendida, eufórica, agitada, lasciva, empolgada, arrebatada. Não estava em mim e, no entanto, estava tão em mim.

O polegar forçou a entrada nos lábios e eu acariciei-o com a língua. Tapou-me os olhos com a mão e senti um gemido seu.

— O que está a fazer? — perguntei, quase num sussurro.

Virou-me de repente e, colando-se às minhas costas, respondeu mordiscando-me o pescoço:

— O que deseja que lhe faça...

— Não nos conhecemos. Desconheço quem seja.

— Não importa. Sabemos tão bem o que desejamos que aconteça...

Não resisti e larguei um profundo suspiro. Queria mesmo sentir tudo aquilo. Queria mesmo que não parasse. Apetecia-me tanto mais, mas... não podia. Não devia.

As suas mãos começaram a descer e, depois da pele livre, encontraram os primeiros sinais do corpete. Puxou a fita e a pressão do meu peito ofegante tratou de consumir o resto. Nada consegui fazer contra o seu

toque explorador. "Não pares..." dizia para mim. "Continua. Não pares". A sua respiração ordenava-me junto ao ouvido. Fechei os olhos e não conseguia acreditar que permitisse tal liberdade a um desconhecido. "Faz de mim o que quiseres", pensei. Leu os meus pensamentos. Abraçou-me pela cintura e, galanteador, deitou-me sobre a passadeira nos degraus da escadaria de pedra. Explorou-me de novo e eu segurei-lhe os cabelos, despen-teando-o. Puxei-o para os meus lábios. Não consegui aguentar mais. Tive de o beijar. Foi o primeiro de muitos beijos. Era como se o conhecesse. Tão estranho. Tão deslumbrante. Tão penetrante. Tão impróprio. Tão delirante. A mão quente, suada de desejo desbravou-me o vestido e nada pude fazer perante a desmedida tirania. Não me preocupou minimamente que alguém nos pudesse surpreender. Para mim, estávamos sozinhos naquele palacete. Era nosso. Somente nosso. Os olhos batalhavam-se num jogo de deleite e prazer. Os lábios não se tocavam. Provocadoramente. Respirei fundo e deixei-o entrar. Cravamos os olhares, de novo, e larguei uma breve lágrima por não saber onde estava: se no infinito ou no paraíso. Ele, tão sedutor, sorriu e respondeu-me com a pele a queimar do seu apetite por mim. Tremeu e eu tremi. Estávamos em sintonia. Queria tanto que o tempo parasse. Não queria sair dali. Quem era aquele homem? A escadaria resistiu ao vigor com que segurava as minhas mãos, cravando-me na pedra fria, mas quente de nós. — És surpreendente.

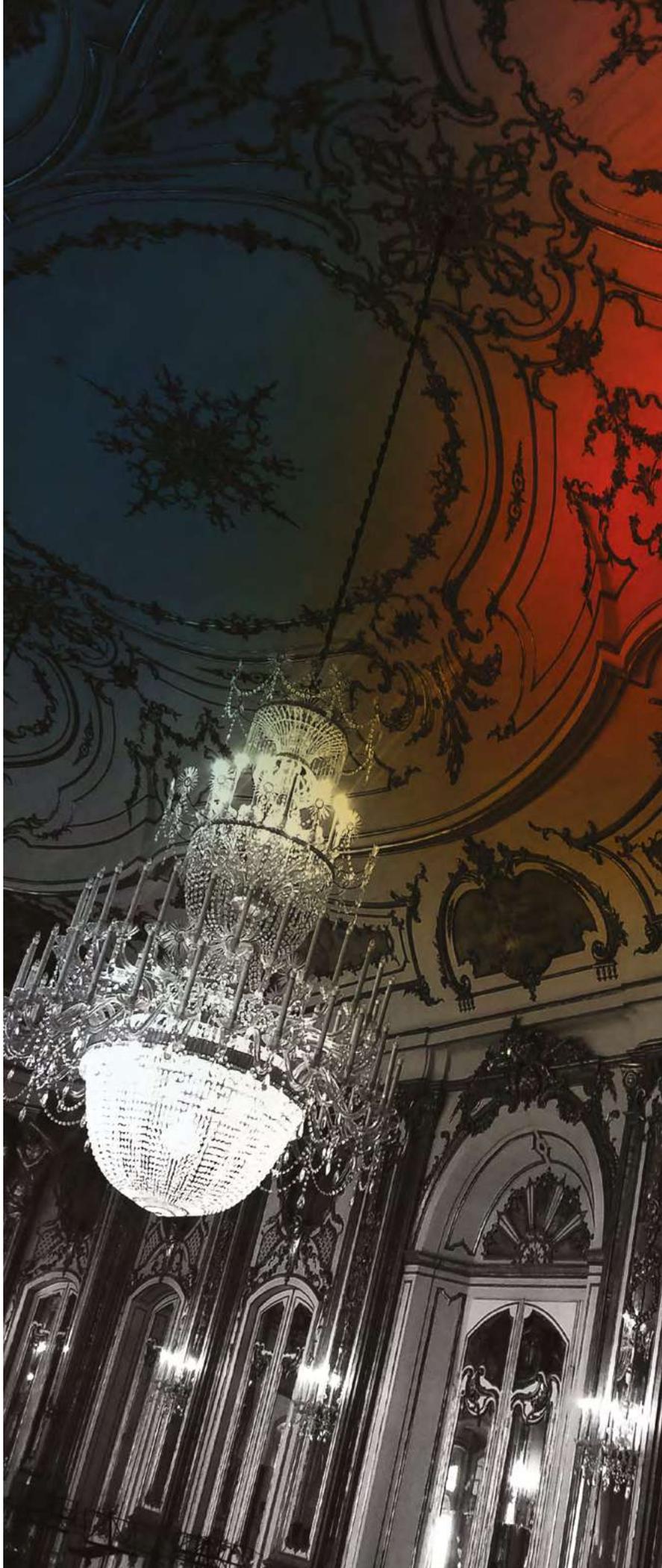
Encostámos testas e deixámos sair pequenos risos.

— Amo-te — Deixei escapar, ainda ofegante. Por entre um sorriso malandro, ele respondeu:

— Para o nosso próximo aniversário de casamento, prometo fazer ainda melhor.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Fotografia de Isa Silva



A MELODIA DAS RUÍNAS

LARA
FERNANDES

As ruínas eram uma partitura de silêncio, onde o vento soprava como um arco sobre cordas quebradas. O teatro jazia destroçado, os camarotes desfalecidos como pilares abalados, os lustres reduzidos a cacos afiados, brilhando inutilmente sob a luz pálida do fim da tarde. Entre os escombros, um piano mutilado repousava, um sobrevivente de uma sinfonia interrompida.

Um homem grande e magro caminhava entre os destroços, os sapatos levantando nuvens de poeira sobre um chão que um dia fora de veludo e madeira polida. O casaco estava enrugado, os olhos gastos pelo tempo e pelo luto. O passado cobria-lhe a pele como a fuligem. Ao ver o instrumento, deteve-se. Passou os dedos pela madeira estalada, sentiu as cicatrizes da guerra impressas na superfície como marcas de uma pele que nunca mais se curaria. O piano estava quebrado, desafinado, incompleto. Mas estava ali.

Sentou-se, ajeitou-se no banco rachado. Experimentou uma tecla. O som vacilante, soluço que se dissipou no vazio. Depois, outra e mais outra. Fechou os olhos e tocou.

A melodia não era pura. Algumas notas estavam mudas, outras tremiam fora do tom, mas ainda assim a música emergia, contando a sua história. Cada acorde evocava memórias, as noites de aplausos, os vultos elegantes na plateia, o ouro das cortinas refletindo luzes suaves, o perfume dos camarins e a pressão de uma mão amada sobre a sua antes de entrar em cena. Agora, apenas o vento aplaudia, fazendo tilintar os vidros partidos. Ainda assim, continuava. Não se toca apenas pelo que se tem, mas também pelo que se perdeu.

Um ruído de passos interrompeu a música. Entre os escombros, uma criança observava. Os olhos eram grandes demais para o rosto magro. Vestia um casaco enorme, sujo nos punhos, como se tivesse sido de alguém que a deixara para trás.

«Um ruído de passos interrompeu a música. Entre os escombros, uma criança observava. Os olhos eram grandes demais para o rosto magro. Vestia um casaco enorme, sujo nos punhos, como se tivesse sido de alguém que a deixara para trás.»

Aproximou-se sem um som, fascinada pelo piano ferido e pela música que insistia em existir. O homem reparou, mas não parou. Tocava não para si, mas para o que restava do mundo. A criança sentou-se mais perto, de joelhos dobrados junto ao peito. Havia nos olhos dela algo que ele reconhecia, um vazio cheio de ecos e uma saudade sem nome.

Ela olhou para o chão de madeira quebrada, onde uma pequena flor silvestre emergia, frágil entre as rachaduras.

A vida, mesmo entre as pedras e a poeira, persistia, insistindo em mostrar que a beleza pode surgir dos lugares mais inesperados. Ela estendeu a mão e tocou a pétala, como quem reconhece um milagre silencioso.

Depois de um tempo, num gesto silencioso, afastou-se ligeiramente no banco e fez um convite. Hesitante, a menina ergueu a mão, pousou os dedos finos

sobre as teclas. O som foi imperfeito, um toque fraco, como se a nota hesitasse em nascer. Ele acenou, em aprovação. Tentou outra e depois mais outra. Os sons formavam fragmentos de uma melodia, pedaços de algo que nunca seria inteiro, mas que, ainda assim, se recusava a ser silenciado.

Os dias decorreram. O sol atravessava as vigas partidas do teatro como dedos sórdidos tocando na poeira suspensa. O velho tocava e a menina escutava. Às vezes tentava acompanhá-lo, com os dedos tímidos sobre o marfim gasto. Ele corrigia, suavemente, guiando com as mãos enrugadas sobre as dela. Não falavam, nem precisavam. A música era a ponte entre o ontem e o amanhã, entre a dor e a esperança.

Enquanto a música ecoava, as crianças que se aproximavam viam beleza nas ruínas. Um pedaço de vidro quebrado refletia a luz do sol, criando um caleidoscópio de cores, a dançar entre as pedras. Um pedaço de papel rasgado flutuava suavemente no vento, desenhando círculos no ar. O som do piano reverberava de maneira estranha, mas encantadora nas paredes desmornadas, como se as ruínas se tivessem tornado uma grande caverna de ressonância. O que antes era uma casa de arte agora se transformava numa sala de ecos naturais, onde cada ruína contribuía para a criação de uma nova harmonia.

Embora a melodia nunca voltasse a ser perfeita, havia nela algo de profundamente comovente. As notas, fracas e trémulas, como quem recusa apagar-se, tocavam com uma suavidade inusitada, as almas que as escutavam. Cada acorde quebrado, cada intervalo imperfeito, parecia aliviar uma dor há muito escondida nas ruínas dos corações. A música, incompleta e incerta, ensinava que, mesmo nas rachaduras da vida, existia um espaço para a cura. Ela unia os ouvintes na fragilidade do momento, fazendo com que se sentissem parte de algo maior, algo que, apesar das perdas e das cicatrizes, ainda podia se transformar em beleza. Não se tratava da perfeição das notas, mas da continuidade da música, que persistia contra o silêncio da destruição.

E assim, entre os escombros, a melodia inacabada tornava-se um elo, um refúgio. Não curava tudo, mas curava o suficiente para lembrar a todos que, enquanto a música tocasse, havia esperança.

Os meses esculpíram rugas mais profundas no rosto do velho, como se o tempo o afinasse, preparando-o para o silêncio final. A menina crescia, os olhos outrora assombrados, foram ganhando um brilho de

compreensão. O inverno trouxe geadas que congelavam as teclas durante a madrugada, mas mesmo assim, pela manhã, os sons voltavam, frágeis como um fio de vida teimoso a resistir ao frio. Sempre que terminava uma música, o velho passava os dedos sobre as teclas como se acariciasse velhos amigos, um gesto tão pequeno e natural que a menina passou a imitá-lo sem perceber.

Uma noite, o velho tocou pela última vez. As crianças rodearam-no, como um coro de fantasmas atentos ao maestro. As notas ecoaram pela cidade devastada, fundindo-se no vento, subindo pelos becos e ruas mortas, como se procurassem aqueles que nunca mais voltariam. Quando a última nota morreu, ele sorriu, fechou os olhos e descansou.

Na manhã seguinte, a criança do casaco grande sentou-se ao piano. Sentiu o calor residual dos dedos do velho, impresso ali como uma despedida silenciosa. Fechou os olhos e, com a hesitação de quem carrega um legado, começou a tocar. Como sempre, no fim da música, passou os dedos pelas teclas, como ele fazia, e sorriu levemente ao perceber que esse pequeno gesto agora pertencia-lhe.

Mas o impacto da ausência do velho era palpável. As crianças, antes rodeadas pela presença tranquila e constante, agora ficavam em silêncio, como se o ar estivesse mais denso. A melodia continuava a ser tocada, mas sem a orientação silenciosa do velho, como se algo estivesse a faltar. A menina, no entanto, não desistiu. As mãos que antes tremiam sobre as teclas agora ganhavam confiança. Ela sentia o peso do que ele deixara para trás, mas também sabia que a música deveria continuar.

As outras crianças, que iam e vinham, sentiam uma saudade que não podia ser traduzida em palavras, mas também uma determinação crescente. A música do velho continuava a tocar nelas, como uma chama silenciosa. Cada uma, à sua maneira, se tornava parte dessa herança. A música perdurou, passando de uma mão para a outra, de uma geração para a seguinte, como se o velho ainda estivesse ali, nas notas que tocavam, nas mãos que guiavam as novas crianças, nas lembranças que se transformavam em ação.

Os anos decorreram e a menina, agora mulher, continuou a ensinar outras mãos a tocarem as teclas desgastadas, a sentirem a história que vibrava nos acordes imperfeitos. Algumas dessas crianças cresceram, partiram e levaram consigo a melodia inacabada para diferentes cantos do mundo. O piano

perdeu mais algumas teclas, mas nunca se calou. E assim, a música perdurou, ecoando em corações que jamais esqueceriam que, mesmo nas ruínas, ainda havia algo a ser tocado.

Era uma tarde quieta, como tantas outras. O vento que passava pelas ruínas do teatro agora parecia mais suave, como se ele também tivesse entendido a história que se desenrolava ali, entre as pedras e os cacos de vidro. Uma brisa fresca, carregada de memórias, varria a poeira da velha cidade e um homem, perdido nos seus próprios passos, passou pela porta quebrada do teatro. Ele não procurava nada, apenas vagava, levado por um impulso desconhecido. Os seus olhos estavam vazios, mas ao cruzar o limiar da entrada, algo o deteve, o som de uma melodia, suave e quebrada, mas carregada de uma estranha urgência.

O homem parou, como se uma força invisível o tivesse atraído. Não havia ninguém à vista, apenas o piano, que, apesar do tempo e das adversidades, continuava a cantar a sua canção inacabada. Ele aproximou-se devagar, quase como se temesse quebrar a magia do momento. Pousou as mãos

**«O homem parou,
como se uma força
invisível o tivesse
atraído. Não havia
ninguém à vista,
apenas o piano, que,
apesar do tempo e
das adversidades,
continuava a cantar
a sua canção
inacabada.»**

sobre o marfim rachado, e, ao tocar, algo inesperado aconteceu. A música, na sua forma fragmentada, encontrou um eco profundo dentro dele. Cada nota, uma ferida aberta, uma memória perdida, mas também uma promessa de cura. Ele não sabia que o piano ainda existia, ou que ele o procurava há tanto tempo.

A melodia transformou-se, agora mais forte, mais presente, como se ela finalmente se fizesse entender. Era uma ponte, uma conexão entre o passado que ele havia esquecido e o futuro que ele havia perdido de vista. O som não mais ecoava nas paredes vazias do teatro, ele parecia crescer, tomar forma e direcionar-se para algo além, uma luz distante, uma visão clara. O homem sentiu as sombras no seu peito dissiparem-se, como se a música tivesse tocado algo dentro dele, algo que há muito estava em silêncio.

Lá fora, os primeiros raios do amanhecer começaram a romper o horizonte, colorindo o céu de laranja e dourado. O homem, agora com os olhos abertos para o que sempre havia ignorado, sorriu. Algo na melodia falava de casa, da raiz, de reencontros.

Levantou-se lentamente e, sem hesitar, começou a andar na direção do piano, como se tivesse encontrado o seu próprio caminho através das notas quebradas, como se cada passo fosse um acorde, uma continuação de algo que jamais havia terminado.

Mesmo longe das ruínas, num canto distante do mundo, a melodia encontrou um novo ouvinte. Ela não parou ali, mas espalhou-se como semente levada pelo vento, atravessando os lugares mais inesperados, ao encontro de outros corações que estavam igualmente perdidos. Como uma ponte que antes não existia, a música reconectava, unia e curava. O legado daquelas ruínas, daquelas notas imperfeitas, daquela música incompleta, agora fazia parte de algo muito maior, talvez até eterno, pois a sua essência não estava no que se tocava, mas no que se tornava possível ao ser tocado.

A música, finalmente, encontrou morada, não num teatro em ruínas, mas em todos os corações que a ouviriam e a levariam consigo, criando pontes, novos encontros, novos inícios. E o velho, em algum lugar além da memória, sorriu mais uma vez, sabendo que a melodia, aquela que nunca foi perfeita, continuava a viver.



Aquela cicatriz era diferente das outras. Tinha um formato sinuoso, semelhante a um fecho *éclair*. Os pontos dados por um cirurgião, de mão certa, ainda lá estavam e aquela linha preta ziguezagueava pelo braço fora, dando a impressão de ser uma tatuagem. Não era. A sua dona andava com o braço encostado ao corpo numa posição de defesa, devido à dor que sentia. Quem via aquela cicatriz cogitava como fora feita. Talvez fosse causada por uma queda? O braço embatera em algo com aquele formato? Teria sido uma agressão? Qual seria o objeto usado pelo agressor?

A cicatriz acabou por sarar, mas o ziguezague ficará registado para toda a vida no braço e na alma. A causa e como tinha sido provocada, só a dona sabia, pois não queria dar explicações, nem comentar o acontecido. Era um segredo seu.

Quando a família, os amigos e os colegas perguntavam o que tinha acontecido, respondia que tinha caído e cortado o braço. Era impensável confessar a verdade, de certeza que os pais e os irmãos iriam reagir e as consequências seriam terríveis. Quanto aos colegas, a explicação também estava fora de questão, pois não era costume partilhar a vida particular com ninguém e, se desta vez o fizesse, a notícia correria célere e chegaria aos chefes. A posição que detinha na empresa não podia ser beliscada, porque dependia dela para viver.

Algumas vezes esteve tentada a pedir auxílio, mas recuava sempre, por falta de coragem e receio das consequências. Não conseguia imaginar como seria a sua vida depois de um ato desses. Tinha conhecimento de que, ao pedir ajuda, a teria, mas os dias passavam e tudo continuava na mesma. Às vezes perguntavam-lhe a razão de aparecer com equimoses, respondia – ter batido com a cara na porta, escorregara no duche, uma vez até disse que batera com o carro à entrada da garagem e o «airbag» não

«Quando a família, os amigos e os colegas perguntavam o que tinha acontecido, respondia que tinha caído e cortado o braço. Era impensável confessar a verdade, de certeza que os pais e os irmãos iriam reagir e as consequências seriam terríveis.»

tinha funcionado, ou outras explicações irrisórias. Não era fácil aquela vida dupla. Viver o dia a dia sempre a fingir que tudo na vida corria normalmente e sem percalços.

Nem se recordava há quanto tempo representava aquela pantomima. Tentava enganar todos, mas até quando o seu estado mental o permitiria, era uma incógnita.

A continuar aquela situação teria de inventar algo para que pudesse sublimar o sofrimento que a corroía. Sempre ouvira falar que passar para o papel, o que vai na alma é uma grande ajuda e funciona como catarse. Então, resolveu fazer isso. Havia um inconveniente, os desabafos escritos, por algum acaso, irem parar a mãos alheias, com evidentes consequências. Tinha de arranjar um estratagema para que tal não acontecesse e eis que surge a ideia

de escrever um conto. Usaria um pseudônimo, para manter o anonimato. Esteve uns tempos a amadurecer a ideia, a ponderar prós e contras e, quando se sentiu preparada, começou a escrever conto, de maneira a partilhar o que acontecera, e porventura, ajudar outras pessoas que viessem a ter a mesma experiência.

Ana

João e Ana vinham de diferentes zonas do país e encontraram-se no mesmo curso. Nos primeiros dias de aulas, nunca deram um pelo outro. No entanto, logo no início das praxes, os olhares cruzaram-se e foi o começo do interesse recíproco. Frequentavam as mesmas aulas, o que facilitou a aproximação entre ambos. Ana ainda se lembrava do momento em que ele se aproximou pela primeira vez, num intervalo das aulas, e perguntou-lhe se queria ir tomar um café. Aceitou e foram conhecer-se melhor.

Aquele convite repetiu-se quase todos os dias e foram trocando impressões e aproximando-se cada vez mais. Já sabiam tudo sobre a vida um do outro, de onde vinham, quem eram os pais, os irmãos e restantes elementos da família. Cada vez mais partilhavam as vidas, nas horas das refeições e até em pesquisas na biblioteca. A rotina de um era a rotina do outro, raramente se separavam. Daí até partilharem o alojamento foi um passo. Estavam juntos vinte e quatro horas do dia.

A existência corria normalmente, mas talvez devido à convivência diária, algumas coisas tinham mudado na relação. Ana notava, surpresa, que a maneira de ele falar não era a mesma, irritava-se com coisas insignificantes e começava uma discussão. Como poderia esquecer quando ele tentou beijá-la e ela afastou-se. A reação dele não se fez esperar, deu-lhe uma bofetada. Ficou perplexa e tão assustada com aquela atitude que nem reagiu, mas pensou que algo de grave tinha acontecido. Muitas vezes calava-se, embora sabendo ter razão, mas achava que não valia a pena, porque ele nunca aceitava ser contrariado.

Numa ocasião, ao jantar, Ana disse:

— A Rita convidou-me para passar o fim de semana na casa de praia e aceitei. Apetece-me espaiar um pouco e estar perto do mar.

— O quê? – questionou ele, furibundo. – Deves ter perdido o juízo, achas que podes ausentar-te de casa assim, sem mais nem menos? Esquece isso!

«Bastaram estas palavras para que a chispa se acendesse e o chorrilho de ofensas crescesse de tom. Ana lembrava-se de ser empurrada, de algo bater-lhe no braço e a porta da rua a cerrar-se com violência.»

Perante a reação, teve a certeza que estava a ser controlada e que a liberdade estava comprometida. Desiludida, acabou por fazer-lhe a vontade e inventou uma desculpa para justificar à amiga a razão pela qual não podia aceitar o convite.

Naquela noite, já passavam várias horas e o jantar arrefecia, ele estava mais atrasado do que o costume. Ultimamente aqueles atrasos repetiam-se, sem explicações plausíveis. Ana, apesar de humilhada, fingia que nada se passava e, quando ele entrava em casa, procedia com normalidade, para não piorar a situação. No início, ele ainda tentava desculpar-se com trabalho excessivo ou o trânsito, mas após algum tempo nem se dava ao trabalho.

Vai ser hoje que vou enfrentá-lo, já estou farta disto, o que acha ele que eu sou?

Logo que sentiu a porta a abrir, dirigiu-se-lhe e saiu a pergunta que há muito estava atravessada na garganta:

— Por que razão vens tão tarde?

— E tu o que tens com isso?

Bastaram estas palavras para que a chispa se acendesse e o chorrilho de ofensas crescesse de tom. Ana lembrava-se de ser empurrada, de algo bater-lhe no braço e a porta da rua a cerrar-se com violência. Olhou para o braço, o sangue jorrava de uma ferida profunda em forma de ziguezague, tingindo de vermelho o chão branco da cozinha. Confusa, não entendeu o que sucedera, a adrenalina não permitia que sentisse dor, mas olhou para a mesa da cozinha e viu o objeto que causara a agressão: a faca elétrica. Fatiara o pão para o jantar e, distraída, tinha-se esquecido de a desligar da corrente. >

» O namorado não deu sinal de vida nessa noite, nem nas seguintes. *É melhor assim, o comportamento dele, está cada vez mais distante e agressivo. Finalmente tenho descanso, alguma alegria e tempo para me dedicar aos meus afazeres. Agora posso programar os meus tempos livres, viajar, voltar a sair com as amigas, quando me apetecer, andar ao fim da tarde e apreciar o pôr-do-sol, como tanto gosto, voltar para casa com a alma lavada. Posso ler o tempo que me apetecer e até voltar a escrever, ocupação que tenho negligenciado ultimamente. Posso visitar a família. Não vou ficar ansiosa quando ele chegar a casa e com reações mal-humoradas. Posso dizer aos meus pais e amigos que estou livre.*

Eles avisaram que aquele relacionamento estava a destruí-la. Ela, cética, nunca quis reconhecer. Teve a ilusão que ele mudaria o comportamento e voltaria ao normal, como nos primeiros tempos. Um dia

«Posso ler o tempo que me apetecer e até voltar a escrever, ocupação que tenho negligenciado ultimamente. Posso visitar a família. Não vou ficar ansiosa quando ele chegar a casa e com reações mal-humoradas. Posso dizer aos meus pais e amigos que estou livre. Eles avisaram que aquele relacionamento estava a destruí-la.»

reparou numa mensagem no telemóvel, nem queria acreditar que ele tivesse o descaramento de lhe escrever. Pedia-lhe para se encontrarem, quando Ana tivesse oportunidade. Espantada, não sabia como reagir à proposta, ficou confusa, mas perante as alegações dele, que estava arrependido, que nunca mais teria tal comportamento, que daí para a frente as coisas seriam diferentes, acabou por ceder e marcar encontro. Ele propôs voltar para casa.

Vou dar-lhe uma segunda oportunidade.

Daí para a frente as relações entre os dois correram sem problemas de maior. Aproximavam-se as férias e durante o jantar, o assunto surgiu. Ana notou, desanimada, que ele não reagiu bem à ideia. Não valorizou muito o assunto, talvez fosse altura de muito trabalho e ele não pudesse ausentar-se. Passaram-se semanas, a marcação das férias e a escolha do local tornaram-se imperativas. Numa noite, Ana achou o momento indicado e voltou ao assunto, esperando que desta vez ele tivesse outra reação e colaborasse na escolha do destino. O comportamento dele manifestou-se ainda mais estranho, não só desvalorizou o assunto como até propôs que ela fosse sozinha de férias, porque não era oportuno para ele. Perante a reação, ela sentiu uma enorme frustração, mas esperou que o jantar acabasse, para voltar ao assunto mais tarde. Assim fez:

— Mas sempre fomos de férias, porque razão agora tem de ser diferente?

A insistência fez com que ele reagisse mal, e Ana viu um lampejo de raiva naqueles olhos, impressão que já era familiar quando ele perdia o controlo das emoções.

De repente, sentiu as mãos dele a apertarem-lhe o pescoço, gritava:

— Não tenho de dar-te explicações de nada, queres ficar com mais uma cicatriz? Não estás contente com essa que tens no braço, faço-te uma com mais requinte.

Sentindo-se asfixiar reagiu.

Tenho de lutar não vou acabar os meus dias às mãos deste energúmeno. É agora...

As aulas de autodefesa, valeram-lhe naquela ocasião. Deu-lhe uma joelhada nas partes íntimas e a dor afrouxou-o. Desenvencilhou-se e fugiu pelas escadas abaixo, até à porta da vizinha. Depois a polícia chegou...



A Ana era assim. Uma espécie de ser feito de todas as formas de antecipação que se pudessem imaginar, fosse através da pele resguardada pelo meio centímetro de tecido, fosse pelo que as suas palavras davam a entender.

Há muito que tinha rejeitado uma determinada modéstia. Podia mesmo dizer-se que teria nascido com esse banimento gravado na personalidade, o qual, por altura da puberdade, explodiu numa curiosidade (auto) consciente que até a protegeu. À timidez e medo de aceitação, substituiu-se uma curiosidade voraz. Quase se tornou uma convicção, especialmente quando o corpo despertou.

Quando a conheci, pensei que ela nunca teria sido outra coisa senão alguém acerca de quem se tornava possível imaginar tudo, desejar imenso, mas não saber muita coisa. Era de tal forma livre na sua naturalidade que o desejo que criava alimentava-se da sua natureza irrestrita. A inibição surgia-lhe como um conceito que desconhecia enquanto impulso, mas que manobrava como norma social. Desde a curva da coxa na saia, nem demasiado larga, nem demasiado apertada, à opinião informada sobre si mesma, enquanto detentora de voracidade, muito do que mostrava era o fabuloso desplante de assumir certos pudores como pura perda de tempo. Além disso, mostrava a dimensão da minha repressão e o quanto me debatia com a necessidade de a manter, por um lado, e como sofria por contorná-la constantemente, por outro. Ela sabia dizer o quão nua estava debaixo de toda a sua roupa e dispensava a mediação dos que opinavam sobre o que ela deveria desejar, através da entrega a apetites que não tinham outra justificação que não a sua.

A Ana era também o seu sexo, que brotava das suas palavras, do toque do seu corpo, das farripas molhadas de suor após os orgasmos, seus ou alheios, que a desenhavam numa unidade inseparável. Tinha

**«A Ana tocou(se)
em muitas peles,
em muita gente,
em muitos sexos,
em muitos
desejos diversos,
destroçando a
inibição que não a
definia.»**

tanta gana perante si mesma, que a saúde da sua identidade assentava numa alternância imprevisível, feita de uma voragem de prazer, à qual se podia seguir um "quase" ascetismo, que servia para que ela conhecesse até que ponto poderia desejar e como isso a levava a criar-se a si mesma.

A Ana amava, mas talvez não apenas como os outros entendiam o verbo ou o conceito. A Ana amou-me, e eu a ela, mas tentar abarcar a totalidade do seu desejo seria como agarrar o vento ou tentar saber todos os sabores dos vinhos do mundo. Tinha sempre um pé no firmamento, uma parcela sua e constantemente ausente, o que lhe dava um poder considerável. A Ana nunca se esgotava.

Tinha também aquela "maldita" curva dos lábios. Desenhados num expoente carnudo, certamente com milhares de teorias sobre beijos e os locais onde podem ser imaginados. Malditos também o tom de voz, a esgrima de palavras, a arte de nudez sem pele.

Nua, com ou sem roupa, nas palavras, desesperada pelo quanto poderia querer alguma coisa, algum toque, alguma presença. Havia laivos de um beijo indefinível em cada palavra, de ameaça, de sabedoria da tontura alheia. Havia algo de demonstrado, de ligeiramente petulante, de autoconsciente. Havia algo de fome nas duas sílabas, como um tiro, uma noção daquilo que extravasava, mas que ao mesmo tempo era manuseado, como um atirador de facas com um copo a mais. Recordo a silhueta no escuro, aquele andar do corpo até mesmo quando estava parado.

A Ana tinha o poder dos sinceros. Algo sem culpa, mas ainda assim a temer.

A Ana desejou desconhecidos. E teve-os.

Falava da sua vida, dos parceiros, da narrativa da cama, como me dizia. Discorria como um viajante, alguém que, por possuir tanta capacidade de enlevar os outros, aprendia com isso. Sabia de si, ao ver-se no efeito que provocava. Por vezes sofria com o desequilíbrio que ocorria amiúde. O seu desejo, por mais intenso que surgisse, era suplantado por um impacto nos outros que os levava a confundir a experiência com outros sentimentos.

Não será surpresa para ninguém saber que a Ana era mais amada do que seria capaz de amar, embora a força do seu desejo fosse quase sempre mais intensa que a dos seus parceiros. Inebriada pela sua capacidade de sentir e, ainda assim ser livre, lutava internamente com o significado da palavra. Mas amava sim, embora não da forma "procedimental" que lhe exigiam na esmagadora maioria das vezes e, no entanto, isso não afastava ocasionais perenidades. O toque real perdurava no tempo dela até que parecesse uma entidade diluída em memórias imprecisas.

A Ana tocou(se) em muitas peles, em muita gente, em muitos sexos, em muitos desejos diversos, destruindo a inibição que não a definia. Falava muito, contava-me sempre um pouco de tudo, ignorando como eu sofria por uma formatação exclusivista que, estupidamente, achava que lhe era aplicável.

Não hesitava. Falava como percebia, sem intermediações de qualquer forma de recato. Usava linguagem suja quando o calor do sangue ordenava, mas o maior despudor estava na confissão das vontades sem os constrangimentos de adequação. No que dizia respeito ao que sentia e como achava que poderia agir em conformidade, não queria ser nem adequada, nem polida. Para ela, não havia sexo ou desejo a mais, e nada disso lhe beliscava aquela aura contraditória

de presença-ausente, que a tornava tão terrível para quem a desejava ou tinha uma qualquer curiosidade que a incluísse. Parecia fascinada com tudo o que produzia. Qualquer estímulo genesíaco criava uma voracidade pelo mundo que ela achava pertencer-lhe. Não há maior tristeza que a memória persistente de um fantasma. Os fantasmas são feitos do potencial interrompido, das pessoas que são histórias cuja palavra fim foi aposta a meio da narrativa. Não encontro expressão alguma que melhor possa definir a Ana, ou talvez no que ela se tornou, o requinte cruel do que tudo nela se tornou inacabado.

Os seus não eram ordenados. Como todas as pessoas, tinha contradições e os riscos associados àquelas. Era normal que fosse desejada ou amada, precisamente o motivo pelo viriam, mais tarde, a odiá-la. Para alguns, o paradoxo da caça eterna é um motivo de ascensão a grandes alturas de enlevo, mas também causa quedas súbitas num fosso de violência.

Assim foi que, à semelhança de tanto quanto tinha visto e ouvido ao longo do tempo que estive com ela, a Ana manteve o seu entendimento das coisas, mesmo quando ele representou um perigo para ela. O André era um homem intenso, inteligente, mas incapaz de lidar com alguém que o quis, a certa altura, mas a quem nunca conseguiu impressionar. Estava habituado a criar necessidade de si, mas nunca a sentir o seu oposto. Ao André não bastava ser gostado. Necessitava que precisassem dele, na medida em que essa espécie de sede formava o identificador da ligação partilhada.

A história foi tão rápida, quanto intensa, trágica e definitiva.

A desinibição dela foi o início. Criou nele uma tal necessidade que ele não sabia enquadrar o que sempre fora o seu campo de atuação, mas do lado oposto. A liberdade dela provava ainda mais que gostava dele, mas que não trazia nada de estático a quem, até na entrega, era intrinsecamente livre.

Foi a partir daí que o mecanismo de inversão, tão comum na vida dela, começou a ocorrer. André começou a deixar coexistir em si uma necessidade emocional e uma detestação intensa. Os dois sentimentos, geradores de uma ansiedade asfíxica numa pessoa despreparada a todos os níveis, formaram uma emoção única, alternante como uma bipolaridade, e que começou a necessitar de saciedade constante, sendo uma condição geradora de violência possível ou mesmo provável.

O que se passou a seguir é tristemente comum, mas sempre chocante. Para mim, que a via sempre como parte de algo na minha vida que gerava o poder de imaginar, o choque foi duradouro.

A Ana, porque não sabia reagir de outra maneira, teve a capacidade de sair de si para ser ela, através de uma naturalidade que, em muitos casos, poderia magoar pela forma como parecia ser alheia a quem quer que a rodeasse. Na verdade, tratava-se de um equívoco, mas que não sendo explicado, nuns geraria tristeza e, em alguns poucos, criava algo mais sinistro e perigoso.

A desinibição levou-a a comunicar de forma clara e serena qual o caminho que queria seguir. A reação do lado oposto começou logo por ser feita de resistência. E ela continuou. E ele falou do passado. E ela revelou o passado que tinha tido. E ele interpretou isso como um descaso, porque tudo girava em torno de si e da sempiterna necessidade que só via noutrem. E ela insistiu que tudo isso a definia. E ele falou em pudor. E ela falou na desnecessidade. E ele enfureceu-se. E ela insistiu. E ele insultou-a. E ela não aceitou e, mais uma vez, foi quem era. E ele...

Bom, o resto pode adivinhar-se.

Na verdade interessa pouco.

A Ana está viva. Até que ponto, não sei bem.

Tenho ido visitá-la à clínica onde está há seis meses.

**«Talvez volte a
atrever-se. Espero
bem que sim.
Preciso do seu
descaramento para
voltar a imaginar,
ainda que doa, ainda
que seja apenas
ânsia.»**

O corpo sarou rapidamente, já que as lesões não foram tão graves como poderiam ter sido. O resto é bem mais complicado.

Dou por mim, em cada visita, a falar como se fizesse gestos aos meus animais de estimação, para que eles notem que estou ali. Assim como eles, ela sabe que estou, mas até que ponto vou conseguindo captar-lhe qualquer espécie de atenção, é uma incógnita para mim.

Volta e meia sorri. Conseguimos ter conversas simples, sem que se diga grande coisa, ou entramos em memórias conjuntas e eu simplesmente tento fazer alguma coisa que a possa sentir-se fascinada por ser quem é, como eu certamente sou e sempre fui por ela. Raramente consigo. Mas falamos. Vamos falando sempre.

A Ana, naquele dia, percebeu todas as formas que podiam existir de ataque a um simples despudor. O facto de ser livre, e sem que isso significasse uma neutralidade emocional ou um distanciamento que lhe desse uma intangibilidade quase seráfica. Sabia que, ainda assim, era capaz de gostar e isso também constituía o seu despudor perante a vida.

O tempo passou e, pelo menos até agora, ela nunca retornou a si de forma integral. Será que alguma vez o fará? Como tantas coisas relativas a ela, nunca se saberá ao certo.

Talvez volte a atrever-se. Espero bem que sim. Preciso do seu descaramento para voltar a imaginar, ainda que doa, ainda que seja apenas ânsia. Não é pelo facto de os pássaros voarem bem longe do nosso alcance que somos imunes à sua beleza e ao efeito na nossa vida. Aprendo com o atrevimento dela a avaliar o que se passa, e a cada visita que lhe faço percebo mais como sempre tive menos coragem do que ela e me escondi em medos básicos e corriqueiros.

Hoje tenho nova visita à clínica.

Ainda esta noite sonhei com a sua nudez e palavras de liberdade irrestrita. Talvez me devesse envergonhar, dado o estado em que se encontra, mas não o faço. Não tenho razão para isso. É meu, e ninguém sabe ou saberá, e muito menos ela. Talvez quando ela voltar lhe conte. Talvez quando a voltar a ver, eu me atreva a fazê-lo, como ela sempre se atreveu a tudo. Talvez se recorde. Talvez até a consiga esquecer. Talvez acabemos a conversa. Talvez, quando morrermos.



BOLEIA FINAL

SÓNIA
PEDROSO

Júlia estava em casa naquela tarde ventosa e, os ramos da árvore do quintal abanavam furiosos. Ouvia um som que percebeu ser produzido por uma ramagem que batia, sem cessar, no vidro da janela da cozinha.

O zunido na rua era assustador e ela fechou as janelas. Olhou o céu negro e carregado, com nuvens espessas de um cinzento-escuro, que não deixavam passar luz. O vento puxava os ramos com tanta força que era surpreendente as árvores não levantarem voo. Moldavam-se à vontade do vento com a destreza de ginastas a dobrarem-se no sentido que soprava. Júlia lamentou que nunca mais fosse verão. A sua estação do ano preferida.

Ouviu outro batuque, desta vez na porta. Surpreendida, chegou-se perto e perguntou:

— Quem é?

— Preciso de ajuda. O meu carro parou ali em cima, na estrada, e estou sem bateria no telemóvel. Preciso de um telefone.

"Que raio", pensou Júlia. "A esta hora e com este tempo? Deve ser engano."

— Desculpe. Sei que parece estranho, mas é verdade o que estou a dizer. Preciso só de fazer uma chamada — disse a voz do outro lado da porta.

Júlia abriu uma nesga e espreitou para ver a figura. A gabardina verde e fechada cobria um corpo magro e de estatura média. Segurava o capuz com as mãos para o vento não o levar.

— Entre — acabou por dizer, abrindo a porta.

— Eu não venho fazer mal. Só preciso mesmo de fazer uma chamada.

— Venha aqui para a cozinha. Tenho o telefone aqui. O homem seguiu-a e ficou a aguardar na soleira da porta. Ela estendeu-lhe o telefone e encostou-se ao balcão. Reparou que ele tinha cabelos ondulados castanhos escuros e lábios finos, enquanto aguardava que a chamada fosse atendida. Pressionava com

«Ouvia-se o relógio da cozinha a arrastar o ponteiro entre os segundos. O vento lá fora continuava zangado, a soprar de encontro aos vidros, batendo as persianas na janela com estrondo. O som de um motor chegou até à cozinha e Júlia rezou para que fosse a boleia esperada. O forasteiro chegou-se à janela, mas afastou o olhar.»

força o aparelho no ouvido, o que chamou a atenção de Júlia.

— Estou aqui numa casa. Fiquei sem bateria e tive de pedir ajuda. — Olhou de soslaio para Júlia. A voz do outro lado era impercetível, mas as pausas entre frases deixaram Júlia em alerta. Sentiu o estômago apertar, como se alguma coisa estivesse fora do lugar.

— Obrigado. Já vêm buscar-me — disse, enquanto devolvia o telefone.

— Sente-se enquanto espera — convidou ela.
— Acho que vou ficar em pé. Obrigado. — E ficou ali parado, de braços cruzados.
— Sabia a localização daqui? — perguntou Júlia.
— O quê?
— Para dizer a quem ligou onde têm de o vir buscar.
— Aah!! Sim...sim. Eu disse. Mais ou menos.

Ela achou aquela resposta estranha. "Mais ou menos"? Então, ele não tinha noção de onde estava. Como apareceu aqui? Seria um fugitivo?

— Então, o seu carro parou?
— Sim. Nem acendeu luz nenhuma. Desligou-se do nada. Sorte, eu encontrar esta casa.

Júlia assentiu com a cabeça, apesar de pensar que aquela não era uma zona de muito movimento. Para ir ali ter, só de propósito.

Ouvia-se o relógio da cozinha a arrastar o ponteiro entre os segundos. O vento lá fora continuava zangado, a soprar de encontro aos vidros, batendo as persianas na janela com estrondo. O som de um motor chegou até à cozinha e Júlia rezou para que fosse a boleia esperada. O forasteiro chegou-se à janela, mas afastou o olhar.

O som do motor parou, mas não se ouviu a porta a bater, nem passos na entrada. A anfitriã foi ao quarto buscar um casaco e agarrou no telemóvel.

— Vou ver se é mesmo o seu colega — disse.
Uma rajada de vento puxou a porta e, a custo, saiu para o quintal. Olhou à volta e viu muitas nuvens negras a correr com o vento no céu. O ar estava carregado de humidade e gelava as extremidades ao passar na pele.

Um carro com os faróis acesos estava parado perto do portão. Júlia não via ninguém ao volante, nem no caminho da casa. A carroçaria negra contrastava com o brilho dos metais. Os pneus todos pretos completavam o sinistro veículo. Sentiu um arrepio, que não era de frio, passar-lhe pelo corpo.

— Então, é ele? — perguntou o sujeito da gabardina com um meio sorriso, quando ela regressou à cozinha.

— Sim. Foi dar a volta ao carro — mentiu.
— Posso ir à casa de banho antes de sair? — perguntou ele.

Hesitou por um segundo a responder, mas acabou por indicar-lhe o caminho. Assim que a porta se fechou com um breve clique, tirou do armário uma grande frigideira e segurou-a pelo cabo com as duas mãos firmes. Esperou que ele saísse.

Ouviu puxar a fechadura, ficou em posição com a frigideira, tipo raquete, ao lado da porta. Esperou a altura certa. Desferiu um golpe certo na cara dele. O som seco do metal a bater no osso ecoou pelo corredor. Com o impacto, o sangue saltou-lhe do nariz e escorreu pela cara. A roupa foi ficando manchada de vermelho e salpicou o chão. Ele caiu desamparado.

Júlia moveu-se rápido, puxou-o para a cozinha e atou-lhe as mãos com corda do estendal. Limpou o sangue que manchava o chão e esperou que acordasse.

Ele começou por estremecer ao acordar e com um grito de dor, o homem tentava mexer-se.

— Você é doida. O que é isto? Estou amarrado. Porquê? O meu nariz!

— O carro lá fora não tem ninguém — disse num tom duro — Quem é você? O que é que quer aqui? — Interrogou-o, com uma voz dura e as pálpebras meio cerradas.

— Eu não sei. O carro seguiu-me durante muito tempo. Tentei despistá-lo e segui esta estrada que veio dar à sua porta — choramingou o homem.

— Está a inventar. De onde apareceu o carro? — confrontou-o, a tentar manter um tom firme, com o coração aos saltos no peito.

O homem tentava endireitar-se, mas com as mãos amarradas era uma tarefa difícil. O nariz ainda escorria sangue, agora em menos quantidade, mas pingava-lhe o peito da gabardina de rubro.

— É verdade. Começou por me fazer sinais de luzes e ligava o pisca para a direita. Indicava-me para parar na berma. Com a frente dele quase em cima de mim, acelerei para me afastar o máximo que consegui. Mas o carro não desistiu, as luzes batiam no vidro retrovisor e não conseguia ver nada. Olhei insistentemente para ver se reconhecia o condutor, mas não conseguia ver nada.

— Porque mentiu quando chegou? A quem ligou, afinal?

— Não sabia se acreditava na minha história. Tive um percalço com um ciclista e fugi. Vinha por aí fora quando o veículo me começou a perseguir. Por isso bati-lhe à porta e pensei que se fosse embora, assim que a tempestade passasse.

Calaram-se. No relógio da cozinha ecoavam os segundos a passar no silêncio que se fazia sentir.

Júlia foi à janela. O carro continuava parado ao portão, pintura preta brilhante e vidros esfumados.

Mantinha os faróis acesos, que iluminavam o portão pequeno do quintal. Continuava à espera. Seguiu decidida para o homem e ajudou-o a pôr-se de pé. Agarrou-lhe no braço e avançou para a porta.

Estarrecido, ele parou, aflito ao perceber que o encaminhava para a rua. E ainda tinha as mãos amarradas.

— O que é que está a fazer? Para onde me leva? — sacudiu a mão dela com vigor.

Ela agarrou-o com violência e puxou-o pela cozinha. Júlia abriu a porta energeticamente. O vento soprou com mais força, como se quisesse impedir que continuasse. O prisioneiro resistia, manietado, os olhos arregalados, o nariz a pingar sangue.

— Não me leve para lá! — implorou, a voz a tremer.

«Júlia arregalou os olhos. Num instinto, moveu-se rapidamente na direção do homem e deu-lhe um empurrão forte. Amarrado e com o impacto de surpresa, ele caiu no banco de trás do carro. Quando ele se apercebeu o que estava a acontecer, um grito de horror saiu-lhe do fundo do peito.»

— Não sabe quem está naquele carro!

Não respondeu. Empurrou-o pelo quintal até ao portão. Os faróis do carro ainda estavam acesos, imóveis, ofuscando a visão. Parecia não haver ninguém ao volante. Mas Júlia sentia... alguma coisa. Uma presença.

— Abra! — ordenou e apontou com a cabeça para o portão.

Ele hesitou, trémulo. Com esforço, virou-se de costas e tentou puxar o trinco com os braços presos. Júlia aproximou-se, abriu ela mesma e empurrou o homem para fora.

O carro não se mexeu.

O homem olhou para trás, desesperado.

— Ele quer matar-me.

— Quem?

— Ele! — gritou, a apontar para o carro. — Vinha atrás de mim! Eu fiz coisas de que não me orgulho. Provavelmente até mereço, mas não quero morrer aqui, por favor!

Nesse momento, os faróis apagaram-se.

O carro permaneceu imóvel, silencioso.

Por um segundo, tudo pareceu parar, até o vento. Júlia sentiu o coração acelerar. O homem estava a chorar. Ela deu um passo atrás, pronta para fechar o portão.

Então, a porta do carro abriu-se sozinha.

Júlia arregalou os olhos. Num instinto, moveu-se rapidamente na direção do homem e deu-lhe um empurrão forte. Amarrado e com o impacto de surpresa, ele caiu no banco de trás do carro. Quando ele se apercebeu o que estava a acontecer, um grito de horror saiu-lhe do fundo do peito. Com terror, viu-se deitado dentro do carro, com as mãos amarradas, sem conseguir levantar-se. Agitava-se sem parar, como se quisesse ganhar asas para fugir dali. A porta fechou-se lentamente. Os faróis ligaram-se e o carro deslizou pela gravilha da rua sem fazer nenhum som.

De boca aberta, Júlia assistia aos acontecimentos muda de espanto. Agarrava o casaco, com os braços cruzados, para impedir que o vento batesse no corpo. Os olhos fixos na viatura que se afastava.

A situação escapava a qualquer explicação lógica e deu por si a pensar o que teria ele feito para merecer aquele destino. O que quer que fosse, deu-lhe direito àquele requinte de boleia para o inferno.



PRIMEIRA PORTA À DIREITA

SUSANA
FORTE

Enterrar alguém é fácil. O pior é ter de abrir as gavetas. Sabemos o que advém, para além da dor da própria perda: uma adrenalina de documentos em várias plataformas. O avisar o mundo da sua inexistência e, publicamente, reclamar os deveres e afazeres que ninguém quer. É como mexer nas entranhas de uma pessoa decapitada à beira da estrada, numa tentativa de encontrar a sua documentação.

Rua Azedo de Gneco, em Campo de Ourique. Um centro luxuoso de prédios habitacionais familiares de outrora, atualmente transformado para as carteiras mais ligeiras e fartas em notas de quinhentos — ainda não se cunharam de maior valor.

O senhorio era o Monsenhor de Lisboa, também este já destripado, pele ressequida, carne e entranhas desaparecidas nos estômagos de vermes incansáveis. Também ele morto!

Abro a porta verde e pesada de madeira maciça, com ornamentação floral em ferro forjado negro, típica das portas pombalinas e lisboetas dos séculos XVIII e XIX. O ferro, rendado em motivos vegetalistas, cobre duas pequenas portinholas por cima da minha cabeça; olhos protegidos por um postigo gradeado. À minha frente, um átrio de entrada em mármore, com uma pequena escadaria obrigatória de três singelos degraus. No patamar seguinte, correspondente ao rés do chão, vislumbro a escadaria larga de madeira, defendida por um corrimão em ferro forjado. Espera-me uma subida de três andares, degraus rangentes ao pisar da minha passada. Sons que ecoam do passado e me envolvem numa recordação clara de criança.

O Carlos vivia no segundo direito. Chamava-o irmão, mas nunca me disse que o fosse. Tinha costas largas, e eu, jeito para me agarrar a elas. Ao passar pela porta que antigamente abria para me receber, faço uma pausa, respiro fundo e, com um meio sorriso e

«Puxo o corpo pela força de braço para ultrapassar o último degrau que me leva ao terceiro andar. Quase encostada à porta da direita respiro fundo mais uma vez, expirando profundamente, para obter a coragem de entrar na casa da minha querida avó.»

um firmar de lábios, agarro-me de novo ao corrimão que me acompanha ao destino.

Puxo o corpo pela força de braço para ultrapassar o último degrau que me leva ao terceiro andar. Quase encostada à porta da direita respiro fundo mais uma vez, expirando profundamente, para obter a coragem de entrar na casa da minha querida avó. Lá dentro, sei que vou encontrar restos remexidos, deixados para que eu escolha o que quiser levar. Restos nos quais tenho a certeza de encontrar tesouros escondidos, que mais ninguém encontrou. Chave na porta, rodada duas vezes, para a destrancar com um clique que ecoa pela escadaria que acabei de subir. O som faz ricochete na claraboia de vidro, a mesma que deixava ver as estrelas e a lua, enquanto as tentávamos contar nas noites de verão intermináveis.

O cheiro a mofo adere às minhas narinas assim que trespasso a porta, fechando-a atrás de mim. Um corredor sem fim estende-se à minha esquerda, levando à cozinha. À frente, três portas: o quarto frontal, o lateral de esquerda e o quarto à direita. Pelo meio, o antigo escritório do avô que nunca conheci. Está vazio, deixando a recordação de uma escrivãzinha de mogno maciço nas marcas de uma carpete sem cor. Pelas janelas, já sem cortinas, e com a luz do dia que pairava no quarto da direita, revi-me na cómoda-toucadour antiga — Dona Maria — de espelho atrevido que me fazia sorrir. Abro as pequenas gavetas que sei estarem escondidas e vejo as minhas missangas de menina a sorrirem para mim, com toda a abundância de cores espalhadas sobre o tecido nobre, cor de pérola, que almofadava a pequena gaveta.

Olho-me ao espelho. Tenho um toutiço no alto da cabeça, uma farda azul e um dente a menos no sorriso. A minha avó ensina-me a cozer e a fazer colares de missangas; divertimento certo nesta recordação instantânea.

Levanto-me da cama de colchão despido e, tomando coragem, entro no quarto escuro. Tantas noites que aqui dormi..., mas que medo tinha de ficar sozinha neste lugar.

É apenas um quarto escuro, interior e sem janelas, não contando com a sanefa tapada para o escritório, mesmo ao lado.

O ar aqui dentro é rarefeito. No escuro vejo sombras como pessoinhas a deslocarem-se à minha passagem. E o armário gigante que nunca pude abrir encontra-se agora à minha frente, com fechadura destrancada.

Deixo-me ficar a olhar para ele não sem vislumbrar, pelo canto do olho, e confirmar — ou tentar confirmar — que realmente estou sozinha.

A porta delgada de madeira rangeu ao abrir. Um arrepião contundente percorreu-me a espinha, fazendo eriçar os poros da pele. A luz está cortada. Não me resta senão apalpar o conteúdo de tecidos revoltos dentro do armário. Perdi a coragem, deixando-os ficar tal qual se encontravam.

Ainda de pele hirta, fiz menção de sair dali para fora, mas o brilho dos puxadores, areados em tempos e revelados pela luz gasta que se atrevia pela porta fez-me parar. Respiro fundo.

Com coragem redobrada, agacho-me. Deparo-me com uma gaveta impercetível na penumbra. Puxo por ela com cuidado. Desliza como se estivesse re-

vestida a manteiga. O cheiro a guardado é patente. Levanto com cuidado as poucas roupas dobradas. Ao canto, do lado esquerdo, no ponto mais remoto e sombrio, sinto um pedaço de madeira talhado: uma caixa, que retirei e trouxe para fora. Levo-a para o quarto à direita e pouso-a em cima da cómoda, frente ao espelho. Sento-me de novo na cama despida e fico a olhar para ela, sem coragem de lhe tocar. O corredor lembra-me gargalhadas e corridas com a vizinha de baixo, com quem tive as primeiras experiências sexuais de miúda. Dormíamos juntas na cama gigante do segundo direito. Era só brincadeira; acho.

Ao fundo do corredor, à esquerda, uma porta fechada, que abri relembrando as primas de África que, fugidas em tempo de guerra, temporariamente para esta casa vieram.

Ali era o quarto da criada. Minúsculo. Pequena cama encostada à parede, apenas uma cadeira e um pequeno móvel de gavetas do lado oposto. Era do tamanho do armário gigante lá de casa, da coleção Dona Maria — aquele com o espelho na porta, maior do que eu já crescida.

Nunca ali entrei. O desconforto era maior do que a curiosidade.

No parapeito, a meio do quarto, repousam pequenos vidros com licores e especiarias. Soube mais tarde que a prima sobrevivente escreveu um livro de culinária. Ou, pelo menos... tencionava fazê-lo. O porquê de serem primas nunca entendi, principalmente pela cor da pele. Se em tempos perguntei, já não recordo a resposta.

Aproximo-me da luz que irradia da marquise onde termina a casa. As janelas altas, ladeadas por ferro forjado pintado de branco, deixam o sol escorregar para dentro. Avanço, mas detenho-me junto da abertura à direita, onde um dia existiu uma porta. Lá dentro, a sala de jantar espera.

O relógio-coluna continua plantado na parede ao centro. Na mesa oval, reza a história de que o meu pai em jovem perguntava as horas de braços esticados, num preguiço evidente, de forma a disfarçá-lo perante um pai austero do início do século XX.

Sigo em frente e poiso no chão antigo do final do século XIX., ladrilhos brancos e pretos onde tantas vezes joguei à macaca. À minha volta, restos de talheres nas gavetas fechadas, tachos e frigideiras que levo comigo no caminho da saída — local de onde os aromas mais saudáveis para as narinas

enchiam-me a boca de saliva, ainda antes de os provar. Parei uns instantes, sentindo a mão da minha avó velhinha a puxar-me para a bancada cheia de farinha. Na cabeça, uma peruca loira de cabelo comprido que abanava só para a sentir roçar nos ombros. O sabor dos rissóis queimava na boca. Sempre me queimaram, mas eu continuava a morder.

Dirijo-me à marquise. Chego-me às grandes vidraças manchadas pela falta do jornal que, com vigor, a minha avó esfregava para as deixar translúcidas.

Encosto a testa ao vidro, agora baço e morno do sol de fim de tarde. Olho para fora, para os telhados que sempre me pareceram tão distantes e, ao mesmo tempo tão meus. A escada de incêndio continua lá, ferrugenta e pendurada no vazio.

Vejo, na minha mente, a roupa a dançar ao vento, enquanto a minha avó, com as mãos entrelaçadas no colo, desesperava no chamamento usual: «Anda para a mesa que a comida vai arrefecer», «tudo sempre a correr, sempre a escorregar-lhe das mãos», dizia. Mas ela agarrava tudo, mesmo assim: a vida, a casa, as receitas... e a mim.

«Deixo cair os ombros e, de olhos fechados, encaro a sensação do chão. Sigo o meu instinto, passo a passo. Devolvo as recordações à casa. De frente para o corredor, respiro fundo, e com a coragem redobrada faço intenção de o percorrer de volta ao quarto da direita.»

Volto-me para a bancada de pedra gasta, onde repousam a velha balança de pratos da fábrica do meu avô paterno, e o frasco de vidro com grão-de-bico, agora seco demais para ser salvo. Passo os dedos pela superfície fria, como se pudesse acordar um qualquer eco do passado. O som da colher de pau a bater no tacho, o assobio do lume no fogão a gás, o estalar da crosta do pão cortado ainda quente, com um pano de algodão a proteger as mãos.

Tudo era feito com tempo. E amor — mesmo que embrulhado em ralhetes.

Aperto os olhos por instinto e inspiro fundo. O cheiro do arroz-doce ainda me tenta. Mas não recordo se gostava ou se me obrigavam a gostar.

Deixo cair os ombros e, de olhos fechados, encaro a sensação do chão. Sigo o meu instinto, passo a passo. Devolvo as recordações à casa. De frente para o corredor, respiro fundo, e com a coragem redobrada faço intenção de o percorrer de volta ao quarto da direita.

Sento-me na cama despida, a olhar para o velho espelho da cómoda-toucador antiga — o tal das misangas, das pequenas gavetas cheias de pingentes, terços, linhas e alfinetes de dama. As escovas de prata desapareceram da pequena bancada de mármore.

Resta apenas uma caixa de pau-preto com incrustações metálicas de algo que nunca consegui interpretar.

Deixo-me ficar uns instantes a estudar a sua estrutura. Inclino a cabeça para a esquerda. Um canto de papel sobressai pela tampa fechada.

Nada que não possa descobrir... se apenas abrir a tampa, presa por uma simples mola.

Num reflexo irrefletido, pouso a mão sobre a madeira. O polegar crava-se no bico do fecho, que cede com um impulso inevitável.

Abro a tampa com subtileza. Junto as mãos no colo, entrelaçadas. Um envelope amarelado pelo tempo, com uma caligrafia que reconheço de um passado esquecido, repousa no fundo.

Olho para mim. As córneas dos olhos estão enegrecidas. Quase não me reconheço.

No envelope, leio uma frase escrita pela minha própria mão: «Para ti, se algum dia for tarde demais».

O dia chegou... ou talvez nunca tenha passado. Guardei o envelope na cómoda, tal como ela fez com tudo o resto.



Não queria usar véu. Não e não. Considerava-o coisa antiga, descabida e de fraca funcionalidade. Gostava pouco de prender coisas à cabeça, a fazer peso e comichão, a desgastar as ideias. Era uma mulher moderna e, assim sendo, tal artefacto estava fora de questão.

Sem se aperceber, deram-lhe a volta. Talvez tenham sido as madrinhas, as sobrinhas ou as tias-avós — que eram mais tias do que avós —, ou teriam sido as vizinhas?

Alguém a convenceu. Não se lembrava de quem.

No seu dia, lá lhe espetaram o véu, enterrando-o fundo no penteado complicado que demorara tantas horas a compor. Ancoraram-no com ganchos, elásticos e alfinetes. Deixaram escapar a piada: dali, não sairia! E que linda que estava... Coisa parva ter julgado que não o queria. De tão comprido que era, enrolava-se aos seus pés. Assemelhava-se a um pedestal, e ela a uma qualquer santa imaculada.

Chegada à igreja, saiu do carro atrapalhada. Tanto tecido — saiete, saias e véu — era difícil de transportar. Porém, determinada que estava, quis empreender o desafio a solo. Ordenou às meninas e às damas que seguissem a marcha. Não demoraria a alcançá-las.

Já se ouviam os sinos, os órgãos e o coro.

Já ela transpunha a porta da igreja.

Já choramingavam as madrinhas, as sobrinhas, as tias-avós e as vizinhas.

Então, inoportunamente, a porta do carro fechou-se, com parte do véu ainda no interior... E tão bem que estava ancorado na sua cabeça. Arrancou o veículo e arrancou a noiva, ao puxão e ao arrasto, primeiro pelo adro e depois pelo asfalto, com cabeça a bater como batem as latas atrás dos carros dos recém-casados — mas sem barulho, que os gritos se extinguíram depressa.

Antes de se ir, lembrou-se — não foram as madrinhas, as sobrinhas, as tias-avós, nem tampouco as



vizinhas, que a tinham convencido a adoptar tal acessório. Tinha sido uma velha corcunda e amarrada, envolta em bruma e roupas escuras. Lembrou-se porque a viu, enquanto era levada, a gargalhar à porta da igreja.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ACREDITA EM MIM

INÊS
GARCIA MORAIS

O Diabo não castiga meninas pequeninas — dizia-me o meu avô, com todo o amor, afagando-me o cabelo e ajeitando o cobertor da minha cama. — Está ocupado com os homens maus do mundo, querida. Não te preocupes.

O sorriso dele assegurava-me, mesmo em criança, de que, nesse caso, o Diabo nunca iria atrás dele. Nunca tive a coragem de lhe dizer, apesar disso, que ele não estava inteiramente certo.

A minha avó observava à porta, de terço na mão direita, agarrando com a esquerda o crucifixo dourado que trazia ao pescoço. Silenciosa. Preocupada. Temente. Não contrariava o meu avô.

Mas não me tranquilizava.

Sabia que as tempestades significam mais do que chuva — eram lutas, dizia a minha avó. Lutas entre o céu e os outros.

Mas nunca me tranquilizava.

De todas as vezes que eu pedira para não dormir sozinha, todas as vezes que acordara a casa inteira com os meus gritos, que rogara para não sentir o que sentia... ela nunca me aliviava o pânico. Nunca me dera um beijo na testa ou um abraço, nunca dissera palavras doces; nunca ralhara sequer.

Não sabia porquê, ao início. Mas hoje sei.

— Devíamos levar a menina a um padre — dissera ela uma vez à minha mãe, das poucas vezes que eu a vira sóbria.

— Que tontice, mãe. Ela precisa é de ir lá para fora brincar e não de ir consigo para a igreja, que deixa logo de ter pesadelos — retorquira, de cigarro na mão. — A mãe que não se atreva.

— Ela sente-o, Maria. Esta criança sente o Mal. Temos de a proteger, senão fica vulnerável a ele.

Lembro-me de me arrepiar. De querer gritar a pedir ajuda. De dizer que a minha avó tinha razão. Mas o desejo de acreditar no ceticismo da minha mãe ganhara a todos os impulsos.

— A mãe que não se atreva a pôr-lhe essas coisas na cabeça — refilou ela, tremendo de irritação e do



frio da janela, o fumo do cigarro a sair pela boca. — Quando ela se queixar, finja que não ouve. Ela quer ser igual a si e chamar a atenção. Não lhe ligue nenhuma que há-de passar a maluqueira.

Não. Por favor, não me deixem sozinha.

Com ele, não.

Talvez, se o ignorasse, também ele se aborreceria.

Vinha a tempestade, dava-se a batalha. E a visita era iminente. A presença que me causava convulsões, que eu sentia nos meus ossos, debaixo dos cobertores. O peso na minha cama. O peso em mim. A respiração a que eu não escapava, mesmo que tapasse os ouvidos. Eu tentava rezar. Respiração. Relâmpago.

Tentava repetir, até o cansaço ser desesperante, que era imaginação minha. Respiração. Zumbido. Trovão.

...O meu avô. Ele dizia que eu não tinha importância. Respiração. Relâmpago. Presença.

Tu.

Habituei-me ao peso das tempestades e dos seus significados, os confirmados e os incógnitos.

Tenho trinta anos agora. As luzes estão sempre acesas na minha casa.

O mundo está repleto de homens maus.

Ainda assim, vejo a tua sombra no corredor. Apesar de não conseguir ver o teu rosto, sei que sorris. Sei que é aqui que queres estar.

E, quando te pergunto porquê, tu respondes simplesmente:

— Porque acreditas em mim.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TUDO POR TI

JP
FÉLIX DA COSTA

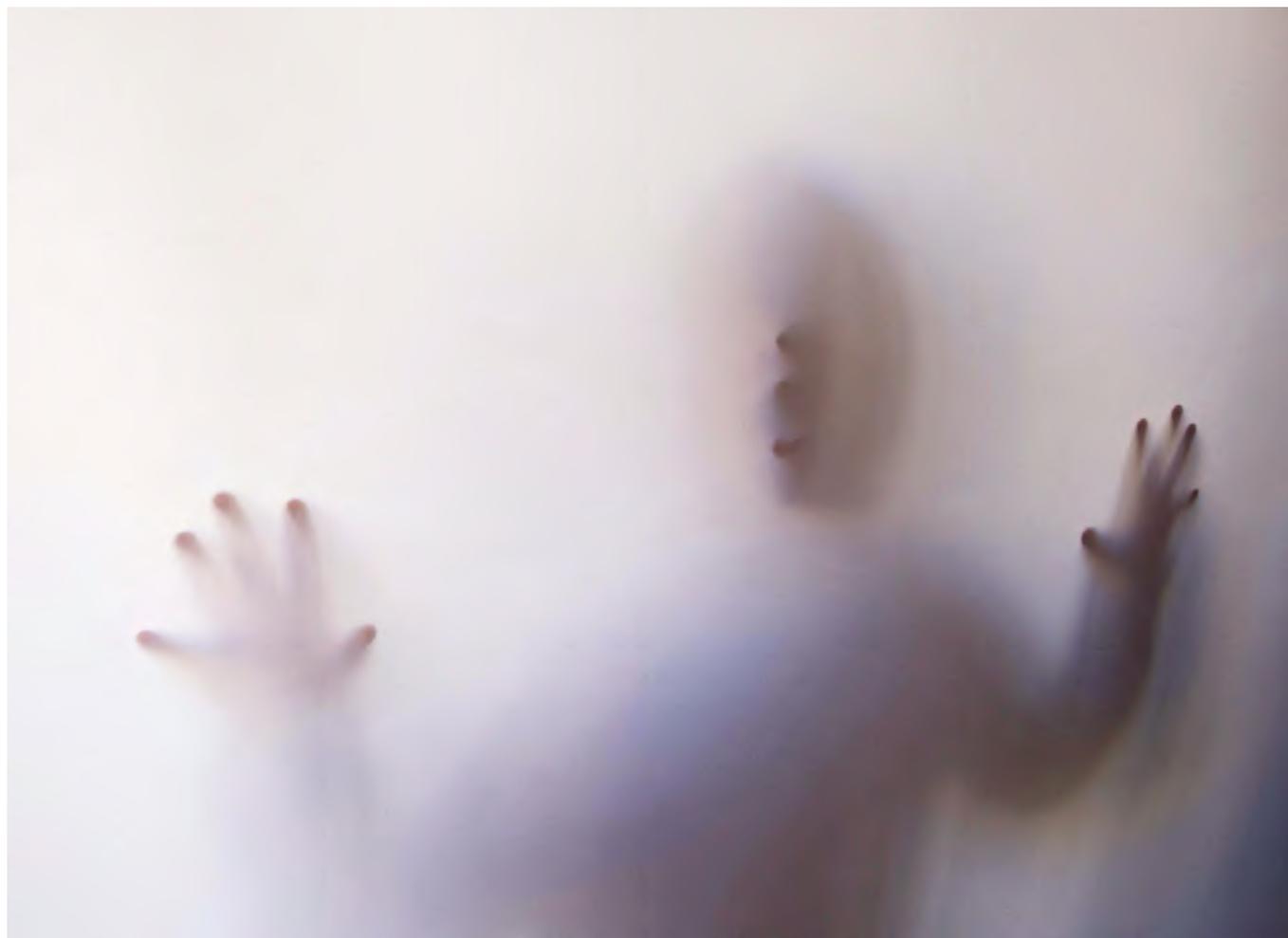
No dia em que chegaste ao mundo, a tua mãe partiu. O esforço de te fazer nascer foi demasiado para o seu corpo frágil. Não resistiu. Expirou pela última vez sem ouvir o teu primeiro choro.

Desde esse dia que passaste a ser a totalidade do meu mundo. Encheste, por completo, a minha vida. Fechei-me a tudo e dediquei-me a criar-te, de corpo e alma. Impedi que outra mulher entrasse na minha vida para não dividir a atenção e os afetos.

Todos estes anos, só houve espaço para o trabalho, necessário para a nossa sobrevivência, e para ti, minha filha. Sacrifiquei tudo para te ver crescer. Não me arrependo de ter aceitado esta decisão que o destino tomou por mim.

Agora, já tens idade para me retribuir tudo o que fiz por ti.

Agora, já podes ocupar o lugar na cama que a tua mãe deixou vazio.



COLHEITA DA PRIMAVERA

SUSANA
LAIRES

Seguia-a com um olhar atento. Tinha-a visto crescer, mas pouco reparara nos seus traços, como se Deus lhe tivesse colocado as mãos à frente da vista e só conseguisse acompanhar o vulto por entre os dedos. Agora, a escassos dias de atingir a maioridade, via-a verdadeiramente — bochechas altas como montanhas, que se precipitavam num vale até ao planalto da mandíbula, nariz pequeno e afilado, cabelos de seda negra. Era bela. Um botão de rosa prestes a desabrochar. Tinha até nome de flor.

Lembrava-se da primeira vez que vira Violeta entrar pela casa de acolhimento, quando o calor do verão lhe ardia na face e o obrigava a varrer as pétalas secas caídas das árvores (e como tinham brotado tantas flores naquela primavera!). Ela tinha cinco anos e um sem-fim de marcas no rosto. A língua pouco se desprendia, apesar de haver quem vivesse uma vida sem metade para contar. Aos poucos, as feridas foram sarando, o sorriso ganhou folhagem, a garganta mais cor. Riu-se ao pensar como a felicidade se infiltra nas crianças, mesmo quando estas lhe parecem imunes.

Agora, estava prestes a perder a inocência. Depois de cada dia de trabalho, Bruno riscava o calendário e contava o que faltava até ao 18.º aniversário de Violeta. E rezava. Pedia a Deus que lhe desse forças. Regia-se apenas por uma regra: nunca arrancaria pétalas até que estas se estendessem em toda a sua glória, se maturassem e exibissem. Nunca tocaria naquela flor enquanto menina. Antes da poda, apreciaria o quão garridas eram as suas formas, sentir-lhes-ia o cheiro e a delicadeza ao tato, como fizera com tantas outras que no lar tinham desabrochado.

Tal como no jardim que cuidava, a vida também tinha o seu ciclo — depois da floração, a polinização, o alimento e a morte. No fim, seria queimada



até ao caule com o fogo que residia nele. Espalhari-a as cinzas em redor do altar que lhe construía. O verdadeiro sacrifício era conter a fome antes da colheita.

E
AGORA?

ANA
COSTA



Era o último dia de aulas. As férias de verão tinham chegado. O Chiquinho pulava de alegria, pois esperavam-no dois meses na casa dos avós, que viviam numa pequena aldeia da serra.

Aquele neto era o que mais gostava de os visitar. Adorava os costumes simples e até tinha o seu próprio cantinho para cultivar.

Assim que chegou, deu dois beijos aos avós e despediu-se dos pais, que tinham de regressar à cidade. Depois apressou-se a rever os animais da quinta e a sua horta e, claro, procurar o André. De

braços abertos, correu pelo caminho de terra batida que levava à modesta casa onde o amigo morava. Encontrou-o a apanhar morangos. De sorrisos no rosto, abraçaram-se e aproveitaram logo para se deliciarem com a fruta acabada de colher.

— Sabes, tenho uma coisa muito fixe para te contar — disse o André.

— Ui, diz lá!

— Em julho, a minha madrinha vem buscar-me para passar uns dias com ela...

— O quê? Então... vais embora, quando eu acabei

de chegar? Não podia vir buscar-te noutra altura?
— Ela só tem férias agora e assim aproveito para ver o mar...

— Bolas, não podia vir para cá em vez de seres tu a ir com ela? Como tens a coragem de me deixar sozinho? És o meu único amigo aqui! E tu bem sabes!

— Então pá! Queres ver que agora não posso sair daqui por causa de ti?

— Pensei que fôssemos amigos.

— E somos.

— Os amigos não deixam os amigos sozinhos quando eles os visitam.

— Estás a ser injusto.

— Injusto és tu! — gritou o Chiquinho. E pôs-se a correr para junto dos avós.

Entrou em casa, bateu com a porta e fechou-se no quarto.

A avó, que estava a tirar um bolo do forno, queimou-se na forma, porque se assustou. Admirada, foi ter com o neto.

— Não quero falar com ninguém — disse ele, deitado na cama, de barriga para baixo, a esconder a cara entre os braços.

A avó sentou-se a seu lado e, com carinho, quis saber o que se passava. O Chiquinho acabou por contar e ela, com um leve sorriso, pegou na mão dele e perguntou:

— Por que é que gostas tanto de vir para aqui?

— Porque gosto da liberdade, de estar na natureza, do sol, da terra e também de brincar com o André e ajudá-lo nos trabalhos da quinta — respondeu o Chiquinho, um pouco admirado com a pergunta.

— E gostas de tudo isso porque na cidade não tens estas coisas.

— Pois não.

— Já viste se não pudesses vir para cá? Como te ias sentir?

— Triste, muito triste.

— Sabias que o André nunca saiu daqui e nunca viu o mar?

O Chiquinho, franziu a testa, sentou-se na cama e perguntou:

— A sério?

— A sério. Nem imaginas como anda feliz, desde que a madrinha esteve cá e contou que passaria as férias com ela.

O pequeno começou a sentir a barriga a mexer e um aperto no peito. Agarrou-se à avó e, com uma lágrima a querer saltar do olho, lamentou:

«No dia em que a madrinha do André o levou, o Chiquinho sentiu um grande vazio, mas também estava feliz, pois um verdadeiro amigo alegra-se com a felicidade do outro, mesmo que não faça parte dela.

Apesar de encontrar sempre o que fazer, o Chiquinho, às vezes, aborrecia-se porque lhe faltava a companhia especial do André. Valiam-lhe os avós, mas não era a mesma coisa.»

— Fui tão injusto com ele... fiz asneira... se calhar nunca mais quer falar comigo...

— Porque não vais ter com ele?

Decidido, levantou-se e saiu de casa.

— Desculpa. Portei-me muito mal... — disse, assim que chegou junto do André.

O amigo continuou a apanhar morangos e a retirar as ervas daninhas, ignorando-o.

— Não sabia que nunca tinhas saído daqui...

O André parou e, de costas para o Chiquinho, acrescentou:

— Há muita coisa sobre mim que tu não sabes.

— Desculpa, por favor!

Como nem um nem outro gostava de estar zangado, deram um abraço e fizeram as pazes.

Enquanto o André não foi embora, aproveitaram o tempo nos trabalhos da quinta, nas brincadeiras, nos mergulhos no rio e nos passeios com as cabritas, para as levar a pastar.

No dia em que a madrinha do André o levou, o Chiquinho sentiu um grande vazio, mas também estava feliz, pois um verdadeiro amigo alegra-se com a felicidade do outro, mesmo que não faça parte dela. Apesar de encontrar sempre o que fazer, o Chiquinho, às vezes, aborrecia-se porque lhe faltava a companhia especial do André. Valiam-lhe os avós, mas não era a mesma coisa.

«Entusiasmados, olharam para aquele céu infinito e depois contaram um ao outro o que tinham feito durante aqueles dias. O Chiquinho deu uma grande gargalhada, quando o André lhe disse que bebeu água do mar sem saber que era salgada e bateu com o cotovelo na perna da cadeira que estava ao seu lado, fazendo cair uns livros.»

Entretanto, o tempo mudou. Adorava andar à chuva, saltar nas poças, fazer castelos de lama, mas ao terceiro dia já tinha saudades do sol, dos mergulhos no rio... Foi então que se lembrou de explorar o sótão. Quando lá ia, descobria sempre algo de novo e era mesmo disso que precisava.

Assim que entrou, olhou devagar em redor. Entre caixas, malas antigas e armários, uma pequena arca de latão azul escuro com ripas de madeira captou de imediato a sua atenção. Parecia um baú dos piratas. Será que tinha um tesouro? Sentou-se no chão, de pernas cruzadas, colocou a arca à sua frente e mirou-a. Os olhos brilharam e o coração saltou. Custou um pouco a abrir e quando viu o que estava no interior, abanou a cabeça. Agitou a arca e nada mais encontrou do que uma peça de um puzzle. Que desilusão! Atirou a peça lá para dentro e baixou a tampa, mas não a conseguia fechar, parecia que tinha qualquer coisa a impedir a tampa de assentar, como se estivesse demasiado cheia.

À medida que empurrava, a força contrária era cada vez maior. Abriu de novo a arca e lá dentro apenas estava a peça de puzzle. Voltou a pegar nela, mirou-a de todos os lados para adivinhar a que imagem pertencia. Na tentativa de ver melhor o que estava pintado, esfregou-a entre as mãos. E, de súbito, a peça fugiu-lhe e caiu sobre o tapete, multiplicando-se em imensas peças. Recuou, assustado. Olhou para todos os lados, mas tudo permanecia igual e a chuva fazia-se ouvir na vidraça da janela.

— Chiquinho, onde estás? São horas de ires tomar banho, para depois jantarmos — gritou a avó.

— Já vou! — respondeu ele, enquanto apanhava as peças. Meteu-as na arca, que se deixou fechar, e escondeu-a dentro de uma caixa de cartão vazia.

Não parava de pensar no puzzle, tinha de o montar para descobrir de que imagem se tratava. Sempre gostara de puzzles, mas aquele estava a deixá-lo tão curioso que mal comeu. A avó até estranhou quando ele disse que estava com sono e queria dormir.

“Só espero que não esteja a chocar uma gripe.” Pensou ela para consigo.

Na verdade, o que ele queria era que todos adormecessem para poder ir buscar o puzzle. Os olhos queriam fechar-se, mas ele resistiu e quando o silêncio e a escuridão se instalaram, saiu sorrateiro, de lanterna na mão, e foi para o sótão.

Pegou na arca, abriu-a e espalhou as peças à sua frente. Pegou numa e, de ambos os lados, era de um azul muito escuro, com uns pontos brilhantes. Pegou noutra e noutra... todas iguais. Que grande quebra-cabeças seria montar aquilo. Começou a encaixar as peças e pouco a pouco foi surgindo diante de si aquilo que parecia um céu infinito e repleto de estrelas. Olhou com mais atenção e quase que jurava que as estrelas cintilavam e, de repente, viu uma estrela cadente. Uau. O puzzle estava vivo! Será que podia pedir um desejo? Não perdia nada em tentar. "Gostava que o André aqui estivesse!"

E imediatamente o André aterrou junto dele, ainda estremunhado e em pijama. Ambos esfregaram os olhos.

— O que aconteceu? — perguntou o André.

O Chiquinho quase que nem conseguia falar, mas lá mostrou o puzzle e contou ao amigo o que tinha acontecido.

— Acho que estou a sonhar... — disse o André.

— Não estás não, queres ver? — E beliscou-o.

— Ei. É mesmo verdade!

Entusiasmados, olharam para aquele céu infinito e depois contaram um ao outro o que tinham feito durante aqueles dias. O Chiquinho deu uma grande gargalhada, quando o André lhe disse que bebeu água do mar sem saber que era salgada e bateu com o cotovelo na perna da cadeira que estava ao seu lado, fazendo cair uns livros. De imediato, ouviram vozes e a luz do corredor acendeu-se. Mal tiveram tempo de tapar o puzzle com a caixa de cartão e enfiar-se dentro do guarda-fatos. Sentiram passos na escada e o avô abriu a porta. Os corações batiam tanto, que tinham receio de serem ouvidos. Pelas frinças, viram um gato aparecer, sem perceberem de onde, que, a correr, passou por entre as pernas do avô e quase o fazia cair.

— Mas que raio. De onde saíste tu?

O avô fechou a porta. Desceu as escadas e ouviram-no bater com a bengala, abrir e depois fechar a porta de casa. Falou com a avó e, depois, o silêncio regressou.

Saíram com muita cautela do armário e, num sussurro, o André perguntou:

— E agora? Tenho de regressar para junto da minha madrinha... como fazemos?

O Chiquinho, coçou a cabeça, sentou-se no chão,

tirou a caixa de cima do puzzle e pôs-se a mirá-lo, à espera de uma resposta. De repente, viu outra estrela cadente.

— Já sei! Vou desejar isso mesmo! Quero que regres- ses para junto da tua madrinha!

E, assim que acabou de falar, o André desapareceu. Olhou para o puzzle e viu-o deitado numa cama, a virar-se e a aconchegar-se. Depois, o puzzle come- çou a perder a cor e a desaparecer, ficando apenas uma peça.

O Chiquinho guardou-a na arca e colocou-a onde estava. Voltou a deitar-se, mas nem conseguia adormecer.

Acordou tarde. Esfregou os olhos e, lembrando-se do que tinha acontecido, pensou "Será que sonhei?".

— Ó filho, até fiquei admirada por dormires até tão tarde. Estás bem? — disse a avó.

— Estou, mas tenho fome.

— O almoço está quase pronto.

Enquanto esperava, pegou numa maçã, voltou para o quarto e ligou ao André. Ele não tinha telemóvel, mas tinha deixado o número da madrinha. Para seu grande espanto, o André disse que não tinha acontecido nada de especial durante a noite. "Se calhar sonhei mesmo!", pensou o Chiquinho. Foi ao sótão. A arca lá estava, abriu-a, tirou a peça, esfregou, mas nada aconteceu. "Às vezes, os sonhos parecem mesmo realidade!"

Alguns dias depois, o André regressou, feliz e cheio de histórias para contar. O Chiquinho ouvia-o com atenção e entusiasmo.

— Nem sabes da melhor — disse o André —, eu pen- sava que a água do mar era igual à do rio e pus-me a beber! Ai que mal me senti!

— Eu já sabia!

O André ficou intrigado, porque não tinha dito nada a ninguém, por ter vergonha. Como poderia o Chi- quinho saber? Então, este levou-o ao sótão e, pe- gando no baú, fez o relato do que tinha acontecido com o puzzle. Mas quando o abriram, em vez de uma peça de puzzle, estava lá uma peça de lego.

O André já estava a desconfiar que o amigo sonhara e saber da história da água do mar era apenas uma coincidência. Nesse instante, a peça de lego, que tinha na mão, saltou para o tapete e multiplicou-se em inúmeras peças.

O que terá acontecido a seguir?

Nos confins do reino da Contolândia, existia uma aldeia conhecida pela sua Biblioteca. Ali encontravam-se contos de várias partes do mundo. Bem distintos, mas muito interessantes. O que tornava aquela casa dos livros diferente das outras era o facto de ter contos incompletos e esquecidos, todos reunidos na Sala dos Contos Inacabados, onde ficavam até alguém os procurar e lhes dar um final.

Era nessa sala que Gustavo se perdia, a escrever, ler e trabalhar num desfecho para alguns. Era conhecido por criar situações emocionantes. Tinha uma imaginação fértil e um enorme talento, inventando mundos incríveis com as palavras.

Gustavo era um pequeno escritor e na procura da ideia perfeita para concluir a história que agora escrevia, deixou-a também inacabada.

Era sobre uma aldeia bem original. Os habitantes eram tão gulosos que resolveram construir as casas e jardins em chocolate.

A família Gula-Gula era uma das que se destacava por ser glutona. O seu maior sonho era ter uma casa doce. Trataram de organizar tudo e juntaram todas as pessoas na praça à volta duma mesa. Nela depositaram todos os ingredientes para a massa. Trabalharam noite e dia a fim de fazerem paredes, chão, telhado, janelas e jardins. Ah! também queriam uma piscina.

Com a azáfama na aldeia, Gustavo sentiu curiosidade em ver de perto os trabalhos que ali decorriam. Suspendeu a narrativa e escolheu viver a história em vez de a descrever. Guardou-a na estante e prometeu terminá-la mais tarde.

Passaram-se anos e, entretanto, Gustavo ficou famoso com as suas histórias maravilhosas. Mas nunca se esqueceu do conto que ficara na Sala dos Contos Inacabados.

Ao regressar à Biblioteca, pegou no seu manuscrito e logo se integrou naquele mundo que criara. O Chefe da família Gula-Gula cumprimentou-o:

«Passaram-se anos e, entretanto, Gustavo ficou famoso com as suas histórias maravilhosas.»

— Estava à tua espera, a nossa aventura ainda não terminou!

— Pois não, temos um lugar para construir.

Gustavo juntou-se-lhe, precisava de continuar a história e pensar num remate. Deliciou-se com o aroma que se sentia. Lembrou-lhe uma loja de doces. Viu os habitantes trabalharem juntos, em harmonia, movidos pelo entusiasmo e o desejo de criar algo mágico. Cada um trouxe ingredientes especiais: cacau fino, açúcar cristalizado, creme de leite dourado e até toques de baunilha, caramelo e canela.

Na praça principal, a mesa estava repleta de tigelas e utensílios reluzentes. Enquanto preparavam a massa de chocolate, ouviam-se risadas e músicas tradicionais da aldeia.

Uma atmosfera de som, cor, aromas e boa disposição tornavam-na um lugar mágico e saboroso. Cada um tinha uma tarefa: uns misturavam os ingredientes, outros moldavam paredes e telhados, e os mais criativos decoravam portas e janelas com confeitos coloridos. E Gustavo ia observando o que cada um fazia.

Com o decurso dos dias, a aldeia começou a ganhar vida e já todos queriam casas doces com cor, tons e sabores. Eram verdadeiras obras de arte: telhados de chocolate branco; muros de chocolate negro e jardins onde flores de açúcar cresciam em harmonia com arbustos de algodão doce. Para iluminar as

ruas, penduraram candelabros de caramelo e junto à porta de cada casa, uma árvore de espuma doce.

A piscina foi a última a ficar pronta. Feita com gelatina azul, branca e verde, tornava-se apetecível para a criançada.

Os mais gulosos foram postos à prova. Mas à medida que trabalhavam nas obras, não resistiam e acabavam por deliciar-se com os materiais. Gustavo não gostou do que viu.

— Parem imediatamente de comer o vosso trabalho, avisou-os. Assim nunca terminarão a aldeia!

Um oh! soou tímido e em coro. Retiraram-se envergonhados por serem apanhados em flagrante.

Além destes comilões, outro desafio surgiu: o sol quente do verão começou a derreter alguns detalhes das construções. Foi então que Gustavo teve uma ideia brilhante.

— Crianças, vou dar-vos uma tarefa — disse Gustavo.

— Uau! Rejubilaram e dispuseram-se a executá-la. Qual é?

— Vão criar toldos de biscoitos gigantes e fontes refrescantes de chocolate de leite para manter tudo intacto.

Ao lado dos habitantes da aldeia, Gustavo decidiu transformar a sua história num conto vivo. As crianças, com a sua energia e criatividade, construíram uma enorme estátua de chocolate em sua homenagem. Essa escultura, tão detalhada e impressionante, atraiu visitantes de todos os cantos do mundo, inspirando-os a criar as suas próprias obras de arte.

Mas o verdadeiro toque mágico aconteceu quando Gustavo resolveu não concluir o conto. Percebeu que a aldeia de chocolate era muito mais do que um mundo doce; era uma fonte infinita de união, imaginação e celebração coletiva. Assim, deixou o manuscrito na Sala dos Contos Inacabados, permitindo que cada novo visitante adicione algo à história, seja uma nova casa, um monumento ou mesmo uma reviravolta no conto.



PANTUFAS, O INCOMPLETO

TERESA
DANGERFIELD

La realizar-se um concurso muito divertido para gatos e gatas: um desfile em que todos os concorrentes tinham de apresentar um par de pantufas, ou algo que se parecesse.

A excitação foi contagiante, quando souberam que o júri era formado por verdadeiras celebridades felinas: o *Gato das Botas* e a *Duquesa*, vindos de Paris, o *Gato do Chapéu* e o *Garfield*, da América, o *Gato Risonho*, de Inglaterra e a famosa *Kitty*, do Japão. Nem que fosse só para os verem ao vivo, correram a inscrever-se. E os bilhetes, para quem quisesse apenas assistir, esgotaram-se numa fração de segundo. Vieram gatos e gatas de todo o país. Alguns traziam pantufas combinadas com luvas e outros pantufas de marca, pois achavam que a ocasião merecia. Houve até quem trouxesse pantufas diferentes em cada pata – arte pura, diziam.

Chegou o dia por que todos ansiavam. Antes da hora marcada, o teatro estava a encher-se. A passadeira vermelha estendia-se diante da entrada. As câmaras disparavam 'clique, clique, clique', e os miados de excitação "Miau, miauuuu, miauuuu" misturavam-se com o som dos passos macios e elegantes, dos membros do júri e do público, que se aprimorara para uma ocasião tão especial. Afinal, não era todos os dias que recebiam tais celebridades.

Estava quase na hora de começar o desfile, quando se deu pela falta de um dos concorrentes inscritos. A sua cadeira estava vazia.

De repente, fez-se um silêncio abrupto: entrou um gato peludo e sereno, sem pantufas nos pés.

— Não podes participar — disse *Romeu*, um dos gatos que estavam na fila da frente. — As regras são claras!

O gato olhou para ele calmamente:

— O meu nome é *Pantufas*. Sempre foi. Até está escrito na minha cadeira. Estas patas peludas foram a razão desse nome. — Ao dizer isto, levantou uma

delas com elegância — Preciso mesmo de algo mais? Ouvia-se um enorme burburinho, todos a falar ao mesmo tempo e cada um a dar a sua opinião. Gatos persas e angorás, indignados, reclamavam: "Não pode ser!"; "Eu também tenho patas peludas"; "EU também!"; "EU também!"; "EU também" "Isso não chega!" "Falta alguma coisa! Está incompleto!"

Então, o *Gato das Botas*, com o seu ar imponente, ergueu a voz:

— Ordem! Silênnncio! E se ele tiver razão? E se a incompletude for precisamente o mais requintado? Vejam bem! — disse, apontando para uma das filas em que os concorrentes estavam sentados. — Ali mais atrás, há quem tenha pantufas em forma de patas peludas. Então, vamos excluir alguém por ser... natural?

Viraram-se todos na direção indicada. *Félix*, o gato que tinha as pantufas em forma de patas peludas, protestou:

— Não é justo! Isto é um concurso de pantufas. Ninguém nos disse como as pantufas tinham de ser.

— Ora aí têm a vossa resposta — disse o *Gato do Chapéu*. — As regras não dizem que é proibido ser

«Chegou o dia por que todos ansiavam. Antes da hora marcada, o teatro estava a encher-se. A passadeira vermelha estendia-se diante da entrada.»



diferente. Talvez o incompleto tenha o seu próprio charme. Quem quiser, pode concorrer 'descalço'. Quem sabe se não é aí que está o verdadeiro estilo. Que acham os meus amigos jurados?

Nessa altura, os membros do júri murmuravam entre si. *Garfield* sorriu, pouco preocupado. — Estava com fome e queria despachar-se. Pensava em lasanha. O *Gato Risonho* achava tudo uma maravilha.

Ainda se ouviam protestos.

De repente, *Duquesa* ergueu-se. Todos os gatos ficaram em sentido. Quem poderia resistir àqueles olhos azuis, brilhantes? Quanto às gatas, abriram muito os olhos, para verem melhor a sua coleira de ouro e diamantes.

— *Mes Chéries, ...bien, moi, je pense* que há requinte no inesperado, no diferente. O incompleto, digamos, o inacabado, pode ser mais elegante do que o completo. Concordo com o meu colega, o *Gato do Chapéu*. Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, todos se levantaram e bateram palmas. Só se ouviam milhares de aprovação.

— Só mais uma coisa — disse o *Gato das Botas* tentando chamar a atenção. — Os concorrentes também podem votar.

Todos os outros membros do júri concordaram. Os

concorrentes ronronaram e aplaudiram, em sinal de aprovação.

O *Gato das Botas* encheu o peito de ar, orgulhoso da sua ideia.

A *Kitty* ainda não tinha falado. As gatinhas, em especial, ficaram atentas quando ela se levantou. Ouvia-se aqui e ali:

— Que estilo!

— Eu quero um lacinho como o dela!

— Vou pedir-lhe um autógrafo.

Até que se fez um silêncio total e todos os olhos se fixaram nela:

— Com *Pantufas* ou "*Patás Pantufas*", todos merecem desfilar. Afinal, ser diferente é o que nos torna únicos! Não acham tão amoroso? Tão querido? Vamos a isso! Míauuuu!

Palmas e mais palmas. *Kitty* levantou a pata direita e declarou com um miau doce e vibrante:

— Que comece o desfile!

E assim foi.

O desfile decorreu no meio de muitos miados felizes, palmas animadas e montes de *selfies*. E, no final, quando o júri e os concorrentes votaram, ninguém se espantou com o resultado:

Pantufas, o gato sem pantufas, foi o vencedor!

PARA DESENHAR UMA MULHER

RITA
TABORDA DUARTE



Rita Taborda Duarte nasceu em Lisboa, em 1973. É poeta, crítica literária, professora do ensino superior (Escola Superior de Comunicação Social) e escritora de livros para a infância. Em 1998, publica o seu primeiro livro de poesia (*Poética Breve*, Black Sun Editores), a que se seguiram outros dois: *Na estranha Casa de um Outro* e *Dos Sentidos das Coisas*. Em 2003, vence o prémio Branquinho da Fonseca *Expresso-Gulbenkian*, com o livro *A Verdadeira História da Alice*. A partir daí, tem escrito com regularidade para crianças e jovens, contando com mais de uma dezena de obras publicadas. Em 2015 publica o livro de poesia *Roturas e Ligamentos* (Abysmo) em parceria com André da Loba (ilustrações) e em 2019 o livro *As Orelhas de Karenin* (Abysmo), finalista dos prémios Correntes de Escrita e SPAutores 2020. Reúne 25 anos da sua obra poética em 2023 no volume *Não Desfazendo*, que conta com um livro inédito, «Uma Pedra na boca» e um posfácio do poeta e professor Fernando Guerreiro. A esta sua obra reunida foi atribuído o prémio Fundação Inês de Castro.

Se queres desenhar uma mulher
começa pelos pés

ignora – por ora – os olhos rotos
no avesso do sono – a turbulência do colo
as águas turvas
sovando o rodízio dos cabelos.

Fecha um olho – estica o polegar
— cabem-lhe perfeitamente oito corpos na cabeça:
é essa, aliás, a proporção áurea da penúria.

Depois é cavar – a redor e – içar talo
sorvendo o enxofre das caldeiras:
há-de medrar ao menos – um pé
de – uvas bravas ou a força
de uma figueira
acanhando a carne dos figos

fixar à raiz – uma promessa de água calda
e castigada
ruína a sal e fogo – sulfurosa ruim
desaprendendo – à força – a cisma dos caminhos

pelos pés se começa uma mulher
só mais tarde se dobra o degrau dos joelhos
até à coxa
e se contorna o sexo – recatado – paul
no ventre – lêvedo

uma mulher começa sempre pelos pés
de barro : Lilith – mordendo o pó de onde nascera,
do sarro nas unhas de deus – esporão da crença
içando a sementeira ainda quente
coalho para engolir a fome

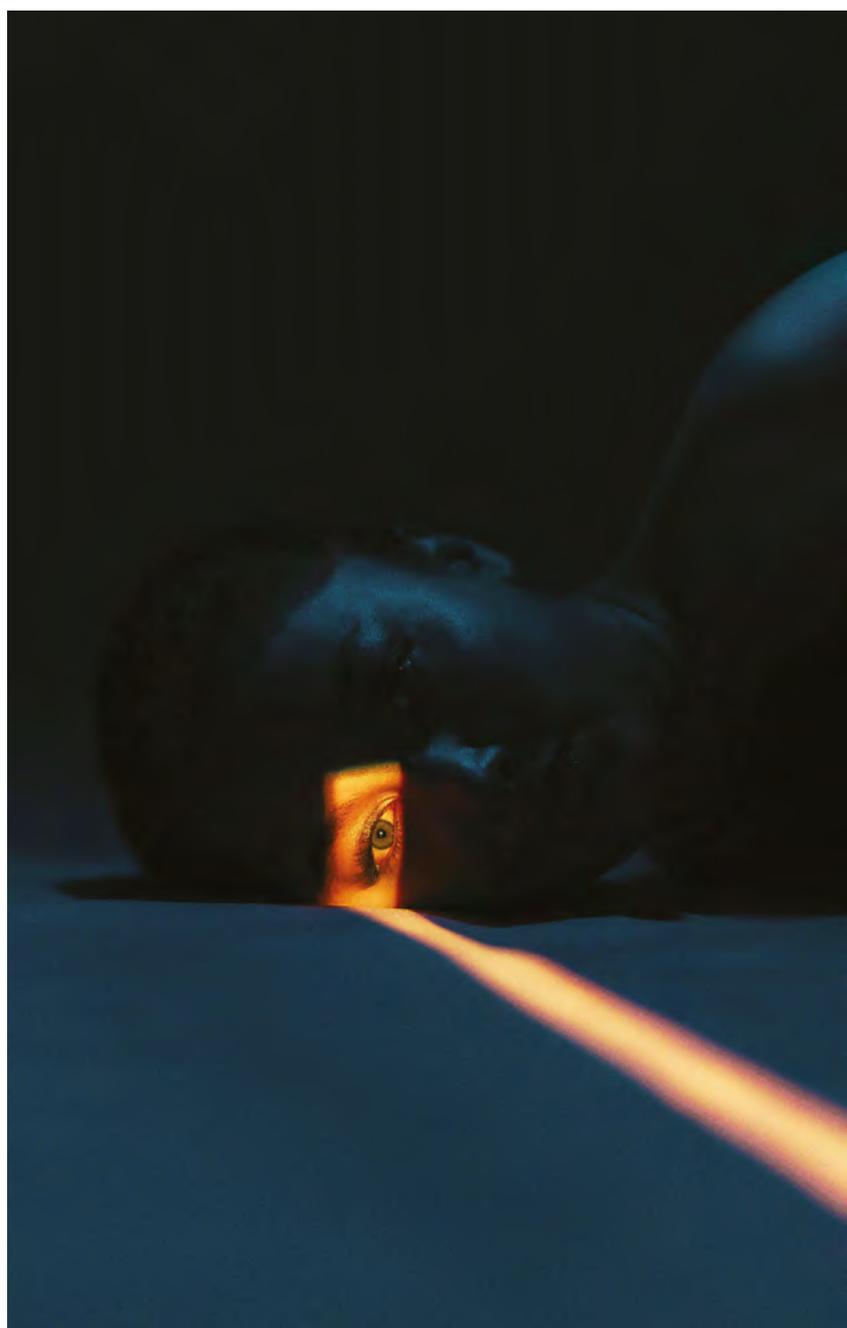
é ali que respiramos
e só – água fervente nos dana a sede
Se queres
desenhar uma mulher
vale mais começares por um pé
de cabra.



A OPACIDADE DO OLHAR

AGOSTINHA
PÓPULO

A opacidade do teu olhar luciferino
infunde-me terror
quando me espias do fundo da rua
expurgando todo o ódio febril de que te compões.
É sibilino e perene o teu esgar ao canto da boca
na certeza antecipada de que caçarás
e esquarterarás a *presa*
num festim mórbido e *desaustinado*
entregando aos deuses pagãos
o *Cordeiro Sacrificial* como oferenda.
Obstinado, róis os ossos da alucinação
e os que restam calcina-los
e oferta-los aos ventos agrestes
que os consomem numa gula insolente.
E eu permaneço num sono letárgico, quase morte
até que a muito custo renasço das cinzas
nas asas da Fénix e revivo noutra corpo
encarnando um fadário **ininterrupto.**



ÀS CANCELAS DO REQUINTE INACABADO

ANA
RIBEIRO

Eis-me aqui, como mordomo, às cancelas do perfeito inacabado.

Uma! Duas! Três trupadas... e um sincero: «Deus me acuda!»

Onde andará o meu amo a estas horas tardias da noite? Que pesaroso fado!

O que será do requinte, da realeza, ante um valente «Chiu, caluda?»

Preferiria submeter-me a um reino celestial, pois deste mundo ando enojado.

Voltemos depressa ao Éden, ao paraíso, ao verdadeiro reino de **entreaajuda!**



Os malabaristas

Não se medem pela quantidade

De objetos que manipulam

Os poetas

Não se medem pela quantidade

De poemas que escrevem

O que faz um malabarista

É a forma como apanha do chão

Os objetos que deixa cair

O que faz um poeta

É a forma como deita para o chão

Os poemas que nunca lerá

Os poetas e os malabaristas

Não se medem pelas obras vistas

Essa medição

Faz-se pelas horas de **solidão**



Nunca terminei nada —
o fim sempre me escapa.
Começo com fôlego, alma destemida,
e depois deixo cair, deixo partir,
como se a desistência fosse a única medida.

Deixo cartas por selar,
livros na página do talvez,
a mala feita a meio,
e o amor — esse — deixo para depois outra vez.

Chamam-me Ana, ou Bela, ou só mulher.
Nunca Anabela, inteira, como deve ser.
Nascida de uma morte,
filha de um nome emprestado,
a bênção nunca dita,
o corpo nunca abraçado.

Fugi uma vez. Voltei antes do fim da rua.
A sandália rasgada, a vontade crua.
Ficou tudo onde sempre ficou:
a fuga, a culpa, a dor que ninguém tocou.

Fui mulher a meio, a meio fiz morada.
Sou feita de começos, da espera, da escada.
E um dia, sem aviso, veio-me um filho.
Sem me completar, mostrou-me o trilho.



Não sei ser mãe inteira.
Mas sei ser primeira.
E talvez o requinte seja isso —
o toque que não pousa,
o verso que não rima,
a perda que não se nomeia,
o amor que, sem se fechar, se estima.

Porque o que não acaba,
continua a doer —
continua a viver.

E eu, que nunca terminei nada,
fiquei a ser.

Inacabada.

RESISTENTIA POETICA

AS PAPOILAS RUBRAS DA PAZ

CIDÁLIA
PATRÍCIA SANTOS

Menina, a paz da tua infância foi degolada por:
rostos enlameados, desfigurados, queimados pela fome e pela sede,
roupas rasgadas, pés despidos,
corpos trucidados e atirados para covas,
mulheres leiloadas, vendidas como escravas,
ventres grávidos trespassados, bebés afogados,
mãos suplicantes, inaudíveis aos céus.
Caminha, menina, enquanto recordas:
os campos salpicados pelas papoilas rubras,
a neve que adornava a montanha,
as brincadeiras nos estábulos,
os cantos das crianças,
o cavaquear dos velhos,
e os bordados desenhados na lareira da **memória.**



O REQUINTE DO INACABADO

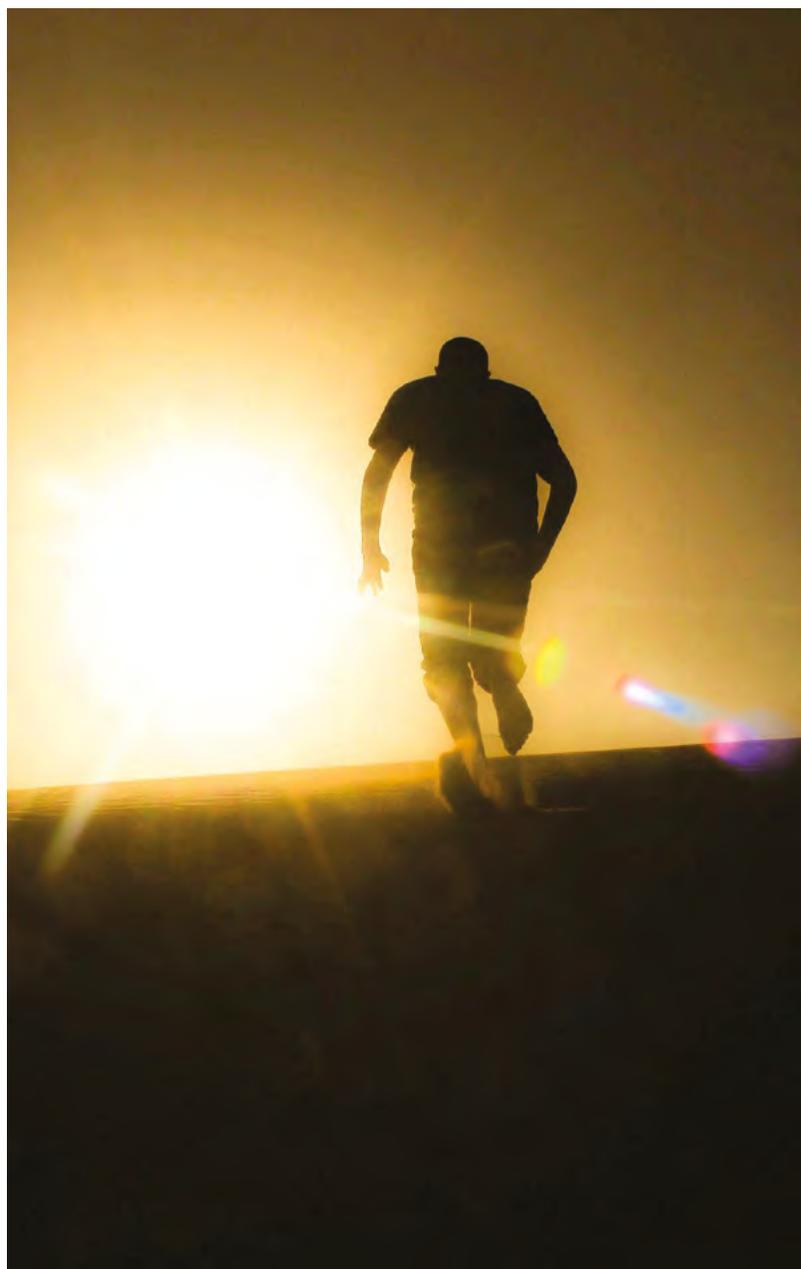
FILOMENA
FONSECA

Tu, ser que floresce em cada alvorada,
com ousadia nos gestos e silêncio na jornada.
Liberta o ego nas marés da rotina,
onde o tempo é brisa e a alma se inclina.

Rema além do horizonte, onde mora o incerto,
e deixa no mundo um eco desperto.
Não temas o que falta, nem o traço imperfeito,
há requinte no rascunho, há verdade no defeito.

Recusa a quietude de quem nunca ousou,
lança-te à estrada, mesmo desalinhado.
Sê o que és, no brilho e na sombra,
e diz ao mundo de que matéria te assombra.

Lidera os teus desejos com firme doçura,
e segue a tua luz, pura e segura.
O teu caminho é feito de céu e de chão
inacabado, sim, mas inteiro no **coração.**



RESISTENTIA POETICA

TRAÇOS INCOMPLETOS

LEONILDA
PEREIRA

Palavras à solta, perdidas ao vento,
outras acolhidas – guardadas no tempo.
Inacabado requinte ou desilusão?
Voaram páginas lidas em pensamento,

conchas fechadas, ostracizadas,
despenteadas, mal interpretadas,
folhas rasgadas ou violadas sem dó.

Magoa-me quem as reduz a pó,
sendo elas tecidas com fios coloridos,
suaves, doces ou requintadas,
belas, poesia, textos musicados,
quadros pintados, telas inacabadas.
O reverso da palavra amor é dor,
da alegria, a sombra da ausência.
Essência perdida, quebra de excelência,
uma obra elegante e prazerosa,
agora sem som, sem cor, sem voz.
Pintor de palavras, arquiteto das letras,
músico, argumentista, escultor de silêncios.
Solto a fantasia, crio arte sensorial,
mas tudo o que não se escreve ou molda
desfaz-se na areia dos dias.

Do não dito, ou escrito, ou esculpido,
nasce a angústia do que poderia ter sido.
Na galeria do tempo cabe o perfeito e o imperfeito,
o belo e o feio, a dor e o amor, a vida
num traço interrompido, suspenso no **infinito**.



CADELA FEMININA

LILIANE
BEIJOCA

Na subjetividade efusiva do desejo,

Vaidade eruptiva constante,

Crio a realidade em tons vivos,

Capto o pesadelo em tela diagonal.

Escrevo para o horror, o feio e o mau,

Enlaço sentimentos malfadados,

De cruz anel e cordão.

Cadela feminina voraz,

Presa sem perdão, origem ou religião.

Já disse e volto a dizer,

Aqui não há poetisa, há poeta.

Paleio com ou sem rimas,

Estas que me saem libertinas na ponta da caneta.

Escarradas do cérebro,

Eufórica escrita,

Disrupção do pó, do poder e da política.

Sou da plebe feminista que ainda acredita,

Ainda pensa que é alguém,

Por isso escrevo, pessoa feminina,

Maternal sem mãe,

Casual e humana, imoralidade mortal da mortalha.

Sou castrada,

Sem reconhecimento ou colhão,

Cativa da sociedade, em pé de igualdade com a
beata fumada,

Deixada de lado na calçada,

Varrida e usada,

Desapareço depois de acabar.

Ninguém mais pensa em mim.

Mulher grave,

Poeta,

Com o olho negro,

De olho na **letra.**



RESISTENTIA POETICA

GAZA
2025

LUÍS
AGUIAR

Eis-me aqui, neste século de luz atómica,
cuja brancura é mais pútrida que o bolor do tempo.
Eis-me aqui a vasculhar o sossego da minha filha,
silêncio pétreo, cinza, cinzento, que vasculha os portos,
os rascos lugares onde o mar não canta,
Mar Morto que apenas conclama o desespero das aves.
Eis-me aqui a procurar a escassa sombra
de uma justiça que persegue o espesso grito, a altercação,
a marca de uma raça manchada pela ausente paz.

Correm os cavalos negros e, enquanto correm,
eis-me aqui, fodido, a atravessar a neve,
a cruzar a água salgada,
a sentir a dor como se fosse uma cruz inverosímil,
enquanto o mundo aperfeiçoa as vicissitudes da vida,
e embarcam nos comboios exaustos
aqueles que um dia arrastaram as raízes
das árvores que albergaram a chuva nos ramos.

Eis-me aqui, testemunha muda, surda,
que procura uma nova religião,
um novo pedal para a bicicleta herdada
do avô que morreu com um cancro na garganta,
bicicleta antiga que não granjeia porto nem pátria,
mas que insiste em girar o aro,
a roda até ao alcatrão — o caminho está ali, ali,
próximo dessa pátria desmesurada que tem o nome de Israel.

Eis-me aqui, branquíssimo, a disfarçar o negro da rosa,
a descrever a força do ouro nos olhos das viúvas,
enquanto os relâmpagos rebentam nas veias,
e o tempo, a merda deste tempo, desenha no mapa
da vida uma nova raça e que é fogo e cinza,
que franqueia o voo de um pequeno pássaro
que se perde no vazio, na luta sem tréguas, no cântico árido,
onde só a pedra estabelece o peso do chão,
enquanto as crianças morrem à fome ou nos escombros
desenhados por bombas de papel.

E assim seguimos — sem porto e sem mapa,
na travessia de um século sem esperança.
Eis-me aqui, eis-me, eis-me aqui arruinado,
sem um cêntimo ou um escudo para oferecer
à morte, para desgastar a luz que desagua na sombra,
e colher o raro vento que é hoje sangue e brancura,
sal escuríssimo na promessa infinda da liberdade.
Eis-me aqui, tolhido pela amargura de um povo,
verso palestino, indecifrável, desaparecido do **mun**do.

Fotografia de Luis Aguiar



RESISTENTIA POETICA

É POR AMOR QUE O MAR REGRESSA À NASCENTE

MAFALDA
CARMONA

O nascer do mar

é um enigma.

Um acorde matricial, onda prateada,
que se abandona, para se tornar curso,
verso, poema, poeira, folhas, seres alados,
prodígios, partículas e partes inteiras
de tantas outras coisas.

Surge sem pressa,
detém-se nos seixos,
desenha margens nos céus, nas tempestades,
toca o fundo, o leito, sem o possuir,
e a terra cede ao seu desejo.
O sol evapora-lhe a eternidade,
e as montanhas dobram-se quando as toca.

Chega à foz,
hesita, no limiar,
recusa o oceano.
Negando o contorno redondo do mundo,
cai para norte, contra corrente,
no delta cálido do equador,
tornado vertigem, intangível suspensão.



Gota a gota, evapora-se no azul imenso,
em horas rendidas que terminam em silêncio.
Frágil, recua para sul.

Recomeça. Regenera o sopro inicial,
o requinte do primeiro átomo,
exala vida espontânea,
e determina o princípio do espanto.

O mar, por amor,
regressa à nascente.
Nesse precioso momento
metáfora de imperfeita criação,
em que renasce sem se completar,
milagre de paixão por cumprir, indefinido,
onde se converterá em rios de **humanidade.**

Vens subtil.

Leve como uma pena que tu própria já foste.
Agarras-me a mão ainda adormecida e invades-me.
Chamas-te poesia. Dizem eles. A mim chamas-me pelo nome.

Vens austera.

Perversa como só tu consegues ser.
Empurras-me para o barulho que se faz na sombra.
Perfeita como um não que ecoa na bandeira que trazes ao peito.

Vens completa.

Envolta em seda na brilhante solidão.
Lambuzas-me o ego com esse olhar magro de gula.
Irradias a luz difusa como quem regista na pele uma lenda submissa.

Vens inacabada.

Cheia de mim asseguro-te lealdade.
Picas o rebordo e saís fundida numa lava de dúvida.
Queres manter o requinte de um futuro mais leve e acabas morta.

Vens. E ficas.

Poetizada por quem te ama e te destrói.
Mais afogada em pássaros machucados do que em fé.
Levantaste voo e acabaste eternizada em letras de chumbo azul.



RESISTENTIA POETICA

SE ME LESSES

MARGARIDA
CORREIA

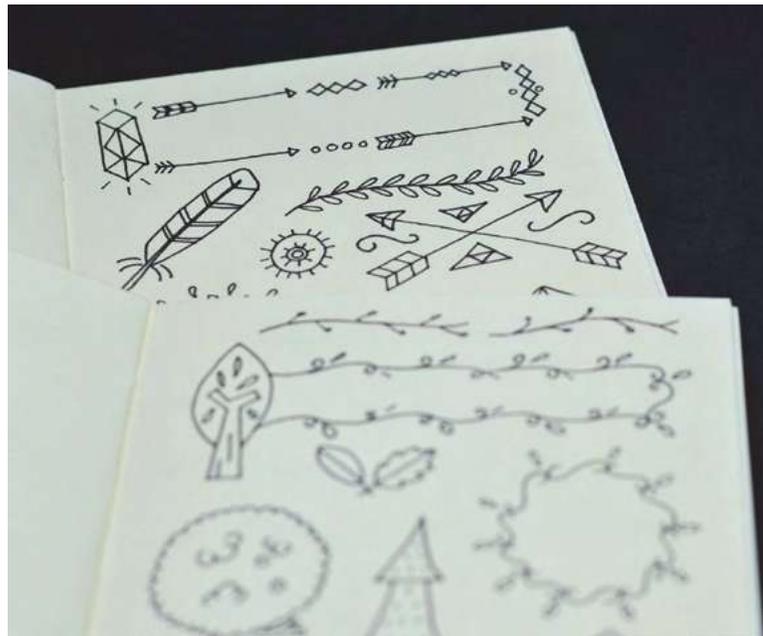
Se pedisse para me leres descobririas um caderno:

cheio de páginas pautadas,
quadriculadas, lisas
e outras tantas caídas,
folhas agrafadas, dobradas, amassadas
rascunhos que não passaram de intenções.

Porque não sei definir-me
nas palavras que cabem nos dicionários,
sou texto escrito à margem
onde a pontuação me cala nas reticências
que coloco entre as linhas paralelas.

Porque não sei definir-me
num resultado exato,
sobra-me tanto para acrescentar
às multiplicações do infinito,
prova dos nove de erros insistentes
nos quadrados das linhas que se cruzam.

Porque não sei definir-me
na certeza do traço ou em desenhos abstratos,
resistem as folhas imaculadas num eterno porvir,
de tão brancas que são.



Porque nunca soube definir-me
pertença de um único lugar,
quando os teus olhos e a pele dos teus dedos
acabarem por me ler,
coloca-me

na prateleira

que te sustenta

o coração.

REQUINTE COM VISTA PARA O NADA

MARIA JOSÉ
ESTEVES

Rostos colados ao vidro.

O vapor desfaz o ouro das luzes.

Dentro, cristal.

Fora, estômagos vazios.

Um miúdo lambe o reflexo.

O chão — frio, impecável.

Corpos em valsa sem peso.

Sapatos sem par

seguem o compasso da espera.

O olhar da criança corta.

Não pede — acusa.

Lá dentro, os senhores da guerra.

Taças erguidas por mãos limpas.

Nos brindes — gargantas que soltam pólvora.

O olhar da criança

não sabe chorar.

Os pés, frios.

A casa — poeira e ausência.

Sem pai.

Sem mãe.

Só o vidro

entre ela

e o mundo que brilha indiferente.



Ninguém virá.

Somos mundo.

Virámos costas.

Fechámo-nos em silêncio —

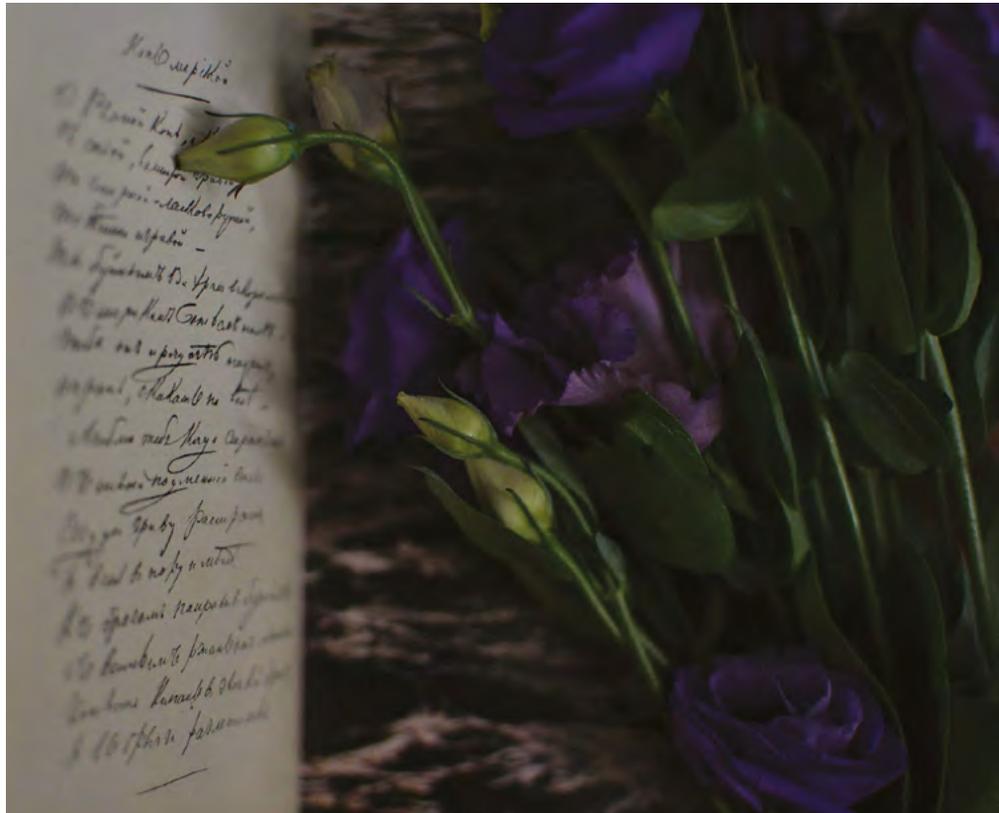
requite do **abandono.**

UM DESLUMBRE QUASE PERFEITO

MARIA LUÍSA
FRANCISCO

○ poema começado
A palavra em fuga
O traço que se esvai
Trémulo na noite rumo ao inacabado...
Na delonga que lhe omite o requinte
A sombra do imperfeito
Que turva os versos
E lhe ofusca a luz.
Um poema semi-adiado
Mergulhado num esboço
Perdido nas ruínas do tempo
Na penumbra do que falta

Emergirá...
Além das linhas do infinito
Com menos aperto no peito
Nessa incompletude
revela-se
num deslumbre quase **perfeito.**



Os requintes que a vida me ofereceu.

E pelos quais bendigo sempre e agora.

Com eles a minha fé e amor floresceu!

Mas aquém permanecem da nova aurora.

Ao Senhor Deus divino devo a minha vida.

Ter sobrevivido os obstáculos é uma vitória;

Com altos e baixos, e vida ora triste e colorida!

Inacabado este projeto quero viver com alegria.

Seguirei qual estrela que brilha rumo ao futuro.

Sem esquecer o passado e vivendo o presente;

Peço ao mundo paz e amor o seu maior tesouro!

Bem essencial que deve existir na nossa mente.

Requinte inacabado que possa ser realizado.

Para contentamento e o bem-estar coletivo;

Que este seja aceite e por todos poetizado!

Um poema de amor e paixão contemplativo.

Queria ter a certeza que isto fosse verdade.

Que o mundo seja jardim de rosas a florescer

Onde o canto celebre a paz, o amor e saudade.

E que a vida seja requinte eterno **a renascer.**



RESISTENTIA POETICA

METÁFORAS DA IMPERMANÊNCIA

MARIA
TOSCANO

penso e reflecto

digo em voz alta para perceber-lhe o alcance
tomo-lhe o peso para sentir a leveza
apalpo o rebordo para partilhar meu calor
com esse naco do cosmos que me caiu no colo
vindo de antes
ficando no agora

de olhos fechados
escuto a ondulada maré das ideias.

apuro o olfacto
para me entregar ao odor da pele.

pouco mais diria
usando palavras signos limitados

esse naco do cosmos aninha-se em mim
escolhe o meu colo para ser presença.

vindo de antes
ficando no agora
desprende-se, esse cosmos, em salpicos de brilho
luz na raiz da luz
dispara-se a emoção de a vida ser sempre viva:
mesmo quando vem ou se entrega
ela sempre está indo para **depois.**



A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

SEM TÍTULO

MARTA
DONATO

Se pousares ao de leve
num ramo deste poema
prometo não mexer
em mais nenhum verso
só para não te **afugentar**



RESISTENTIA POETICA

SEMPRE À ESPERA DE SER

MATILDE
LOPES

Sempre à espera de ser

Sempre à espera de ser

Encostas-te ao alpendre remoendo

Os dias em que nada se fez

E o homem que não disse nada

Quando ao passar sorriste

E no gato que morreu

Quando as telhas apodreceram

À espera da chuva

Que não molhou ninguém

Nem a erva cresceu

Nem morreu na valsa lenta

Com as nuvens a passar

No redemoinho das lágrimas

Que molham os lençóis.



Aquelas mãos que já não seguram nada

Não são só a ti que vacilam

Porque o vazio também ampara

Embora aqueles braços já nada carreguem

Da dormência de te segurarem

No teu sono.

Nada pesa sobre ti

Só a água que corre quando entras no rio

E desejas que a corrente te esmague

Sem um bilhete

Nem nenhuma voz ao fundo

Só a água, só **o rio.**

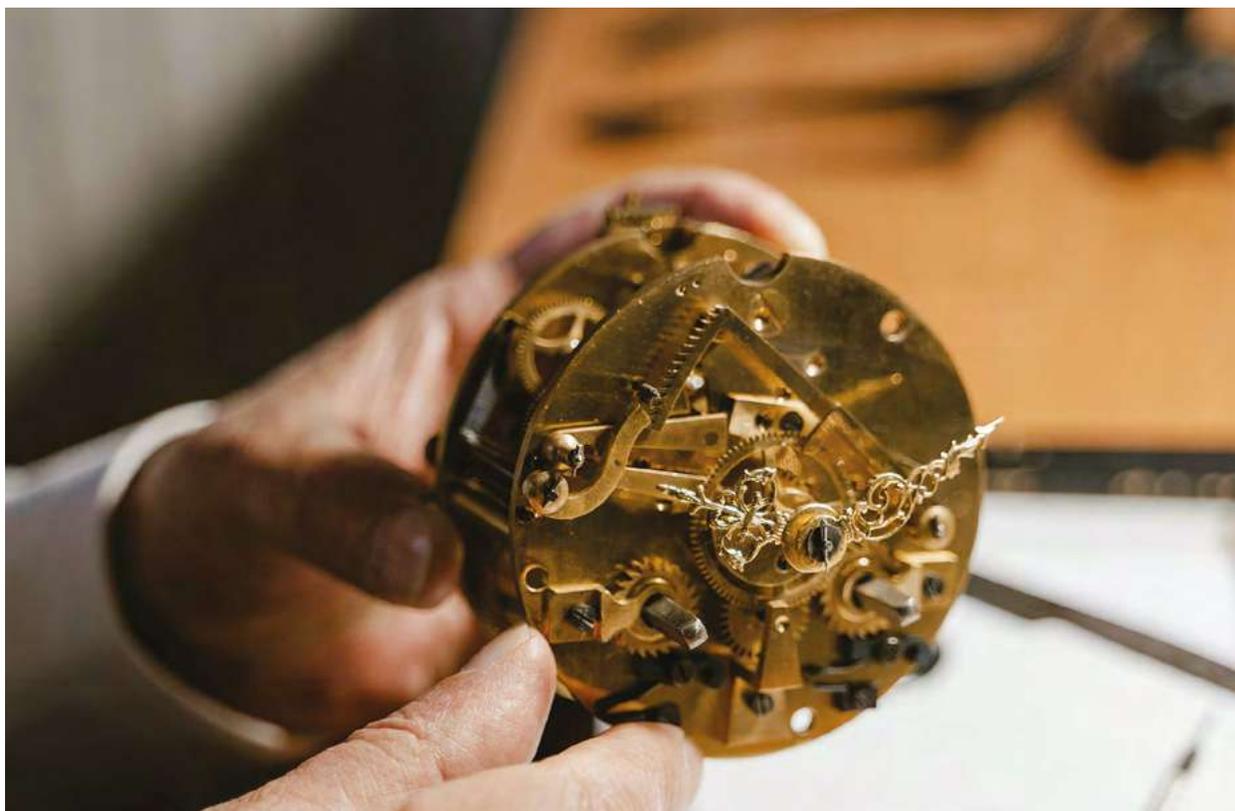
SERIA TÃO FÁCIL SE NÃO FOSSE COMPLEXO

PAULO
T. DE MORAIS

Seria tão fácil se não fosse complexo:
o amor, a paixão, ou qualquer emoção,
a acção, a reacção, ou qualquer expressão,
a ideia, a vontade, a saudade e o sexo.
Tudo se ramifica num ambíguo plexo:
medos?, receios?, apelo à compreensão;
falhas?, recuos?, apelo à consolação;
é com rimas e prosas este nosso amplexo.

"Levanta-te e anda!" – com ironia é dito,
"Por onde tens andado?" – questão pertinente,
"O que tens feito?" – aceito, é justo o saber.

Quiçá um romance inacabado, acredito,
fascinante é a mente, com tão belo presente,
inspiração mútua onde podemos **beber?!**



A CARTA QUE NUNCA (TE) ESCREVI

ANA
FAÍSCA PINHEIRO

Talvez eu tenha começado esta carta mil vezes. Nunca no papel, mas sempre no pensamento – e no coração.

Ela surgia nas ocasiões em que nos cruzávamos, nas madrugadas em que o sono teimava em não vir, no silêncio frio dos lençóis.

Começava-a sempre assim:

"Não sei se ainda te lembras do som da minha voz, mas às vezes eu falo com o vento, fingindo que me respondes..."

E parava por aí.

Não por falta do que dizer, pelo contrário, era excesso. Como se escrever qualquer coisa fosse limitar tudo o que representou em mim.

Como se, ao tentar colocar em palavras, reduzisse o que foi intenso – ainda que unilateral.

"Li-te com os dedos trémulos, como quem toca uma cicatriz antiga. Cada frase uma ausência, cada ponto final – uma dúvida."

E de novo parava, mergulhada no recanto das lembranças.

Não por falta do que recordar, pelo contrário, era saudade. E lágrimas corroidas entre a pele salgada.

Nunca soube das vezes em que quase bati na porta só para dizer "morro por ti". Das mensagens que digitei e apaguei. Dos aniversários que lembrei e fingi que não. Das conversas inteiras que tivemos, ainda que só na minha cabeça.

Quase todos os dias me pergunto como seria se tivesse tido coragem. Será que teríamos dado certo? Ou o tempo ter-nos-ia levado mesmo assim?

"Fiz de ti uma companhia muda, sussurro entre café e chuva. Imaginei-te sentado à mesa, olhos em brasa, palavras cruas."

E logo a caneta afrouxava do papel, perdida a essência do olhar. Não por falta do que ver, pelo contrário, era tristeza.

**«Histórias precisam de um fim.
Filmes precisam de um clímax.
Relacionamentos precisam de definição. Mas e se o mais profundo da vida estiver, justamente, nas entrelinhas? Nas cartas nunca enviadas? Nos abraços que não aconteceram? Nos amores que só tocaram a borda da existência?»**

Há um lugar em mim onde ainda é manhã e sinto o cheiro a café e desculpas.

Procurei o nome que não chegou, como um fim que nunca foi escrito. Vi-me mergulhada na história de um apaixonado, saudoso e esperançoso, por vezes

rendido. Palavras como tentativas de eternidade. Rascunhos de um amor que só existiu no desejo.

"A cada tentativa, uma lacuna. Um "se" suspenso. Um "quando" sem depois. Um "espero(te)" que talvez nunca tenhas ouvido. Escrevo(te) para não desabar. E para nunca realmente ser lida."

De novo a amargura sucumbia ao papel, obcecada que estava por respostas. Não por causa do ponto final, pelo contrário, era uma vírgula que esperava.

Histórias precisam de um fim. Filmes precisam de um clímax. Relacionamentos precisam de definição. Mas e se o mais profundo da vida estiver, justamente, nas entrelinhas? Nas cartas nunca enviadas? Nos abraços que não aconteceram? Nos amores que só tocaram a borda da existência?

"Talvez nunca conheças as palavras que (te) escrevi. As lembranças marcadas de um amor que reprimi. Não cabe num envelope. Porque talvez o que vivemos – ou quase – precise de permanecer assim, suspenso e inacabado. Um esboço delicado do que poderia ter sido. Há um certo requinte nisso, sabias?"

Todos temos um pedaço de coração por escrever.

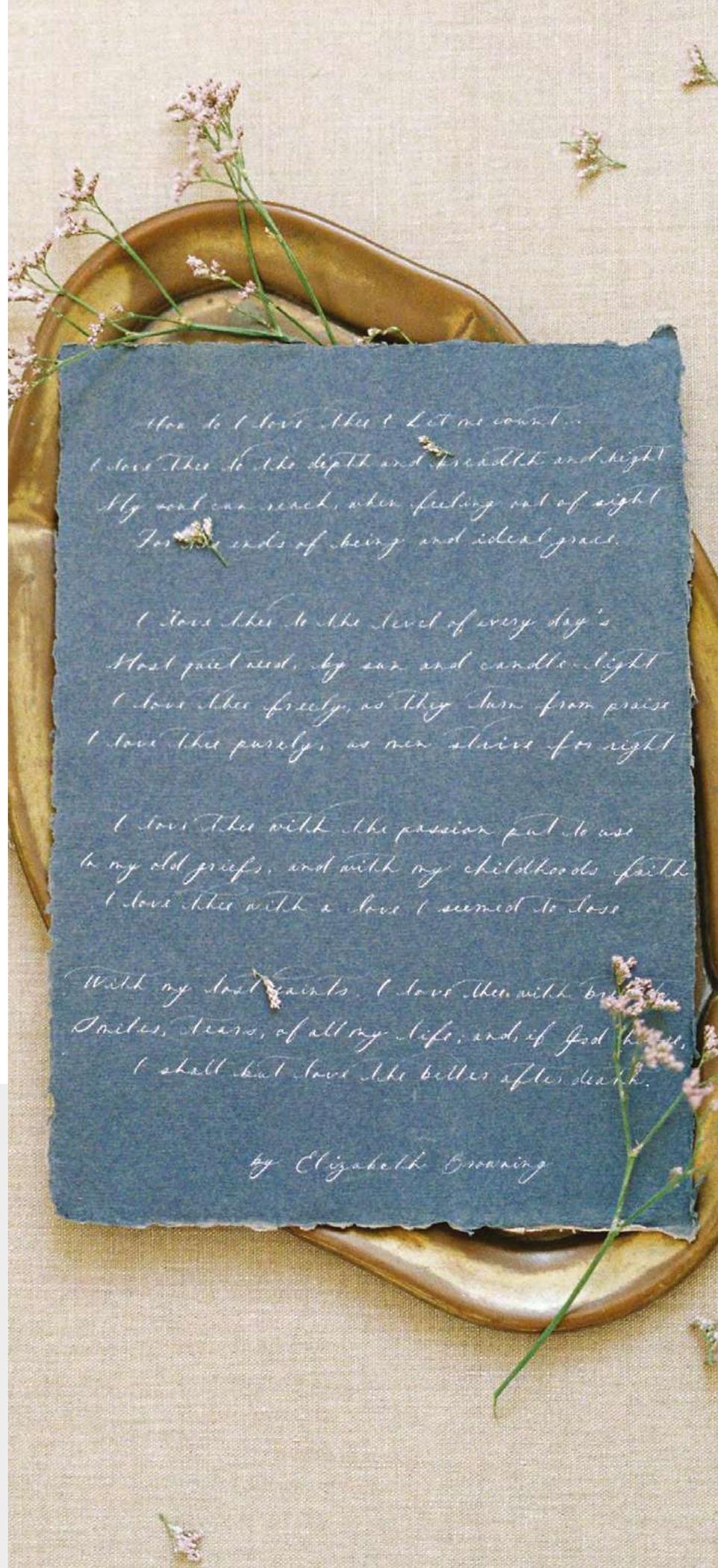
Todos temos uma história que preferimos deixar inacabada – não por cobardia, mas por delicadeza.

Não ter escrito foi, de algum modo, uma forma de (o) guardar por inteiro. Sem pontos finais. Sem explicações. Sem fim. E, talvez, uma maneira de ter paz.

A carta que nunca (te) escrevi continua viva.

Porque algumas coisas, quando não se concluem, simplesmente continuam.

"Se eu nunca terminar esta carta, talvez jamais te vás embora. Porque te amar inacabado, é amar-te eternamente possível."



*I love thee & love thee & let me count
I love thee to the depth and breadth and height
My soul can reach, when feeling out of sight
For the ends of being and ideal grace.*

*I love thee to the level of every day's
Most quiet need, by sun and candle-light
I love thee freely, as they turn from praise
I love thee purely, as we strive for right*

*I love thee with the passion put to use
In my old griefs, and with my childhood's faith
I love thee with a love I seemed to lose*

*With my lost saints, I love thee with a love
That smiles, and tears, of all my life; and, if God will,
I shall but love thee better after death.*

by Elizabeth Browning

SALTANDO DO PARÊNTESES

CRÔNICA DE UMA FINITUDE

FELIPE
CATTAPAN

A princípio não havia. Nem a via. Pressentia-a... e esquecia-a...

O primeiro encontro: no curso primário, na aula de biblioteca; depois de algum almoço... (livres nos livros, encantados no colo daquele silêncio sem relógios, esquecíamos de constatar que a aula ou o texto já estavam acabando. Não acabavam – amanhã ou depois recomeçavam...).

O gesto subversivo: definitivo como uma primeira pedrada. Uma colega desconhecida fechando o seu livro deliberadamente antes do final da aula e da história. Recusava-se a terminar. Evitava tudo o que lhe lembrasse o fim – (pois todo fim nos relembra o nada...). Pressentia, enfim, que a morte é o nada petrificado.

Por fim, a minha primeira vez: evitando terminar, minha colega me evidenciava que tudo termina ou se extermina. Aprendi: toda negação corrobora; toda ausência pressupõe uma existência. Aprendi: ao me deparar com a finitude, a partir de agora ela também me pertencia... para sempre. E admiti: o termo "sempre" (quase sempre) se remete a uma quantidade de tempo insuficiente. Portanto desprezível.

Algum tempo depois, a minha próxima lembrança: minha colega desencantada na aula de biblioteca... camuflando a sua calvície precoce... paradoxalmente explicitando aos meus olhos corrompidos a incontestável ausência dos seus cabelos... Em seguida, a sua ausência: eventual, ocasional, permanente. Seu lugar na biblioteca vazio... seu livro sempre presente na estante. Não me atrevi a ler o final... Afinal, a ausência das palavras: ... esqueci o seu nome... e o do livro. Concluí: as bibliotecas podem ser eternas – os seres humanos não.

A ausência das lembranças simplifica o resto: perdi parentes e amigos, evitei os enterros; colecionei livros – tornei-me escritor. Para esquecer. Para esconder: cada texto meu é uma tentativa de se encantar

**«Seu gesto continuou.
Alisando o tempo.
Me convidando a
contemplar um
espaço vazio entre
duas sepulturas.
Uma materialização
geográfica do nada.
Um vácuo verde. Vago.
Vagando... A sua vaga:
evacuada para lhe
pertencer.»**

o leitor antes que ele se depare com o seu final – talvez assim ele não constate que esta narrativa já está terminando...

Vivo para negar a morte.

Vivia para renegar a morte. Até hoje.

A princípio não houve (ou não vi) nenhuma modificação. E assim seria até o fim. Que eu pressentia... e esquecia...

Afinal, a primeira contradição: agora. Escrevendo este texto em forma de negação: o currículo da minha finitude, o relato de uma constatação.

Hoje, a constatação; ontem, a informação. Gesticulada em forma de ação: um encontro literário com uma bibliotecária desconhecida. Em uma cidade-



zinha envelhecida. Cujas populações decrescem. A biblioteca: sem obras, em obras – (em breve será demolida). Evitamos as ruínas, conversamos pelo parque. Ao final, economizamos tempo cortando caminho pelo cemitério. Este cemitério: árvores ao invés de pedras!... uma prorrogação do parque, uma desmistificação de um mistério, uma inversão viva da minha ideia abstrata de cemitério.

Situado no centro do lugarejo, integrava-se naturalmente à previsível harmonia do cotidiano: relembra a todos nós que a morte é inesquecível – mas também que os mortos são o melhor adubo... Não finalizava. Fui paralisado por um gesto da minha conhecida. Paramos. Para reparar como tudo parava. Devagar, o mundo divagava: a natureza digerida, a sesta se demorava, o tempo descansava...

Seu gesto continuou. Alisando o tempo. Me convidando a contemplar um espaço vazio entre duas sepulturas. Uma materialização geográfica do nada. Um vácuo verde. Vago. Vagando... A sua vaga: evacuada para lhe pertencer. O seu canto: um intervalo de tempo cavado no espaço; uma cova, um colo e um consolo; um silêncio atemporal que amanhã ou depois a absorverá. Uma antecipação em forma de chão. Este chão: sedimentação de uma livre escolha, continuação de uma tradição local. Ponto de referência, previsão de um futuro: todos os dias, a caminho da biblioteca, ela revê o seu fim.

Optou por viver morrendo ali. Sem viajar nem escapar; sem fugir nem pressentir. Sorriu...

Me movi. Nos despedimos. Ela permaneceu; eu me ausentei. Desapareci: fui esquecido, sumi.

Voltei para casa e para a minha lembrança crônica: ... a aula de biblioteca. Inalterada, imaculada: me faz até esquecer que a cidadezinha de onde partira já está se extinguindo – bem como a sua biblioteca... e a sua bibliotecária...

E decido terminar este texto antes que a minha calvície tardia devaste definitivamente a minha cabeça grisalha. Meu primeiro texto sobre a minha finitude. Creio que irei batizá-lo de "crônica": é o gênero que – por tanto excluir, por tanto ausentar e omitir, por ser tão poroso quanto o esquecimento – talvez melhor sintetize esta tentativa de descrevê-la... Pois se existir é admitir a própria finitude, escrever é escolher um nome próprio que a descreva. Reescrevendo-a.

Talvez tenha sido isto o que a minha colega tenha tentado descrever ao desaparecer. Talvez não terminar esteja mais próximo do infinito por ainda estar incompleto; talvez o estado natural das coisas, dos homens e dos textos seja o parcialmente em branco. Talvez a pedra já contenha a sua perda.

Não temo mais as frases excessivamente longas, sem pontuação. E, tentando evitar um gesto finalizador, acabo evitando o encontro e o encanto de um ponto final

A CRIAÇÃO É UMA SERPENTE

HUGO FILIPE
LOPES

Não por acaso, tenho uma serpente tatuada no braço. Na verdade, tenho duas, mas tecnicamente uma delas é um Ouroboros. Não porque a serpente seja símbolo do conhecimento, mas por representar o Eterno Retorno. O tempo cíclico ao invés do linear. E nada termina, porque se renova. Onde completude é possível, acompanha-a a perfeição. Por isso descansou Deus ao sétimo dia. Instalou-se então o *spleen*. O oásis de horror no deserto do tédio, diria Baudelaire. Oh, a entediante perfeição, onde as musas se contemplam à distância, a arte está para lá do vidro de protecção e os museus albergam cadáveres para adorarmos. Prometeu trouxe-nos o fogo divino e tantas vezes temos medo de nos queimarmos.

O perfeito é um produto acabado em que não se mexe, digno apenas das vitrinas. A perfeição é robótica, maquinal e inumana. Somos seres imperfeitos, porque estamos permanentemente inacabados. Essa imperfeição permite uma abertura que faz de nós mesmos e de tudo o que concebemos um trabalho em constante progresso. E o mais perto que alguma vez estaremos da conclusão é na aceitação da sua impossibilidade.

Essa existência inacabada é, em si mesma, um estado de graça, porque possibilita a construção perpétua. É ela que nos salva do enfatiamento robotizado das construções como as que a Inteligência Artificial proporciona. É por isso que tantos criativos se sentem ameaçados pela IA. Procuram a perfeição e não chupar o tutano. O tutano que levou Thoreau para o bosque e ali viver deliberadamente.

A IA, cérebro sem coração e sem Inteligência Emocional, só nos pode levar até certo ponto. Se é que nos leva a algum lado onde interesse estar. É potencialmente magnífica para nos libertar de tarefas embrutecedoras – geradoras de emprego e nesse ponto a automação, desde o tempo dos

«Nenhuma criação estará alguma vez acabada. O tempo da criação é cíclico, tal como o das colheitas, pois ambos irrompem da fecundidade. São essas as verdadeiras deusas da arte: Osíris e Afrodite. É por essa razão que cada vez que voltamos ao livro que estamos a escrever, fazendo alterações *ad eternum*.»

luditas, acarreta sempre essa consequência – mas terrivelmente castradora de criações dotadas de personalidade.

A IA, como todas as máquinas, possibilitará que cheguemos a um termo na criação. A uma conclusão. Uma vez esgotadas todas as formas lógicas de construção e utilizada toda a informação nessa criação, o trabalho estará concluído. Nenhum Ouroboros dela brotará e jamais a serpente devorará a sua própria cauda em permanente renascimento.

As máquinas conduzir-nos-ão invariavelmente em direcção à uniformização, forma avalizada de um produto acabado. Preenche os critérios, é produzido em série, não tem defeitos e está pronto. Nós, humanos, demasiado humanos que somos, esco-



lheremos infalivelmente a via do facilitismo, fruto, sobretudo, do presente contexto socioeconómico que exige cada vez mais de uma humanidade já de si em sobrecarga.

Não creio que o problema seja a IA em si mesma, mas o contexto no qual é desenvolvida. E esse contexto de predação, competitividade e individualismo egóico exacerbado, só pode potenciar os efeitos nefastos dessa ferramenta, que, tal como a energia nuclear, pode ser utilizada como fonte de criação ou de destruição. A nossa preocupação, com a IA e com todas as outras ferramentas análogas ao nosso dispor, deve ser o repensar o mundo e em como torná-lo mais justo. E para ser mais justo, a primeira medida terá de ser a libertação de todas as áreas da subjugação à barbárie da economia.

Mas essa mudança terá de acontecer a dois tempos e, no respeitante à criação artística, Brian Eno, ao mesmo tempo crítico e utilizador de ferramentas de Inteligência Artificial, aconselha os músicos jovens, cuja perfeição sonora está ao alcance de um clique e alguns euros, a não criar discos perfeitos. A deixar os erros registados, como marca de humanidade, nas gravações.

A conclusão criativa é término e o término equivale a uma morte. O que há depois da conclusão perfeita? Apenas a profanação dessa perfeição ou o vazio. O fecho e a morte.

No inacabado enquanto parte do processo, a criação é eterna. Renova-se, assim cantava Lemmy Kilmister, *The chase is better than the catch*. E adoramos uma boa perseguição.

O inacabado, enquanto afirmação do erro e da falha como parte da composição, representa sempre novas possibilidades. Infinitas. Forma única do eterno na possibilidade reavivada.

Ao longo da história são inúmeros os episódios em que erros e falhas se tornaram métodos dos criadores, sendo o caso mais flagrante o de Jackson Pollock. Ao derrubar acidentalmente uma lata de tinta sobre uma tela branca, Pollock ficou fascinado com os padrões criados e a partir daí desenvolveu a sua técnica *dripping*, que o tornou ímpar.

Nenhuma criação estará alguma vez acabada. O tempo da criação é cíclico, tal como o das colheitas, pois ambos irrompem da fecundidade. São essas as verdadeiras deusas da arte: Osíris e Afrodite. É por essa razão que cada vez que voltamos ao livro que estamos a escrever, fazendo alterações *ad eternum*. Costumo dizer que não acabo de escrever livros, só desisto de os recompor. Porque a alternativa é a espiral de loucura da reescrita infinita ou o *spleen* do insuperável. Fluamos entre ambos.

A pedido do Autor, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

SALTANDO DO PARÊNTESES

A BELEZA DO VIR A SER

LUCIANA
J. MORAIS

*O mais importante e bonito do mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas —
mas que elas estão sempre mudando.*
Guimarães Rosa

A jornada é o peregrino. E "mais importante que o destino é a viagem", afirmava Eduardo Lourenço. As experiências e vivências humanas são mais inspiradoras e necessárias que a própria vida; noutras letras portuguesas, "navegar é preciso, viver não é preciso". Ainda no dimanar das águas, Heráclito proclamou que ninguém se banha no mesmo rio duas vezes, pois quando imergimos não somos mais os mesmos e nem são as mesmas águas. Nasce a noção de devir, tornar-se; a entender que tudo flui e nada permanece. Ações libertadoras movimentam e transformam. Há crescimento e evolução. A preciosidade do vir a ser como possibilidade e potência, encanta e seduz, e faz a graciosidade do caminho. A viagem torna-se o viajante, como desassossegou o poeta português.

O Universo valsa num fluir onde cada coisa é e não é ao mesmo tempo, num eterno baile do vir a ser. E como se associa intuitivamente mudança a movimento, é possível compreender o devir como a mudança de si mesmo, enquanto um giro em torno do próprio centro, assim como os movimentos cíclicos do cosmos. Desta forma, as transformações são como um perene retorno, a constante realidade entre o ser e o vir a ser. A inteligência que orquestra harmoniosa e minuciosamente o concerto da vida, transborda requinte ao ver numa semente uma árvore esplendorosa.

A vida enquanto arte provoca a rigidez do conceito hermético desta palavra que nos escapa das mãos e voa com asas de liberdade. Para Nietzsche a arte é um grito de criação, uma ruptura com a roda viva

**«A magia do inacabado,
presente em tudo, aguarda o
seu momento de devir.
E muito mais que o
resultado, importa o
processo da criação artística,
pois impregnados do espírito
criador, cria-se e é criado no
mesmo processo, nasce uma
nova forma de existência,
como um novo rumo, um
novo caminho.»**

da existência; não busca a verdade, não é engajada, moralista ou determinista, ela está acima do real sem pretensões metafísicas. E sem finalidades, assim como o jogo do artista e da criança, configura como "um vir a ser e perecer, um construir e destruir, sem qualquer acréscimo moral, numa inocência eternamente idêntica". É o enlevo de olhar a arte como devir de vida.

O pensador do martelo propõe a arte como potência de vida que brota do impulso ambíguo, imbricado em complementariedade de Apolo e Dionísio. A manifestação do impulso apolíneo — da forma e da individuação — e o impulso dionísico — do êxtase e do caos — resulta em arte e artista, na multiplicidade de sentidos que não se esgotam em si. A magia do inacabado, presente em tudo, aguarda o

seu momento de devir. E muito mais que o resultado, importa o processo da criação artística, pois impregnados do espírito criador, cria-se e é criado no mesmo processo, nasce uma nova forma de existência, como um novo rumo, um novo caminho. E os pés que os transcorrem não são mais os mesmos.

A beleza está em trançar o fio da existência a entrelaçar tudo o que foi e o que virá a ser, sabedores de que não há uma finalidade e, sim, um devir, como a encruzilhada que Guimarães Rosa afirmou no seu grande sertão, "tudo o que a gente foi é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo".

Ao espelhar a natureza, o encantamento dos ciclos faz-se espontâneo e artístico. Nada está pronto, acabado ou definido, pois há uma multiplicidade de valores e revalores e transvalores a ser construída no infinito vir a ser. O fascínio de priorizar a diferença ao invés da identidade, o devir ao invés do ser, a invenção e a criação ao invés da revelação é uma forma de apreciarmos a arte de viver e usufruir dela criatividade para trilhar a jornada na terra. Ao entregar-se a leis maiores, crescer com as experiências e deleitar com isso, é possível compreender amorosamente o processo da vida e respirar o primor de toda transformação.

"Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza", mais uma vez encanta o poeta mineiro, e "para viajar basta existir", disse Fernando Pessoa; existimos para fluir nos caminhos a construir — e construirmo-nos —, e inevitavelmente retornarmos ao mistério desconhecido e esperado. Que façamos uma boa viagem, a aproveitar as aprendizagens do caminho com a arte que embeleza o vir a ser da vida.



O ACHIEVEMENT ESTÁ OVERRATED

PAULA EDUARDA
FIGUEIREDO

*«Ilusão! Pura ilusão!
Tudo é uma ilusão [...] Ninguém se satisfaz
com aquilo que os seus olhos veem,
nem com aquilo
que os seus ouvidos ouvem.»
(Eclesiastes, 1, 2-3, 11-14)¹.*

E escrevo no rescaldo da publicação dos «rankings» das escolas de 2024, quando docentes e diretores de estabelecimentos de ensino, jornalistas e políticos – no ativo ou em pousio –, comentaristas de quadrantes diversos, discípulos de Pilatos e almas bem-intencionadas peroram sobre classificações de exames, contextos escolares e taxas de sucesso.

O êxito goza de boa reputação e de célere aplauso, multiplicados e amplificados pela omnipresente Comunicação Social e pelas tentaculares redes sociais. E, todavia, a condição do Homem, por si só, é a do «in fieri».

Quem não se sente maravilhado ao contemplar as Capelas Imperfeitas, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, e ao ouvir a sua dramática história? Deixamos de desfrutar dos dois andamentos da «Sinfonia n.º 8» de Franz Schubert porque estará porventura inacabada?

Almas Mortas perde o seu fascínio satírico porque Nikolai Gógol deixou o romance incompleto?

A escultura inacabada «Pièta Rondanini», de Miguel Ângelo, não é considerada por muitos como o seu «testamento espiritual»?

Não seria difícil multiplicar os exemplos de incompletudes transbordantes, para além da Arquitetura, da Música, da Literatura e da Escultura.

**«Nascemos inacabados,
a mais indefesa das crias
sobre o planeta. Crescemos
à procura da outra metade
da laranja. Olhamos a vida
como um caminho. Um
trajeto. Um percurso. Uma
peregrinação. Uma etapa...
Não importa a metáfora,
estamos em processo.
Somos um processo.»**

Dispomos, atualmente, de uma ferramenta digital absolutamente extraordinária: a Inteligência Artificial (IA). As suas funcionalidades são inegáveis e transformadoras, em vários domínios. Mas, no que diz respeito à inteligência emocional e criativa, isto é, àquilo que nos é intrínseco, a nós, pessoas de carne, ossos e sentimentos, pode a IA substituir-se ao Homem?

Em 2021, soubemos que a 1.ª Sinfonia de Ludwig van Beethoven, apenas esboçada pelo genial músico, tinha sido completada por musicólogos, com recurso à IA.

Este ano mesmo, 700 anos volvidos sobre a morte do Rei D. Dinis, a evolução tecnológica permitiu

¹ Este livro da Bíblia terá sido escrito no século IV ou no século III a. C.



fazer a reconstituição do seu rosto, em impressão 3D, exposta na Sala do Exame Privado da Universidade de Coimbra.

Escolas e universidades confrontam-se com a colonização dos trabalhos académicos pelas ferramentas digitais que, «à la carte», regurgitam textos prontos a submeter ao crivo docente.

E o que dizer da síndrome da página em branco, que acometia quem se lançava na aventura da escrita? Com a IA, será provável que entre em extinção, uma vez que pode ser usada como gatilho para desbloquear escritores.

O número de visualizações e de «likes» dita a fortuna e o estatuto social de «influencers», que parecem estar a substituir, em ritmo acelerado, os vultos de inegável craveira intelectual e moral que, não há tanto tempo assim, eram apresentados como exemplo para emulação.

Os fracassos tornaram-se «inconsequimentos» e as mentiras, «inverdades». Os factos são «percepções» e os valores contornáveis.

Classificações escolares de excelência. Emprego leve e bem remunerado. Vidas perfeitas expostas nas redes. Sinais exteriores de riqueza e de triunfo. Vias rápidas para concretizar sonhos... Um carrossel interminável. Não estaremos a aceitar sucedâneos de felicidade, vitórias pírricas que acabam por ter o sabor amargo do vazio?

Fracasso. Recomeço. Fragilidade. Resiliência. Humildade. Cooperação. Interioridade. Integridade... A sua cotação na bolsa dos valores revela um lado menos solar dos nossos dias.

Nascemos inacabados, a mais indefesa das crias sobre o planeta. Crescemos à procura da outra metade da laranja. Olhamos a vida como um caminho. Um trajeto. Um percurso. Uma peregrinação. Uma etapa... Não importa a metáfora, estamos em processo. Somos um processo. Intrinsecamente inacabados, trazendo em nós, perpétua, a ânsia da plenitude e da transcendência. Da beleza e da criatividade. Da autossuperação.

A consciência dessa condição convoca a humildade dos pequenos passos e a urgência de saborear cada segundo deste mistério que nos é dado viver.

De volta à casa de partida, creio que proporia, para estas linhas despretensiosas, um outro título, uma outra forma de viver: «A sedução da incompletude». Mais alguém?

*«Neste mundo,
tudo tem a sua hora;
cada coisa tem o seu tempo próprio.
[...] (Eclesiastes, 3, 1–2)*

QUANDO (AINDA) FALTA O TEMPO QUE NOS SOBRA

JÚLIA
DOMINGUES

Embrenhada na preparação de mais um livro, é inevitável não taldar quase todas as ideias de escrita ao redor de um tema: o que fazer com o tempo que (ainda) nos sobra. Tudo isto só passa a ser um tema quando nos apercebemos que passámos a vida inteira a interiorizar que «há um tempo certo para tudo.»

Eis que.

Disseram-lhe que havia um tempo certo para tudo.

Que os sonhos tinham prazo de validade.

Que depois dos 40, ou dos 50, ou dos 60, já não se devia arriscar.

Mas, chegados até aqui, eis que.

Ela começou a desconfiar dessas regras.

Colaram-nos um prazo de validade, onde (quase) tudo deverá começar a perecer lentamente, esquecido a um canto, até que vida deixe de ser vida. Mas a questão que a maioria de nós enfrenta é que, quando se alcança o prazo de validade, ainda estamos muito válidos. Ainda temos tudo para fazer, e, mais, agora é que nos apetece fazer coisas que já estão para lá do tempo.

E, chegados até aqui, eis que.

Decidiu escrever as suas próprias regras.

É com os anos que aprendemos a ouvir o instinto, que queremos fazer as pazes com o corpo, que só queremos escolher o que vale a pena, que ousamos dizer "não" sem nos justificarmos. É depois do tempo que percebemos que o medo não desaparece, mas também não é maior do que nós. Que não manda em nós.

E, chegados até aqui, eis que.

Ela já não tem vinte anos. E ainda bem.

Já não aceita metades. Já não implora presença.

Já não se prende a lugares onde precisa de se diminuir para caber.

Agora, quer viver inteira. Com rugas, certezas, dúvidas e recomeços.

E, acima de tudo, com liberdade.

Não há idade certa para ser feliz, há apenas coragem para o permitir. E essa liberdade, que chega já depois do nosso tempo expirar, vem com a certeza de que não precisa de acontecer no tempo certo, até porque é depois do tempo que a vida ensina que nada do que é certo tem um tempo errado para acontecer. É como se tudo o que vivemos «no tempo certo» servisse (apenas) para nos ensinar o que não vamos querer viver no tempo errado. Porque a verdade é que a vida não se mede em décadas — mede-se em decisões.

Agora, chegados até aqui, eis que.

Sempre que ela escolhe recomeçar, escolhe viver.

Mesmo que doa. Mesmo que digam que "já passou o tempo".

Ela sabe que ainda está a tempo.

A tempo de mudar de profissão.

De terminar um casamento ou começar um amor.

De voltar a estudar, a sonhar, a escrever.

De dançar sem razão, de partir sem aviso, de acreditar de novo.

Talvez o nosso tempo, seja depois do tempo. A seguir ao certo. Depois do medo. Não há nada mais revolucionário do que uma mulher que, depois de anos a viver para os outros, decide viver por si.

Portanto, chegados até aqui, eis que.

Talvez este seja o teu tempo.

E não, não estás atrasada.

Estás no momento exato para te escolheres.

E quando o fazes, uma nova vida começa.

Não porque é fácil.

Mas porque, finalmente, é tua.



FICÇÃO COMO REAL?

DAVID
ROQUE

Em que comunicam *O Primo Basílio* e *Madame Bovary*? Será pela semelhança da pilosidade supralabial de Eça e Flaubert? O bigode farto assumia-se apenas como modismo da época aproximada em que viveram, mas o que unia ambas as escritas era modelarem-se ao realismo literário, a tendência que começa a ganhar hegemonia a partir da segunda metade do século XIX.

Se é verdade que a ficção literária não é jornalismo, também é assumido que pode manter fortes ligações com a realidade, como fotografia ou manifesto. A palavra escrita, dado o poder que carrega, tanto pode servir para o ludismo, como para a consciencialização do leitor sobre factos sociais indolentemente retratados por outros *media*. *Bovary* retrata o casamento desamoroso e cínico do protocolo aristocrata e burguês do século XIX e o conseqüente emparedamento feminino. Noutra escala e geografia, o primo Basílio vem atentar o casamento quase perfeito da prima Luísa. A sinuosa vida amorosa da burguesia, escrita para burgueses lerem e refletirem.

Zola: criminosos, presidiários, revoltosos, operários fabris, costureiras, sacerdotes, polícias, aristocratas, freiras, estalagens, traficantes, pobres, militares... Diríamos a fauna dos estratos mais baixos da sociedade. Os moleques de *Capitães da Areia* estão também neste nível, pobres e marginais, guiados por códigos alternativos aos da boa sociedade. Neste caso, trata-se do neorealismo, um segundo recrudescimento de preocupação social na literatura, com expressão entre os anos 30 e 50 do século XX. Nos melhores autores, que são estes vários casos, a literatura dialogante com a realidade oferece-nos quadros impressionantes de análise social e de reflexão sobre marginalidades. Nos escritores de menor fluência criativa, o realismo pode descair para o mero panfleto político, assumindo

«Se é verdade que a ficção literária não é jornalismo, também é assumido que pode manter forte ligações com a realidade, como fotografia ou manifesto..»

formas maniqueístas e caricaturais. Arte subjugada a objetivos utilitários.

Nesta década de 20 do século XXI sentimos também um recrudescer do movimento, mas na maioria das vezes na sua forma mais instrumental ao serviço do ativismo ideológico. O escritor, como qualquer artista, deve meditar sobre as fronteiras e penetrações entre a arte enquanto expressão da ficção narrativa, que traz sempre o toque da imaginação, e o discurso político e filosófico que versa sobre a *pólis*, o mundo concreto que habitamos. Não se pode alegar que não há diálogo entre estas duas visões, aliás aqueles autores atrás referidos demonstram uma boa articulação entre o discurso livre da criatividade e a palavra comprometida da consciência humana. A crítica deve ser maior quando o criativo se sujeita a ater-se ao real da forma mais primária possível, desconsiderando os caminhos da geração do novo, esquecendo a sublimação da matéria rotineira em inesperado vapor.

Em suma, a literatura pode prestar-se à representação da realidade, como o demonstram realismo e neorealismo, mas não deve omitir a sua origem na mente fantasiosa do indivíduo, onde imagens novas fervilham, numa sala de espelhos circense e repleta de cor. Infinitude.



A REVISÃO DE TEXTOS E A UTILIDADE DOS DICIONÁRIOS

ANA
SALGADO

A revisão de texto é um processo meticuloso que visa garantir a correção, clareza e coerência de um conteúdo escrito. Não se limita a identificar erros ortográficos ou gramaticais, analisa também a estrutura frásica, a escolha lexical e a adequação ao contexto e ao público-alvo. Como esse trabalho exige interpretação e precisão, a consulta de dicionários é crucial.

A língua está em constante evolução – novos significados surgem, vocábulos caem em desuso e palavras estrangeiras tornam-se parte do léxico cotidiano. Para acompanhar essas mudanças, o revisor precisa de recursos atualizados que o ajudem a validar o uso adequado das palavras. É neste contexto que os dicionários desempenham um papel fundamental.

Os dicionários gerais são ferramentas de referência para verificar a grafia correta, os significados predominantes e as variantes de uso. Por seu lado, em contextos especializados, como textos técnicos ou científicos, os dicionários terminológicos são imprescindíveis. Por exemplo, um termo comum pode adquirir um sentido específico no âmbito jurídico ou médico, e apenas uma obra especializada pode garantir a precisão necessária.

Além disso, o revisor deve considerar as *nuances* semânticas e pragmáticas das palavras. Muitas vezes, uma escolha lexical inadequada compromete a clareza do texto. A consulta a dicionários de sinónimos e antónimos ajuda a selecionar a palavra mais apropriada, evitando repetições ou ambiguidades. Da mesma forma, os dicionários etimológicos fornecem informações sobre a origem e a evolução dos vocábulos, úteis para textos que exploram significados históricos ou culturais.

Outro desafio comum na revisão é o uso de expressões idiomáticas. O significado dessas estruturas nem sempre é intuitivo, especialmente quando traduzidas ou adaptadas de outra língua. Por exemplo,

a expressão inglesa *kick the bucket* – que significa “morrer” – pode facilmente ser traduzida de forma literal por alguém menos atento ao seu sentido figurado. Do mesmo modo, *spill the beans* (revelar um segredo) pode ser interpretada literalmente, comprometendo a naturalidade e a clareza do texto traduzido. Nestes casos, os dicionários de expressões idiomáticas são ferramentas fundamentais, não só para identificar os contextos adequados de uso, mas também para encontrar possíveis equivalentes idiomáticos na língua de chegada, evitando interpretações erróneas e assegurando a fluidez e a precisão da mensagem final.

O processo de revisão também exige atenção à coerência interna do texto. Dicionários bilíngues, por exemplo, são úteis quando o texto contém elementos em língua estrangeira, garantindo a uniformidade e a tradução precisa de termos específicos. Não se pode ignorar que, em muitos casos, a revisão implica lidar com neologismos e regionalismos. Para garantir a inclusão adequada de novos vocábulos, os dicionários contemporâneos e os vocabulários oficiais são recursos importantes, já que refletem as atualizações e os usos consolidados na língua.

A utilização de dicionários durante a revisão de texto não deve ser vista como sinal de insegurança, mas sim como prática de rigor e responsabilidade linguística. A consulta frequente permite ao revisor confirmar hipóteses, corrigir falhas e, sobretudo, garantir que o resultado preserve a clareza e a fidelidade ao propósito comunicativo do autor.

Em última análise, os dicionários não apenas auxiliam na correção formal, como também enriquecem o processo de revisão, promovendo um uso mais consciente e fundamentado da língua. São ferramentas essenciais para quem se dedica à revisão, assegurando que o texto final esteja linguisticamente correto e adequadamente contextualizado.



COMO ESCREVER FRASES INESQUECÍVEIS?

MARCO
NEVES

Olhemos para o início de um conto de Eça – «Civilização» (que foi a semente de A Cidade e as Serras):

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto), que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado.

Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava, para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas. Um lindo rio, murmuroso e transparente, com um leite muito liso de areia muito branca, reflectindo apenas pedaços lustrosos de um céu de Verão ou ramagens sempre verdes e de bom aroma, não ofereceria àquele que o descesse numa barca cheia de almofadas e de champagne gelado mais doçura e facilidades do que a vida oferecia ao meu camarada Jacinto. Não teve sarampo e não teve lombrigas. Nunca padeceu, mesmo na idade em que se lê Balzac e Musset, os tormentos da sensibilidade. Nas suas amizades foi sempre tão feliz como o clássico Orestes. Do amor só experimentara o mel – esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abelhas, com ligeireza e mobilidade. Ambição, sentira somente a de compreender bem as ideias gerais, e a «ponta do seu intelecto» (como diz o velho cronista medieval) não estava ainda romba nem ferrugenta... E todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do kEclesiastes, de outros Pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Porquê?

Leia com vagar. Repare nas frases – e nas palavras.

Acompanhe a pontuação. Olhe para aquele «preciosamente», um advérbio que torna a frase inesquecível. Não parece ser o amigo que é precioso, mas a posse desse amigo – e o próprio verbo «possuir» associado a um amigo tem muito que se lhe diga...

Eu possuo preciosamente um amigo...

A preciosidade desta frase está também no inesperado da construção – tal como inesperada será a revelação do nome desse amigo dentro de parêntesis, como se o nome fosse pouco importante.

Note agora o ritmo das frases, na composição de parágrafos com frases muito longas e outras curtíssimas, num encadeamento de sons, imagens e ideias que vai trabalhando a nossa imaginação. Vamos desde um sujeito de 32 palavras, em que Eça constrói uma imagem muito detalhada para descrever a boa vida de Jacinto...

Um lindo rio, murmuroso e transparente, com um leite muito liso de areia muito branca, reflectindo apenas pedaços lustrosos de um céu de Verão ou ramagens sempre verdes e de bom aroma...

... e só a seguir aparece o verbo principal da frase...), até uma seca frase final:

Porquê?

Temos ainda a mistura de palavras de mundos muito diferentes, que abanam o leitor entre sensações de prazer («champagne», «lindo rio») e referências a doenças («lombrigas», «sarampo»). Esta justaposição obriga-nos a sorrir. Ah, e logo a seguir às doenças infantis, temos os padecimentos adolescentes, que se transmitem por leitura de certos autores. Mais um sorriso preciosamente irónico nos nossos lábios, é o que é...

E todavia...

Estas conjunções (em aparente contradição) inflectem o texto e introduzem o mistério: tanta facilidade, é certo, mas tanto pessimismo, tanto aborrecimento. Temos então aqueles bocejos cavos e lentos – Eça quer ser exacto, mas também não quer mentir: não tem bem a certeza se serão três ou quatro. Terminamos com os dedos finos de Jacinto a passar sobre as faces...

... como se nelas só palpasse palidez e ruína.

É fácil imaginar, como se lá estivéssemos, os dedos a passar pela cara de Jacinto, uma cara que nos aparece com a rigorosa expressão de enfado, ou talvez enfartamento ou algo que me escapa – aquilo que não consigo descrever, mas que Eça recria, nestas frases, dentro da nossa imaginação.

Há muito mais – quanto mais! – a dizer sobre estes parágrafos. Então se olharmos para o conto inteiro, teríamos livros a escrever...

Voltemos, no entanto, àquele «preciosamente». Há aqui algo diferente do que estaríamos à espera – muita da arte da literatura faz-se dessa fuga ao habitual, em conjugação com um controlo perfeito das frases, da variação vocabular, da repetição... Nem sempre um texto inesquecível, que deixa o coração a palpitar, se caracteriza pelo bom senso, por evitar as repetições, por cumprir o que é habitual na sintaxe portuguesa (embora raramente quebre uma proibição sintáctica).

Deixo aqui um exemplo extremo do uso da repetição, um extracto do texto «Revolução e Mulheres», de Maria Velho da Costa:

Elas são quatro milhões, o dia nasce, elas acendem o lume. Elas cortam o pão e aquecem o café. Elas picam cebolas e descascam batatas. Elas migam sêmeas e restos de comida azeda. Elas chamam ainda escuro os homens e os animais e as crianças. Elas enchem lancheiras e tarros e pastas de escola com latas e buchas e fruta embrulhada num pano limpo. Elas lavam os lençóis e as camisas que hão-de suar-se outra vez. Elas esfregam o chão de joelhos com escova de piaçaba e sabão amarelo e correm com os insectos a que não venham adoecer os seus enquanto dormem. Elas brigam nos mercados e praças por mais barato. Elas con-

tam centavos. Elas costuram e enfiam malhas em agulhas de pau com as lãs que hão-de manter no corpo o calor da comida que elas fazem. Elas vêm com um cântaro de água à cinta e um molho de gravetos na cabeça. Elas limpam as pias e as tinas e as coelheiras e os currais. Elas acendem o lume. Elas migam hortaliça. Elas desencardem o fundo dos tachos. (...) Elas também dormem.

O parágrafo continua com muitas outras frases começadas por «elas...». Num texto diferente, do dia-a-dia, a repetição de «elas» seria um erro estilístico. Não é isso que temos aqui – o pronome repetido inúmeras vezes, sempre no início da frase, martelamos o cansaço e a variedade das vidas delas num parágrafo que fica no ouvido durante muito tempo. Muitos outros escritores têm as suas estratégias para conseguir um determinado efeito no leitor. Não temos de gostar – mas convém não cair no erro grosseiro de considerar estas estratégias literárias distrações ou incorrecções.

Na literatura, o interessante começa onde termina a gramática. Temos alguns malabarismos verbais, mas temos também a ironia dum narrador divertido, vozes de várias personagens em confronto num só parágrafo, uma palavra que contém em si todo um meio social... É por isso que, para lá de conhecer as regras de gramática e as regras de ortografia, devemos ler, ler muito, ler sem parar, saboreando as palavras e as frases dos bons livros, que são um dos grandes prazeres do mundo. Só assim podemos ter esperança de criar frases inesquecíveis.



A REGIÃO MAIS TENEBROSA

JOÃO
VENTURA

Olho o atormentado autorretrato do escritor e artista Bruno Schulz (Drohobycz, 1892–1942), desenhado a lápis grosso, exposto na retrospectiva "O país tenebroso", no Círculo de Bellas Artes, em Madrid. E na transparência do vidro de onde Schultz me observa com olhos amedrontados, intuo na intensidade desassossegante de cada traço riscado sobre o papel "o rosto de um homem que nunca fez as pazes com a vida", tal como Isaac Bashevis Singer, também judeu polaco e cronista da diáspora judaica, já havia notado numa entrevista concedida a Philip Roth, em 1976 (*Parlonstravai*).

Fixo o meu olhar na figura que parece querer libertar-se da prisão de vidro e o que vejo é uma feição kafkiana, simultaneamente assustada e feliz, fugindo à claridade do dia para se refugiar nas "regiões do destino onde reina a solidão".

A exposição abre com dois autorretratos, espécie de umbral da sua paixão pela própria efígie, que aflora em múltiplas composições: desenhos e obra gráfica, cartas, fotografias, velhos jornais, álbuns de selos e postais da longínqua cidade Drohobycz, que em *As lojas cor de canela*, um dos livros da biblioteca de quarto escuro de Enrique Vila-Matas, "se converte para sempre na mais bela de toda a história da literatura" (*Da cidade nervosa*).

Percorro toda a trajetória do autor: recordações de infância e a visão asfixiante da provinciana e tranquila cidade natal, onde viveu e ensinou desenho no liceu. Drohobycz, pequena cidade situada na Galícia, Polónia, atualmente parte da Ucrânia, é o lugar de todos os terrores e de todas as maravilhas: praças, ruas obscuras, terrenos baldios, a loja de tecidos do pai, tudo serve a Schulz para, num estilo barroco, e como um predestinador de inspiração bíblica, colorida e irónica, pôr em cena o quotidiano de uma cidade de província polaca, metamorfoseada num cenário fantasmal.

«Fixo o meu olhar na figura que parece querer libertar-se da prisão de vidro e o que vejo é uma feição kafkiana, simultaneamente assustada e feliz, fugindo à claridade do dia para se refugiar nas "regiões do destino onde reina a solidão". »

Conforme o próprio Schulz confessa numa carta enviada à amiga Romana Halpern, "As lojas de canela emergiu gradualmente das [suas] cartas. A maior parte foram escritas a Debora Vogel", escritora residente em Lwów que conheceu em 1930 (*Letters and drawings of Bruno Schulz: with selected prose*). De mão em mão, o conjunto desses textos fascinantes, fragmentos de autobiografia fantástica, contos assombrados pela claustrofobia e por um imaginário luxuriante num labirinto barroco de tesouros de infância perdidos haveriam de chegar à editora Roj, de Varsóvia, que os publicou em 1934, com o título *As lojas de canela*.

Apenas dois livros de contos publicados, que resultam das cartas que escreveu *As lojas de canela*, e *O sanatório sob o signo da clepsidra*. Existiria um outro, *O messias*, mas o manuscrito ter-se-á perdido. Witold Gombrowicz descreve Schulz como um homem "frágil, estranho, quimérico, reservado, tenso, quase incandescente", "um gnomo com uma cabeça desproporcionada, demasiado amedrontado para ter a coragem de existir, rejeitado pela vida, alguém que se movimentava sorrateiramente nas suas margens" (*Journal*, Tome II, 1959-1969).

Alguém que se escondia nas sombras, fechado na prisão de loucos que era a sua casa, "uma destas casas sombrias com fachada cega e vazia", na Praça do Mercado, em Drohobycz, nos confins da Galícia, que Schulz descreve como uma "cidade dada a mergulhar na cinza crónica do crepúsculo, a enfeitar os seus contornos com uma lepra escura, um bolor felpudo, um musgo cor de ferro". A penumbra mal iluminada da labiríntica casa paterna onde nasceu, com as suas paredes gretadas, tocas de ratos que percorriam a noite, enormes armários de madeira carcomida pelo caruncho, largas camas sempre por fazer, o tique taque contínuo dos relógios de parede, foi a inspiração fantasmagórica dos contos e obra plástica.

E do lado de fora da casa, todo o cenário de um dédalo de ruas, ruelas e pátios para onde se escapava como num estado de depressão profunda, entre "polacos ucranianos e judeus, lado a lado ou misturados, ou talvez nem uma coisa nem outra", e onde viria a ser assassinado com uma bala na nuca pelos nazis, numa manhã fria de Novembro, em 1942. Ruas crepusculares com as sombras sépia e lojas cor de canela, que Schulz gostava de contemplar nas noites de Verão "como um livro mágico": as tabernas, a farmácia, a pastelaria, a chapelaria, o oculista, a livraria, o Liceu. Os manequins. Carros rodando puxados por cavalos. E o bestiário carnavalesco onde desfilam cães, gatos, pássaros, raposas, borboletas. O paraíso perdido da infância na pequena cidade de província revisitado na escrita com os olhos da criança que nunca deixou de ser. "Ruas que se multiplicam, se enredam, se confundem entre si", percorridas por um "dandy metafísico" como lhe chamou Gombrowicz. *A rua dos crocodilos* onde "tudo era cinzento como nas fotografias monocromáticas". Uma rua de alfaiates, como aquele que se transforma num antiquário e

livreiro especializado em matéria erótica. Território de metamorfoses absolutas, de emanações coloridas por detrás das lojas noturnas atravessadas por carros atrelados a cavalos. >>

«E do lado de fora da casa, todo o cenário de um dédalo de ruas, ruelas e pátios para onde se escapava como num estado de depressão profunda, entre "polacos ucranianos e judeus, lado a lado ou misturados, ou talvez nem uma coisa nem outra", e onde viria a ser assassinado com uma bala na nuca pelos nazis, numa manhã fria de Novembro, em 1942. Ruas crepusculares com as sombras sépia e lojas cor de canela, que Schulz gostava de contemplar nas noites de Verão "como um livro mágico": as tabernas, a farmácia, a pastelaria, a chapelaria, o oculista, a livraria, o Liceu.»

Em *O sanatório sob o signo da clepsidra*, uma prosa delirante, envolta numa aura fantástica que embala o quotidiano privado da adolescência mitificada do jovem Joséf (*alter ego* de Schulz), com arquétipos universais fortemente imagéticos a narrativa histórica e geopolítica do fim de um império austro-húngaro.

Num exemplar do *Hebdomadário Ilustrado*, de Varsóvia, que escapou à voragem destruidora do seu espólio literário, e numa carta dirigida a Stanislaw Witkiewicz, Schulz explica a génese da sua obra plástica: "Ainda eu não sabia falar e já enchia quantos papéis encontrava, e as margens dos jornais, com garatujas que despertavam a atenção de quem vivia comigo. Comecei por fazer sempre carros atrelados. O percurso de uma viagem de fiacre parecia-me cheio de importância e simbologia oculta. Com seis, sete anos, nos meus desenhos aparecia sempre a imagem de um fiacre de capota abaixada e lanternas acesas, a sair de uma floresta noturna" (*Letters and drawings of Bruno Schulz: with selected prose*). E em *As lojas de canela*: "Nunca me há de esquecer esta corrida luminosa na mais clara noite de um Inverno. O mapa colorido do firmamento transformara-se numa cúpula enorme onde se acumulavam continentes e oceanos fantásticos cortados pelas linhas dos turbilhões e das correntes estelares, riscos brilhantes da geografia celeste".

Mas havia outro Schulz, o da pintura, aquele que desenhou um alfaiate ajoelhado aos pés da cliente nua, junto a um manequim. Uma vocação anterior à escrita, de habitante de um país ainda mais tenebroso do que aquele que atravessamos nos contos. "Ocupava os ócios a desenhar: numa paisagem de província, para lá da praça vazia do Município, um fiacre a trote levava mulheres nuas com meias e chapéus de palha; machos franzinos de cabeça imensa e olhos febris arrastavam-se aos pés de raparigas sentadas com indolência numa poltrona", como conta – citado por Aníbal Fernandes no prefácio à edição portuguesa de *As lojas de canela* –, o crítico Arthur Sandauer que uma vez lhe apareceu em casa.

E sempre as "cortesãs apocalípticas", colegiais perversas, mulheres maduras, indiferentes e dominantes, nuas ou seminuas, de chicote, anões e velhos rastejando, gatinhando, fetichistas idolatrando-se,

lambendo o próprio corpo, eis a tribo de párias que, em procissão ou solitariamente, habita a região obscura refletida na obra plástica. Particularmente interessante, o "Encontro" [numa ruela da sua cidade natal, um judeu cumprimentando cerimoniosamente duas tentadoras, provocadoras prostitutas], óleo sobre cartão, de 1920, único exemplar sobrevivente da pintura, excetuando dois fragmentários e deteriorados vestígios recuperados daquilo que foi o seu testamento plástico, o mural com cenas de contos que realizou para o quarto do filho do *Hauptscharführer* Félix Landau, membro da Gestapo e seu protetor durante o aziago tempo emprestado que precedeu o seu assassinato.

E donde emana a filiação artística de Schulz? No seu ensaio que integra o magnífico catálogo (*El país tenebroso de Bruno Schulz*), Mónica Poliwka, historiadora de arte e comissária da exposição, escreve que há dois círculos concêntricos na sua obra. Um que estabelece a confluência com a pintura polaca da época: Witold Wojtkiewicz e Wojciech Weiss e, logo, a coincidência geracional com Stanislaw Witkiewicz. E outro, mais amplo, que remonta essa filiação até uma bem precisa deriva negra da arte europeia, onde encontramos a presença seminal de Goya e de Georg Grosz, como sombras tutelares. Comparado a Kafka, a Musil, a Rimbaud – e também a Chagall pela sua obra gráfica – Schulz é todos eles ao mesmo tempo. Segundo Isaac Bashevis Singer, que descobriu a sua obra em 1963, "às vezes escrevia como Kafka, outras vezes como Proust, e conseguiu atingir as profundidades da alma às quais nem um nem outro acederam", Mais tarde, na já citada entrevista a Philip Roth, acrescentou: "Quanto mais leio Schulz, mais o considero melhor que Kafka".

Contemporâneo de Stanislaw Witkiewicz e de Witold Gombrowicz, Schulz formou com ambos a base da vanguarda literária polaca, reabilitada pelo crítico Artur Sandauer após um e outro terem sido proscritos pelo regime comunista. Isaac Bashevis Singer e Tadeusz Kantor reconhecem-lhe a influência na sua obra, tal como a Cynthia Osyck, que escreveu o romance *O Messias de Estocolmo* sobre a busca do manuscrito perdido do romance schulziano, e Philip Roth, Jonathan Safran Foer, Roberto Bolaño e Sergio Pitol.

Drohobycz

Rynek — Ringplatz



S. espiava de sua janela. A amplitude da praça, o parque pelo qual as pessoas passavam, sem deixarem de olhar para baixo, desligadas do que havia em torno, com seus capuzes que lhes cobriam o rosto, deixando apenas de fora os olhos para que não tropeçassem e fizessem com que os outros, do pelotão de trás, as pisoteasse. Os passos sincronizados, as mãos trêmulas que se estiravam ao longo do corpo eram uma imagem única, desprovida de matizes. Todos vestiam roupas sem nenhum atrativo; os corpos semelhantes não os individualizam; os ruídos monótonos não faziam referência a nenhuma música. Caminhavam e desapareciam.

Mais ao longe, se aguçasse o olhar, veria alguns soldados chicotear outro grupo de pessoas, ouviria os gritos, perceberia os rostos plenos, sob os esgares medonhos e ameaçadores, os acordes violentos e vivos, as mãos a se agitarem, os quadris a inventarem passos, uma flor brotar ao acaso entre as pessoas e logo sumir, as cores desenfreadas a se mostrarem nos cabelos, as luzes. As portas se abriam com estrondo. Veria serem as pessoas jogadas para dentro delas, as enghocas, os corpos nus, os leitos em fileiras, os homens ali amarrados.

Se ainda estivesse atenta, perceberia, atrás da porta que se fechara, alguns homens de terno, com seus aparelhinhos luminosos, tocarem uma superfície lisa da qual surgiam imagens harmônicas, interrompidas de vez em quando por um pequeno ruído que os fazia deslizarem o dedo por ela. Surgiam então conhecidos felizes, cujas roupas coloridas encantavam àqueles que as olhavam. Observaria ainda que a sala de repente escurecia e apenas alguns pontos se iluminavam e que os aparelhinhos haviam trocado de mãos.

De sua janela, veria os homens, antes agitados, sorrirem e receberem suas roupas com capuz e serem levados de volta à praça. Caminhavam quietos e cabisbaixos, as mãos tamborilando ansiosas e lentas

na altura dos quadris em direção às suas janelas de onde poderiam observar o espetáculo do mundo, as cores vivas com a quais ele tomava forma e o simulacro de si mesmos caminhando despreocupados pelo parque que não mais notariam.

«Se ainda estivesse atenta, perceberia, atrás da porta que se fechara, alguns homens de terno, com seus aparelhinhos luminosos, tocarem uma superfície lisa da qual surgiam imagens harmônicas, interrompidas de vez em quando por um pequeno ruído que os fazia deslizarem o dedo por ela»



TRILOGIA DA CIDADE DE K.

PAULA
CAMPOS

Um dos livros mais extraordinários que li, devido à dureza do conteúdo. Mergulho implacável na guerra, identidade e memória, que nos deixa um legado marcante de cenas e personagens.

A obra, publicada entre 1986 e 1991, é composta pelos romances *O Caderno Grande*, *A Prova* e *A Terceira Mentira*. Mosaico narrativo que desafia constantemente as noções de verdade e ficção. Fragmentado, como as personagens.

Apesar de espaço e tempo serem indefinidos — as guerras e as suas consequências variam pouco —, podemos deduzir que a ação se passa na Hungria, durante a ocupação alemã e, posteriormente, soviética. A autora, nascida neste país, em 1935, fugiu para a Áustria em 1956, fixando-se mais tarde na Suíça. Escapava da intervenção militar soviética, que reprimiu uma revolta popular contra o regime político imposto após a Segunda Guerra Mundial.

A obra poderia começar pela expressão "Era uma vez...", mas essa fórmula comprometeria a prevalência do sofrimento que a atravessa.

No primeiro livro, *O Caderno Grande*, conhecemos dois rapazes gêmeos, deixados pela mãe aos cuidados da avó, que os trata com dureza, numa zona rural fronteiriça. Como nos contos dos irmãos Grimm. A história é narrada na primeira pessoa do plural, com diálogos secos e descrições breves. Prosa objetiva, quase cruel. Tal estilo pode refletir a dificuldade inicial da autora com a língua francesa, limitação que usou com mestria, mas também a sua experiência como dramaturga. Uma leitura superficial poderia até considerar que a linguagem carece de espessura, de textura, contudo, é deliberadamente usada como instrumento, suporte invisível da narrativa. Secura típica da escola literária da Europa Central, marcada por uma estética de contenção emocional, que acarreta o risco de afastar o leitor, mas também o desafia e fascina. Esta escrita

minimalista, acentuada no primeiro livro, intensifica o impacto da história, sem recorrer ao sentimentalismo. Como afirmam os gêmeos: «As palavras que definem sentimentos são muito vagas.» Assim, a linguagem reflete a brutalidade do mundo ao redor. Para sobreviver, os rapazes criam um sistema de resistência física e emocional, entre a inocência e a crueldade, registrando, num caderno, apenas aquilo que é «comprovadamente verdadeiro.»

No segundo livro, *A Prova*, a narrativa muda para a terceira pessoa e o tom assume a melancolia que persistirá até ao final. Acompanhamos Lucas. Nenhum dos rapazes havia sido nomeado antes, talvez por uma questão de estilo, comum à época. Voluntariamente separados, os gêmeos afastam-se, e o que fica tenta sobreviver à sociedade autoritária e desumanizadora. Saímos da infância brutal, vivida a dois, e entramos na solidão, na perda e na impossibilidade de reconstrução. Surgem paradoxos, discrepâncias, contradições e ambiguidades que nos fazem questionar a existência de dois gêmeos — Lucas e Claus, cujos nomes partilham as mesmas letras, apenas dispostas numa ordem diferente — ou de um único indivíduo, dividido em dois. Uma desintegração de personalidade. O jogo de espelhos que a autora nos propõe sobre a natureza humana vai a meio.

No último livro, *A Terceira Mentira*, o narrador é outro. A história também. Tudo o que acreditávamos saber é recontado de maneira fragmentada. Questionamos espaço, tempo, personagens e acontecimentos. A realidade pode ser apenas um amontoado de versões contraditórias. Um suicídio cometido, outro planeado. Quem é quem? Sabemos que o trauma altera a percepção do tempo e da realidade. Por ser insuportável, talvez seja narrada não como aconteceu, mas como Lucas (e a autora?) gostaria que tivesse sucedido. Ao contrário da

continuidade factual entre os dois primeiros livros, o terceiro é feito de contradições. Afinal, a própria narradora avisa-nos que os três são mentiras . Trata-se de uma obra aberta a múltiplas interpretações. Por vezes, parece não ter havido um plano, o que torna a obra genial. Complexa e muito bem conseguida.

Um engenhoso trabalho ficcional, tecido de uma diversidade de elementos e recursos narrativos aparentemente simples, mas de grande profundidade. Ainda há a considerar a questão da orfandade, irresistível para alguns escritores. Figuras desfavorecidas e desprezadas, os órfãos têm de fazer o caminho sozinhos. Isto suscita a nossa solidariedade e aceitação da crueldade dos gémeos. Ambos perdem o pai e, metaforicamente, a mãe. A vulnerabilidade de uma criança órfã funciona como símbolo de uma sociedade que abdicou das suas responsabilidades. Ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo, a ausência de vínculos familiares — a avó era pouco protetora — permite-lhes evoluir com mais facilidade. Apesar das várias estruturas familiares, os rapazes estiveram sempre entre o dentro e o fora.

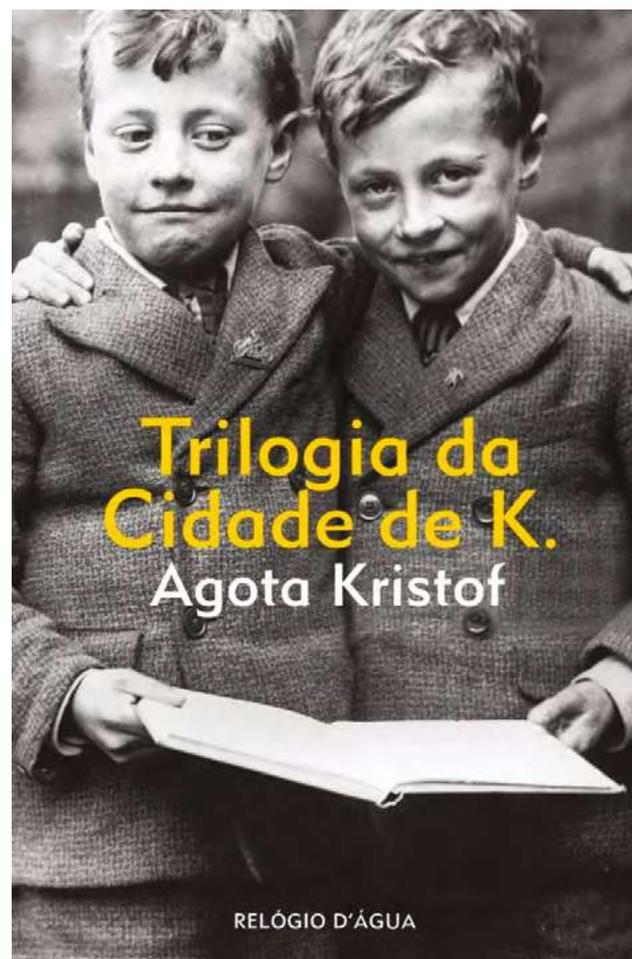
Tal como todas as crianças, também estas representam uma espécie de enigma, por serem semelhantes aos adultos, embora diferentes. Vivem num mundo que criaram para elas. Inquietantes.

Trilogia da Cidade de K. celebra a literatura e a sobrevivência através da escrita.

Inesquecível, confronta o leitor com a brutalidade da existência e a impossibilidade de uma verdade absoluta. Neste universo perturbador, a única certeza é a incerteza. A história alcança o valor máximo na complexidade moral proposta.

Um livro para quem aprecia narrativas psicológicas densas e literatura que desafia a perceção da realidade e não fica fechada nos seus limites.

Que livro!



O JORNALISTA NU

DAVID
ROQUE

Talvez porque não era só tabaco a matéria que saía em torvelinhos do meu cachimbo de arievilo, tomei-me da ideia de me despir completamente para Anieska. Estávamos nus sobre a cama, acobertados pelo calor húmido de agosto, mas o refinamento da minha consciência insistia no luxo da honestidade, a qualquer preço. Os meses de relacionamento cristalizavam numa intimidade desasomborada, vibrátil, completa. Não nos permitíamos romantismo ou emoções adolescentes.

Talvez porque fosse egoísmo não querer carregar o fardo do segredo para todo o sempre, disse-lhe de rompante que era um pé-de-cabra. Riu-se como quem observa uma criança tola a brincar ao faz-de-conta. Porém, eu não fingia. Não sou sequer um humano como tu, expliquei-lhe. Ela empurrou-me com a mão como quem afasta um tolo inconveniente. Chega-te para lá, que este lado da cama já está ocupado com uma maluca. Não há espaço para duas pessoas delirantes na mesma cama. Ai, se fosse delírio. Tenho pés de cabra. Não será de bode?, retorquiu. Aquilo que vês, o jornalista que conheces e com quem te deitas tem cascos e pernas de cabra, não acreditas? Acredito, pois. Amanhã mesmo vou colocar essa informação na primeira página do nosso jornal. Queres que faça uma reportagem.

Na cozinha, bebi uma poção que quebrava o feitiço de vera-figura e voltei para o quarto. Anieska gritou horrorizada, encolhendo-se na cabeceira da cama. Ainda sou eu, sossega, apenas te revelei a minha forma natural de sátiro. Os seios nus tremiam afónicos, incapazes de proferir uma palavra, incrédulos, espavoridos. Anieska, neste mundo existem forças que não compreendes, nem imaginas existir, contudo isso não significa que tudo conspira contra ti. Olha para mim, sou o mesmo Eduardo, o teu Eduardo, o teu colega de redação, o teu amante! Ri-me por entre os golfões adocicados que ferviam

«Talvez porque fosse egoísmo não querer carregar o fardo do segredo para todo o sempre, disse-lhe de rompante que era um pé-de-cabra. Riu-se como quem observa uma criança tola a brincar ao faz-de-conta.»

no cachimbo. Desprendi-o dos lábios e ofertei-lhe, como se fôssemos indígenas de tribos belicosas dispostos a enfrentar ódios e medos.

Meia hora num estado quase catatónico, gaguez, tremelicante, às portas de um desmaio. Depois, fumou. Os pulmões desarticulados puseram-se em sincronia. Cobriu-se com o lençol, como uma nova Eva apanhada de chofre pelo pudor. Sereno, expliquei o meu mundo, as linhas gerais da luta entre os obscuros e os seres mais luminosos. Ao fim de três horas quis tocar o meu corpo, tudo. Sentir o pelo grosso, as orelhas apontadas, os cascos redondos. Por fim, aceitou o novo mundo, a existência de um bestiário que ultrapassava qualquer ficção. Seria a minha aliada secreta, a humana intrometida que desafia as forças imprevisíveis de um universo hostil. Eu continuava a ser eu e Anieska perdurava no seu perfume de emancipação e graça juvenil, negando a si própria a entrega ao medo, ao tolhimento do espírito. Nunca desejou que a vida fosse rotina. Nunca desejou a normalidade. Agora, tinha-me ao seu lado... nu.



A VELHA DESORDEM MUNDIAL

PAULO
PEREIRA

O mundo chegou a um ponto de vileza tal que a falsidade se disfarça de verdade. Querem fazer-nos crer que talvez estejamos enganados e a realidade não seja bem a realidade. Que talvez estejamos distraídos e não sejamos capazes de reparar naquilo que, de facto, está a acontecer à nossa volta. Talvez? Não.

A verdade é que, por todo o lado, se impõe a desumanidade, a falta de escrúpulos, a mentira e a crueldade. Quando um aprendiz de ditador decide invadir outro país soberano e bombardeia civis, numa sádica base diária, indiferente a quaisquer regras do direito internacional, são bem evidentes as suas intenções. Promove massacres de adultos e de crianças, destrói escolas, hospitais e infraestruturas básicas com a mesma indiferença com que almoça por entre o luxo todos os dias.

Quando outro imitador de autocrata usa o genocídio de um povo como arma para disfarçar as falhas de segurança que permitiram um ataque terrorista, fingir interesse no resgate de reféns, eternizar-se no poder, fugir a um julgamento por corrupção e agir sem qualquer tipo de controlo da "comunidade internacional" (que, pelo contrário, lhe admite todos os atos de barbárie sem qualquer consequência), não estão dissimuladas as suas intenções. Também ele bombardeia civis, numa sádica base diária, indiferente a quaisquer regras do direito internacional. Também ele promove massacres de adultos e de crianças, impede a chegada de ajuda humanitária e, com isso, mata pessoas à fome e à sede, destrói escolas, hospitais e infraestruturas básicas com a mesma indiferença com que janta por entre o luxo, todas as noites.

Quando um terceiro psicopata regressa ao poder e ataca as bases do sistema democrático, persegue pessoas, manifesta vontade de anexar territórios e/ou países, proíbe certas palavras e certos livros (?!), ataca direitos, liberdades e garantias, ameaça

aliados, inventa tarifas para espatifar o comércio mundial, retira o seu país de nucleares acordos e organizações internacionais, anuncia uma decisão e o contrário disso em intervalos cada vez mais curtos, é fácil identificar o que está em causa: chama-se delírio e está a causar danos mundiais, alguns deles irreparáveis, todos os dias.

Estes são apenas três exemplos do que está a suceder à escala planetária. Autocratas pululam pelo mundo, promovendo e financiando réplicas de tiranetes, que mais não são do que tentativas baratas de imitação: os mesmos tiques de autoritarismo; a mesma linguagem suja e mentirosa; as mesmas armas vis de manipulação e desinformação através das redes sociais; a mesma sede de poder desmesurado; o mesmo vazio de ideias. Apenas o grito e o insulto como armas quotidianas.

Por toda a parte, o ódio pelos mesmos de sempre é alimentado sem qualquer limite. Ao mesmo tempo, um saudosismo doentio e bolorento dissemina e promete falsos regressos a passados alegadamente gloriosos. Se as sociedades não estão bem, a responsabilidade é do imigrante, do estrangeiro, do desconhecido, do outro. Os retrocessos em áreas como a dos Direitos Humanos são devastadores. As mulheres sofrem com o recrudescimento da violência patriarcal, enquanto as conquistas que demoraram séculos são desconsideradas. Minorias são perseguidas em flagrantes atos discriminatórios. A indignidade tornou-se prática corrente. Apouca-se a cultura. Troca-se ciência por ignorância. Inteligência por disparate. Rigor por deseducação.

Nos meios de comunicação, cada vez mais desprotegidos e sem recursos para cumprir as suas missões essenciais de salvaguarda das democracias, não falta quem pretenda convencer-nos de que se trata da instauração daquilo a que chamam "Nova Ordem Internacional". Mas, se a desregulação é o principal símbolo de quem patrocina todas estas manobras in-



salubres, mesquinhas e cobardes, como pode incluir-se a confusão e o caos na escala da ordem? De facto, o que se desenha é uma espécie de Velha Desordem Mundial, num cenário de assustadora semelhança com os anos 30 do século passado, altura em que os fascismos se afirmaram e conduziram o mundo à barbárie da Grande Guerra e do Holocausto. As características dos "homens providenciais" de então em pouco diferem das dos autocratas da atualidade. Basta recordar algumas delas: culto exacerbado e centrado na sua pessoa, assim como um nacionalismo profundo; fixação doentia no poder militar; racismo e xenofobia no topo do projeto para o respetivo país; expansionismo territorial como aspiração; idêntico desprezo pela liberdade e pelos direitos; a mesma estratégia de atribuição de culpa e responsabilidade pelos males da sociedade a bodes expiatórios como as minorias; controlo ideológico, traduzido em constantes campanhas de desinformação e mentiras, agora nas redes sociais.

Se este fosse o futuro da Humanidade, não haveria futuro. O futuro da Humanidade só pode ser a solidariedade. A defesa intransigente da Democracia, do Estado de Direito e dos Direitos Humanos. O julgamento e a aplicação das devidas penas aos assassinos e criminosos que se aproveitam do poder com rapidez e eficácia.

Mudaram os meios. Acelerou a difusão das mensagens. Mas, por muito que nos vendam táticas velhas como novas, elas não deixam de ser miseráveis e repugnantes. Agora, como há quase cem anos.

«Por toda a parte, o ódio pelos mesmos de sempre é alimentado sem qualquer limite. Ao mesmo tempo, um saudosismo doentio e bolorento dissemina e promete falsos regressos a passados alegadamente gloriosos. Se as sociedades não estão bem, a responsabilidade é do imigrante, do estranho, do desconhecido, do outro. Os retrocessos em áreas como a dos Direitos Humanos são devastadores.»

A BIBLIOTERAPEUTA SUGERE

O REQUINTE DO INACABADO

SANDRA
BARÃO NOBRE

"A biblioterapia procura essencialmente (...) permitir ao Homem escapar a um encarceramento do destino (...) procura sistematicamente sair de qualquer enclausuramento fatal (...)."

Marc-Alain Ouaknin
em "Bibliothérapie: lire c'est guérir"

Admito nunca ter pensado na biblioterapia exactamente nestes termos, mas, perante o desafio proposto para esta edição da Palavrar, ousou afirmar, poeticamente, que a prática biblioterapêutica se alicerça com requinte sobre dois pilares inacabados — as histórias e o ser humano.

As histórias, porque, numa óptica assumidamente existencial e subjectiva, a biblioterapia as considera inesgotáveis, sempre abertas a interpretações novas em função da personalidade, da experiência de vida e da plataforma de conhecimento de quem as lê, as ouve narrar ou vê dramatizadas; e o ser humano, porque a biblioterapia o considera dinâmico e pressupõe a sua disponibilidade para a impermanência, para a mudança, em oposição a posturas rígidas, intransigentes, isto é, acabadas. Este lidar diário com o inacabado em biblioterapia ficou bem patente assim que me embrenhei em leituras sobre as bases teóricas ou filosóficas do método: a palavra devir e os seus sinónimos, como transformação, e termos conexos como desenvolvimento, crescimento ou construção permanente foram os primeiros indícios de que teria de exorcizar parte da coach que fui um dia.

Quando me interessei por esta área, entre 2011 e 2012, foi evidente a falta de formação específica em Portugal. Uma certificação em *coaching* pareceu-me, então, uma boa alternativa já que exige aprender a formular as perguntas certas, a escutar activamente o outro, a identificar as suas necessidades e os seus objectivos, a não fazer juízos de valor e a orientá-lo

nas mudanças que deseja concretizar, capacidades indispensáveis ao bom biblioterapeuta.

Mas se o sucesso do *coaching* se mede pelo atingir de objectivos, de preferência quantificáveis e mensuráveis, num espaço de tempo curto a médio, o estudo e a prática da biblioterapia, nomeadamente da biblioterapia de desenvolvimento, ensinaram-me que a eficácia do processo, mesmo quando medida pelo atingir do grande objectivo que é contribuir para a saúde e para o bem-estar do ser humano, não exige necessariamente um fim, até porque aqueles estados — saúde e bem-estar — não podem ser dados como adquiridos para todo o sempre. A biblioterapia tem, assim, um carácter contínuo e qualitativo, pode espoletar um processo que não acaba, posto em prática pela vida fora e sem preocupações de avaliação quantitativa.

Acresce que a biblioterapia de desenvolvimento é adaptável, flexível e também criativa. Flexível porque não obedece a protocolos rígidos, a regras que devem ser impreterivelmente seguidas (pelo menos por enquanto). É fundamental que os principais momentos do processo biblioterapêutico se verifiquem, com destaque para a identificação e a introspecção, mas com base nesse pressuposto a biblioterapia adapta-se a qualquer pessoa, em qualquer contexto, a qualquer fase da vida e espelha a forma particular de cada profissional pôr o método em prática, com as suas próprias fórmulas e procedimentos sempre ajustáveis e actualizáveis. Esta adaptabilidade justifica a sua veia criativa e exige criatividade aos próprios biblioterapeutas. Também aqui a biblioterapia é inacabada. E, dada a mestria que exige a quem a põe em prática, sinto que é na sua incompletude que reside o seu requinte.

Num mundo em que se deseja que tudo aconteça com rapidez, que tudo se resolva de forma definitiva e imediata para "partir-se para outra", em que

preferimos as respostas simples, fáceis, concisas e fechadas em vez das dúvidas, das incertezas, da complexidade e das pontas soltas, o ser humano vê-se atolado num paradoxo, porque é por natureza inacabado e intrincado e a realidade à sua volta

também o é. Talvez esteja aqui uma das (múltiplas) explicações para a epidemia de ansiedade que vivemos. A biblioterapia, por encarnar com requinte o inacabado, pode ajudar-nos a lidar com estas ambiguidades de forma mais equilibrada e serena.



CLUBE DE LEITURA



O clube de leitura «**O Prazer da Escrita**» tem como principal objetivo fomentar o convívio entre os amantes de livros, a democratização da cultura e o incentivo à leitura.

O encontro literário para discussão do livro escolhido acontece no último sábado de cada mês (ou no primeiro sábado, em função de eventuais festividades ou disponibilidade dos escritores convidados), das 21h30 às 22h30 (horário de Portugal Continental e Madeira).

Seguindo a dinâmica dos clubes de leitura das bibliotecas municipais, o acesso ao clube e a participação nos encontros através da plataforma Zoom é gratuita.

Se desejar aderir a este clube de leitura online, basta solicitar adesão em www.facebook.com/groups/EncontrosLiterariosOPrazerDaEscrita

PRÉMIO LITERÁRIO O PRAZER DA ESCRITA

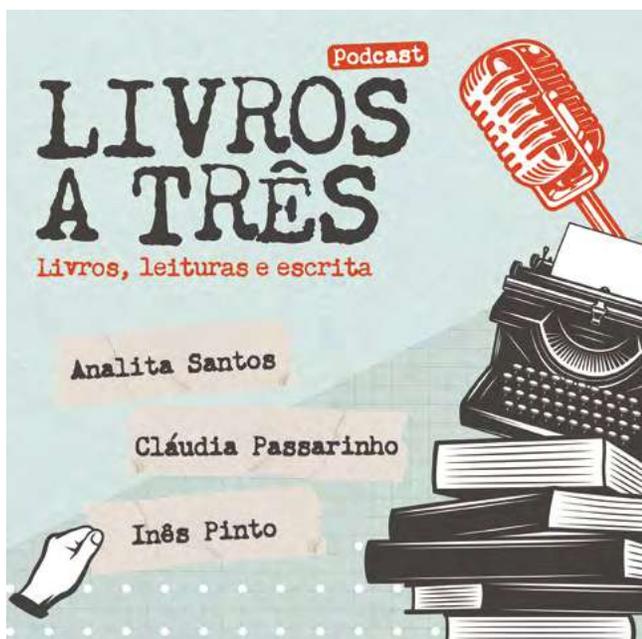
O «Prémio Literário O Prazer da Escrita» terá a sua segunda edição em 2025. Este prémio literário é promovido pelo projeto «O Prazer da Escrita», em colaboração com a Editora Visgarolho. O seu principal objetivo é incentivar a escrita e a leitura de um género tão português como o conto, contribuindo, assim, para o surgimento de novos contistas nacionais. Ao autor premiado será oferecida a oportunidade de publicação através da Editora Visgarolho e um prémio monetário no valor de 500 €.



Mais informações: info@oprazerdaescrita.com



PODCAST



Disponível nos principais [agregadores de podcast](#)



AS – MARKETING E COMUNICAÇÃO PARA AUTORES



**AGÊNCIA DE
MARKETING E
COMUNICAÇÃO
PARA AUTORES**

Na [AS – Agência de Marketing e Comunicação para Autores](#), acreditamos no poder das palavras para transformar vidas e conectar pessoas. Estamos aqui para ajudar a dar vida e visibilidade às suas palavras, seja um aspirante a escritor que quer construir uma carreira literária, um profissional que deseja promover o seu negócio através de um livro, uma editora, ou alguém que quer partilhar a sua história pessoal para inspirar outros.

Somos apaixonados por literatura e estamos comprometidos em dinamizar ainda mais o cenário literário em Portugal. A nossa agência é pioneira no país, oferecendo serviços especializados a escritores e profissionais que desejam destacar as suas obras e mensagens.

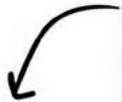
A nossa equipa é composta por profissionais experientes e apaixonados pelo mundo das letras. Com uma vasta experiência em edição, revisão, design editorial, marketing e comunicação, estamos preparados para ajudar os nossos clientes a atingir os seus objetivos literários e a promover as suas obras de forma rápida e eficaz.

Para quem quer escrever melhor e com mais confiança

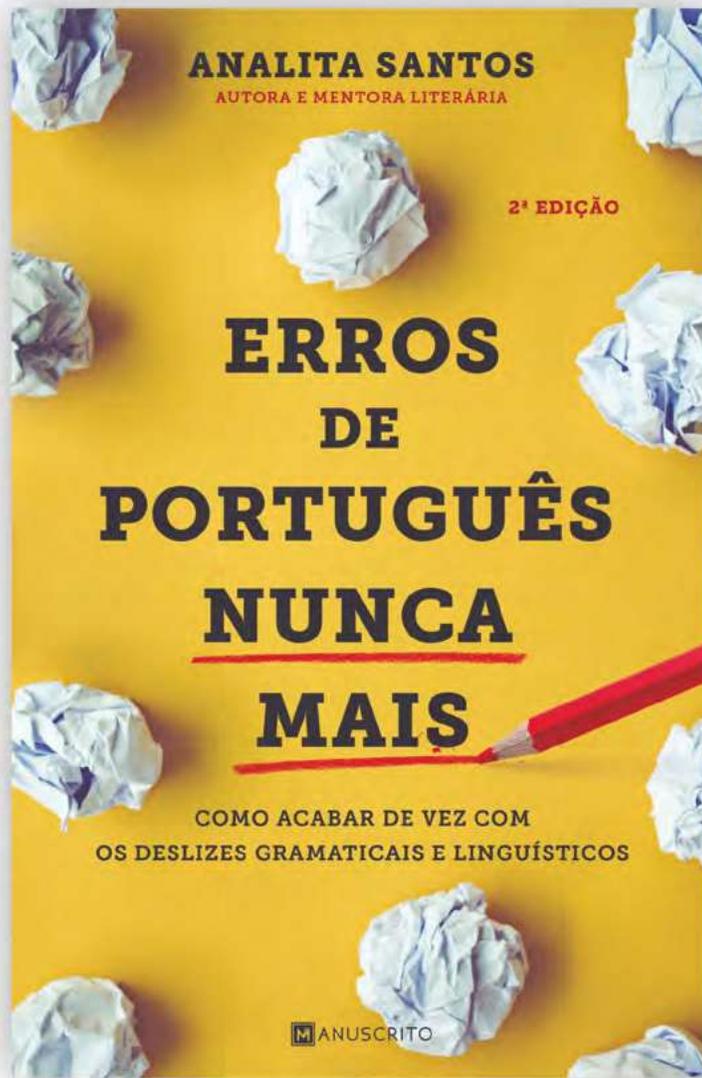
Mais de 250 erros e mal-entendidos frequentes.



Mais de 90 palavras de uso menos habitual para aumentar o seu vocabulário.



Um capítulo especial dedicado à pontuação.



Dez dicas muito práticas para escrever de forma mais eficaz e aprimorar a sua escrita.



Doze sugestões de livros para aprender técnicas literárias.

Mais de 200 citações provenientes de livros de autores portugueses (e não só), retiradas de obras que já leu ou que certamente desejará ler.



À venda nos locais habituais.



Análita Alves dos Santos
O PRAZER DA ESCRITA®

